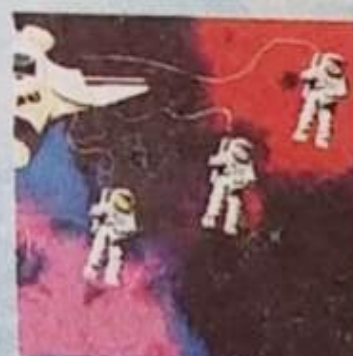


ATUALIDADE ESPÍRITA



AMERICO D. NUNES FILHO
AURELIANO ALVES NETTO
CELSE MARTINS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

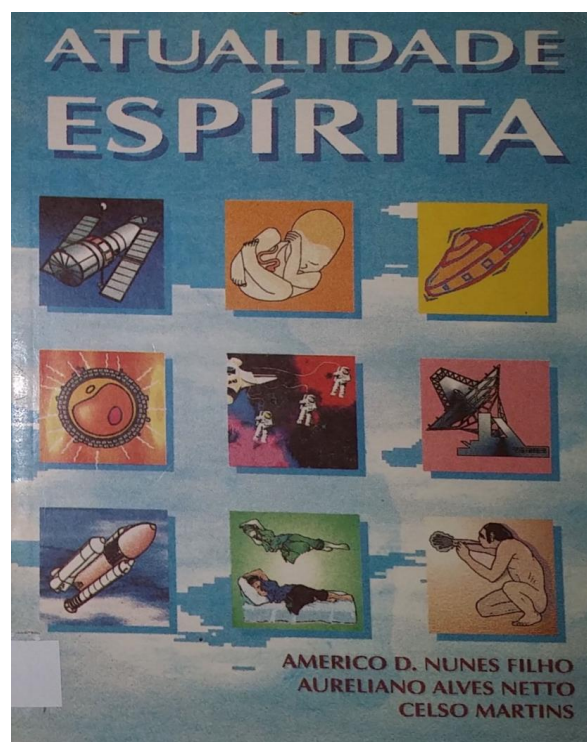
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org



ATUALIDADE ESPÍRITA

Agradecimentos

A edição desta obra só foi possível em razão da valiosa colaboração da equipe de nossos funcionários, e muito especialmente dos amigos e dedicados colaboradores:

Revisão ortográfica do texto:

Gregorio Perche de Meneses Ivan Costa

Capa — criação e arte final: *Ivo Indiano, de Franca, SP.*

IDEDICATÓRIA

Nossa homenagem ao querido Cairbar Schutel, "O Apóstolo de Matão", trabalhador espírita da primeira hora, incansável seareiro de Jesus, valoroso divulgador da Terceira Revelação, corajoso polemista, exponencial tribuno, primeiro radialista espírita, fundador do Centro Espírita "Amantes da Pobreza", de "O Clarim", da

índice

Palavras iniciais.....	
Materialismo e Espiritismo —	
<i>Aureliano Alves Netto</i>	
Ecologia —	
<i>Celso Martins</i>	20
Do átomo primitivo ao arcanjo —	
<i>Américo Domingos Nunes Filho</i>	23
O conflito dos séculos —	
<i>Aureliano Alves Netto</i>	29
Um caso de desobsessão —	
<i>Celso Martins</i>	34
Um recado da Luz —	
<i>Américo Domingos Nunes Filho</i>	37
O egoísmo que se justifica —	
<i>Aureliano Alves Netto</i>	423
O suor da mosquinha —	
<i>Celso Martins</i>	
Daniel, o profeta do Antigo Testamento e sua incrível previsão do futuro	
<i>Américo Domingos Nunes Filho</i>	*
Pena de morte —	
<i>Aureliano Alves Netto</i>	60
Brasil, acorda e levanta! —	
<i>Américo Domingos Nunes Filho</i>	
Ainda pena de morte —	
<i>Aureliano Alves Netto</i>	88
Não matarás —	
<i>Aureliano Alves Netto</i>	93
Espiritismo e criminologia—	
<i>Aureliano Alves Netto</i>	97
Espiritismo e criminologia n —	
<i>Aureliano Alves Netto</i>	
Terceiro Milênio —	
<i>Celso Martins</i>	
Os mortos vivem —	
<i>Américo Domingos Nunes Filho</i>	113
Encontro no ônibus —	
<i>Celso Martins</i>	126

A parábola dos talentos —	
<i>Américo Domingos Nunes Filho.....</i>	135
Batismo para salvar-se —	
<i>Celso Martins.....</i>	141
Desdobramento ou projeção da consciência — auto-revelação da eternidade —	
<i>Américo Domingos Nunes Filho.....</i>	146
Infalibilidade mediúnica —	
<i>Celso Martins..</i>	153
Espiritismo já! —	
<i>Américo Domingos Nunes Filho.....</i>	158
Astronomia e Espiritismo —	
<i>Celso Martins.....</i>	162
Um conceito espírita e sua confirmação inicial pela ciência —	
<i>Américo Domingos Nunes Filho.....</i>	167
O que dizem os Espíritos —	
<i>Celso Afartins\</i>	
Tem sexo os Espíritos? —	
<i>Américo Domingos Nunes Filho.....</i>	—
Comunicações com extraterrenos —	
<i>Celso Martins.....</i>	<i>199</i>
Aborto criminoso —	
<i>Aureliano Alves Netto.....</i>	«g
Ainda aborto criminoso —	
<i>Aureliano Alves Netto.....</i>	<i>196</i>
Jesus conosco —	
<i>Américo Domingos Nunes Filho.....</i>	200
O Evangelho segundo o Espiritismo —	
<i>Aureliano Alves Netto.....</i>	205
Perda de Entes Queridos —	
<i>Celso Martins.....</i>	210
Não à pena de morte —	

Palavras iniciais

Em "Atualidade Espírita" três nomes de valor alicerçam seu conteúdo. O triunvirato espírita, constituído por Américo Nunes Filho, Aureliano Alves Netto e Celso Martins, oferece, de modo simples e ao mesmo tempo sintético, muitas elucidacões e material para estudo e reflexões, acolitados pela Doutrina Espírita.

O nosso tempo é de muitos desencontros e incompreensões, causadores de desequilíbrios da esfera mental e física. De tudo resultam evasões, revoltas e buscas inaceitáveis como mecanismos reacionais. Junte-se a tudo isso o passado de cada

indivíduo eclodindo com suas reações.

Os assuntos do presente livro representam explicações e como que bálsamos para os campos afetivos mentais. A maioria dos seres encontra-se despreparada para tomar um rumo adequado, achando que a felicidade está no imediatismo dos valores transitórios. Ainda não compreenderam que as reações da vida são necessidades de equilíbrio exigindo entendimentos para sua própria marcha. Os recursos do passado, jogados ao desprezo e esquecimento, refletem-se no presente em faltas e dificuldades. O mundo afetivo do pretérito, inconsequentemente palmilhado, projeta-se no presente como um inexplicável vazio e falta de suporte psicológico.

No momento difícil que atravessamos aparecem estas páginas, maduras em conceitos, norteando trilhas a serem percorridas. É contribuição valerosa buscando harmonia e equilíbrio, de modo a concitar os que vagueiam ansiosos aguardando socorro.

O presente livro, com autores de bom quilate espiritual, representa chamamento de responsabilidade e, ao mesmo tempo, lenitivo para as horas difíceis, penumbrosas e amargas, preenchendo os necessitados momentos, de modo mais duradouro, com harmonia, iluminação e Paz.

Jorge Andréa dos Santos

Materialismo e Espiritismo

Aureliano Alves Netto

© Sspuittswo é o mais ImíveV antagonista do matenlaítismo. — Allan Kardec CO Livro dos Espíritos, Conclusão, II)

Materialismo, em sentido restrito, é a doutrina que afirma ser a matéria a única realidade do Universo. Negando Deus, a existência da alma imaterial e sua imortalidade, constitui a própria antítese do Espiritismo.

É um ramo da Filosofia que remonta aos velhos tempos dos filósofos jônios. Leucipo, o criador do atomismo filosófico, seu discípulo Demócrito e Epicuro foram os verdadeiros elaboradores do sistema materialista.

O materialismo permaneceu estacionário na Idade Média, em virtude da predominância do Cristianismo, mas ressurgiu vigorosamente na Atualidade EspíritaRenascença. O século XVIII distinguiu-se pelas suas acentuadas tendências materialistas.

No fim do século XIX, Karl Marx e Frederich Engels estatuíram as bases do chamado materialismo dialético.

E as ideias materialistas se propagaram intensamente pelo mundo, até que começaram a perder terreno na Idade Contemporânea, depois da Lei da Relatividade e da desintegração do átomo, eventos que valeram por uma nova revolução copémica.

Assim que a Ciência provou a insustentabilidade de antigos preceitos dogmáticos e proclamou a unidade matéria-energia, fenderam-se os bastiões da

cidadela materialista.

Einstein anunciou solenemente: "O materialismo morreu de asfixia por falta de matéria."

Pietro Ubaldi sentenciou em *A Grande Síntese*: "A matéria é pura energia. Matéria, no sentido de corpo sólido, compacto, impenetrável, não existe."

O astrônomo V. A. Firsoff assinala: a Física moderna mostra que, "no significado tradicional do termo, não existe matéria".

O Espiritismo, por seu turno, ensina: "A solidificação da matéria, na realidade, não é senão um estado transitório do fluido universal, que pode retomar a seu estado primitivo, quando as condições de coesão deixam de existir."

(*A Gênese*, de Allan Kardec, Capítulo XIV, 6)

Para Demócrito, existe a alma humana, porém é constituída de átomos e está sujeita à decomposição e à morte. Poderíamos entrever aí uma longínqua perspectiva do átomo psicobiofísico, do dr. G. B. Quaglia e da teoria corpuscular do Espírito, defendida por Hemani G. Andrade.

Entendia o filósofo árabe Averróis que a alma é inseparável do corpo, ou mais especificadamente, do cérebro e morre com ele.

La Mettrie, famoso materialista francês, condenou a dicotomia espírito-matéria de Descartes e censurou Leibniz por ter espiritualizado a matéria, ao invés de materializar a alma. Condenaria hoje o seu conterrâneo Jean Charon, autor de *O Espírito*, este Desconhecido, que sustenta a existência do elétron "espiritual", dotado de psiquismo.

E, em seu livro *O Universo Misterioso*, sir James Jeans chega a esta conclusão lógica: "O Universo começa a parecer mais um grande pensamento do que uma grande máquina." Psiquismo e consciência em dimensão cósmica.

Materialismo e ateísmo se completam. Um é corolário do outro.

No seu niilismo inconsequente, o materialismo apregoa que a consciência é apenas uma aparência derivada da matéria. Argumenta, com apurado senso crítico, um colaborador da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*: "Quando considera a consciência como ilusória, o materialismo destrói-se a si próprio, porquanto o materialismo só pode ter sentido para um ser consciente; e se a consciência é tida como vã aparência, pode-se considerar o materialismo como uma das variedades dessa aparência."

Em *O que é o Espiritismo*, Allan Kardec assegura: "O Espiritismo é a negação do materialismo, o qual depois dele perdeu sua razão de ser."

Ao cogito ergo sum (Penso, logo existo) de Descartes, contrapõe o sábio lionês: Existo, logo o nada não existe.

E elucida: "Já não se apela ao raciocínio, à fé cega, para dizer ao materialista que nem tudo acaba com o corpo. Apela-se aos fatos. Demonstra-se-lhe, permite-se-lhe que toque com o dedo e veja com os olhos. E não será de grande importância esse serviço que presta à humanidade e à religião? Isto, porém, não é

tudo: a certeza da realidade da vida futura, o quadro pleno de vida que nos apresentam aqueles cujo ingresso nela precedeu ao nosso, comprovam a necessidade da prática do bem e as consequências inevitáveis do mal."

Com efeito. A bibliografia espírita registra uma imensa gama de fenômenos de efeitos físicos que resistem ao mais aferrado cepticismo: fotografia transcendental, escrita direta (pneumatografia), levitação, materialização de Espíritos, telecinesia (movimento de objetos sem contato com o médium) etc.

No item III das Conclusões de **O Livro dos Espíritos**, observa Allan Kardec: "Demonstrando a existência e a imortalidade da alma, o Espiritismo reaviva a fé no futuro, reergue os ânimos abatidos, faz suportar com resignação as vicissitudes da vida. Duas doutrinas se enfrentam: uma, que nega o futuro, outra, que o proclama e o prova; uma que nada explica, outra que tudo explica e por isso mesmo se dirige à razão. Uma é a sanção do egoísmo, a outra oferece uma base à justiça, à caridade e ao amor ao próximo. A primeira não mostra mais do que o presente e aniquila toda a esperança; a segunda consola e mostra o vasto campo do futuro."

Ao que ressalta J. Herculano Pires num de seus escritos, foi graças às provas espíritas da sobrevivência da alma e à explicação racional dos problemas espirituais que a onda materialista do século XIX pôde ser refreada.

Sem dúvida. A verdade por si mesma se evidencia. Sobre os escombros do materialismo, paira, providencialmente, a luz radiante do Espiritismo.

Celso Martins

Ecologia

É o tema do momento porque o homem percebeu que está destruindo o ecúmeno, os ecossistemas, ao devastar as florestas, ao exterminar as espécies que se fazem raras, ao exaurir descontroladamente os recursos naturais não-renováveis, tomando, no mesmo descompasso, muito estressante a vida nos aglomerados urbanos, inclusive sob a pressão da poluição atmosférica e sonora. Isto sem falarmos na poluição dos mares e dos oceanos.

O fato de sermos espíritas não nos coloca a salvo desta situação nem insensíveis a estes problemas atuais. Assim é que, tendo caído debaixo de meus olhos um boletim da Associação Mundial de Ecologia, com sede em Cotia, São Paulo, dele retiro, data vénia, este oportuno decálogo elaborado pelo sr. W. Paioli, e o coloco à disposição dos leitores para que se faça uma reflexão a respeito. Afinal de contas, já é chegada a hora de existir uma harmonia entre o Homo sapiens e o meio do qual ele faz parte.

1ª) Ama a Natureza, fonte de Vida, honrando-a com dignidade, em todas as suas manifestações;

2ª) Defende o solo onde vives, mas também aquele das demais criaturas;

3ª) Protege a vida dos animais, consentindo no seu abate somente para suprir as

necessidades alimentares, de vez que nem todos são vegetarianos;

4ª) Condena a produção que favorece unicamente o produtor, em detrimento da satisfação das necessidades do consumidor;

5ª) Condena a agricultura irracional, predatória, contaminante, que tanto "sustenta" como elimina vidas;

6ª) Não consumas alimentos suspeitos de incluírem componentes nocivos como aditivos, corantes e conservantes, danosos à saúde orgânica;

7ª) Não compartilhas do modismo vulgar de "desenvolvimento & progresso" que justifica tecnologias destruidoras do meio ambiental;

8ª) Denuncia corajosamente todos os crimes contra a Ecologia;

9ª) Analisa racionalmente o comportamento humano em relação ao avanço técnico e aos clichês políticos; indaga, pesquisa, reflete, contesta, procura esclarecer-te à luz da ciência e da moral com respeito a todos os atos da existência, sem escravizar-te a conceitos e convenções;

10ª) Liberta tua mente e não aumentes as fileiras dos acomodados mentais ou dos servos da hipocrisia, pois eles pretendem tirar proveito do teu ideal.

Para finalizar este capítulo, diria que a chamada Revolução Industrial rompeu o equilíbrio que o homem mantinha com a Natureza, pois até o século XVIII a influência do homem sobre a biosfera era relativamente pequena. Usando de tecnologia adequada, é sempre possível conciliar desenvolvimento econômico como a instalação de novas fábricas, a abertura de novas estradas, a delimitação de novos bairros populares com a proteção das reservas biológicas do Globo. Não é obrigatório disseminar a morte destruindo árvores, devastando áreas cultiváveis, dizimando animais, conspurcando o ar e as águas.

Do átomo primitivo ao arcanjo

Américo Domingos Nunes Filho

A evolução das espécies, negada e combatida pelas religiões tradicionais, devido à má interpretação do Gênesis, de Moisés, tem na Doutrina Espírita uma aliada, porquanto o Espiritismo a compreende e a propaga. No entanto, ele não está de maneira nenhuma de mãos dadas com a Biologia dos materialistas. Esta diz que no mecanismo evolutivo não há participação do fator espiritual, tudo sendo presidido pelo acaso.

A Embriologia mostra-nos uma prova segura da evolução do homem. Durante a formação do organismo físico no cadinho materno, o Espírito recorda as experiências que passou na filogênese: de início, o ovo correspondendo a uma ameba; depois as fases embriológicas comuns aos répteis e às aves. É a ontogênese repetindo a filogênese.

O Espiritismo nos ensina que a evolução se processa nos dois planos da Criação; o espiritual e o físico, havendo sempre interdependência de ambos.

Há na evolução a presença de um fator espiritual dinâmico e atuante, responsável pelas expressões morfogenéticas do seres e que orienta também os átomos dos minerais, dos vegetais e de todos os animais. Diz um poeta do Espiritismo: "A alma dorme na pedra. Sonha na planta. Espreguiça-se no animal. Acorda no homem". Portanto, o princípio inteligente, potente chama divina, evolui em todos os reinos da Criação, em constantes experiências e embates milenários.

A respeito da evolução em toda a Criação nos diz a Espiritualidade: "... tudo serve, tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que começou também por ser átomo." ("O Livro dos Espíritos", questão 540)

No mineral, o princípio evolutivo é responsável pelo comando de forças de atração e coesão; no vegetal, possibilita a sensibilidade, já do conhecimento da Ciência; no animal, gera os instintos e começa a exercitar sua individualização, iniciando seu desligamento gradativo da alma-grupal. Na alma-grupal, o animal executa os atos instintivos da espécie, sem possibilidade de análise. Temos o exemplo das formigas e abelhas, que desenvolvem um trabalho complexo e maravilhoso. Chegado à esfera humana, o princípio inteligente guarda, ainda, resquícios do passado distante. Temeroso e, ao mesmo tempo, ansioso por esse passo, em direção ao futuro, o homem ainda claudica na sua individualidade, tanto que a solidão é o maior sofrimento que a alma nesse estágio experimenta. Daí, o homem ser no presente um ser gregário. Essa experiência é muito bem explanada neste trecho, de uma das obras do grande escritor português, Eça de Queiroz: "... E é impossível não sentir uma solidariedade perfeita entre esses imensos mundos e os nossos pobres corpos. Todos somos obra da mesma vontade. Todos vivemos da ação dessa vontade imanente. Todos, portanto,... constituímos modos diversos de um Ser único, e através das suas transformações somamos na mesma unidade. Não há ideia mais consoladora do que esta — que eu, e tu, e aquele monte, e o sol que agora se esconde, somos moléculas do mesmo todo, governadas pela mesma lei, rolando para o mesmo fim. Desde logo se somam as responsabilidades torturantes do individualismo. Que somos nós? Formas sem força, que uma força impele. E há um descanso delicioso nesta certeza, mesmo fugitiva, de que se é o grão de pó irresponsável e passivo que vai levado no grande vento, ou a gota perdida na torrente!" ("A Civilização")

Conforme o homem vai subindo na escala evolutiva, vai aprofundando-se à procura da essência divina (Cristo Interno) que lhe dá a vida, tomando-se feliz, conquistando a paz, "a que o mundo não pode dar" (João 14:27). Goza da paz por excelência, que provém do âmago do Ser. A mesma vivida por Francisco de Assis, inteiramente harmonizado com as coisas da Natureza, que tanto amou.

Hoje, a não ser a oposição de grupos religiosos ortodoxos, todos aceitam a evolução e não combatem a crença de que o homem provém fisicamente do animal antropóide.

Em relação ao ponto de vista espiritual, Paulo nos diz que o espírito

reencamado (Adão) é alma vivente. Depois da evolução processada, transformar-se-á no último Adão, espírito já evoluído, portanto, espírito vivificante (1 Co. 15:45), não necessitando mais de reencamação na Terra. E continua Paulo: "O primeiro homem, formado na Terra, é terreno; o segundo homem é do céu" (1 Co. 15:47).

Paulo, na mesma Epístola, afirma: "Porque é necessário que este corpo corruptível se revista de incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade" (1 Co. 15:53). É a evolução que se processa na Carne através da reencamação, espelhando a bondade e a justiça de Deus.

Jesus encerrou seu diálogo com Nicodemos, dizendo: "Ora, ninguém subiu ao céu senão aquele que desceu do céu, a saber, o Filho do homem. Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado, para que todo aquele que nele crê, tenha a vida futura" (João 3:13-15).

Diz o querido e saudoso Pastorino: "Os 'apocalipses' ou 'revelações' dos judeus narram histórias de santos varões que haviam subido a mundos 'mentais' conscientemente: esses homens eram denominados 'serpentes'. Nesse sentido é que Moisés 'elevou a serpente' no deserto. De fato, a serpente simboliza a inteligência racional ou intelecto (veja episódio de Adão, quando conquistou o intelecto por meio da serpente), mas quando a serpente é 'elevada' verticalmente, significa a mente espiritual. Sua elevação se dá na 'cruz da matéria' (horizontal sobre vertical) e só depois de elevada na cruz, pode essa serpente conquistar o Reino dos Céus. Todos os que acreditaram nele (que cumprirem seus ensinamentos) conseguirão a 'vida futura', isto é, a vida espiritual superior.

"Se conseguirmos vencer tudo aquilo que nos oprime, nos castiga e nos escraviza, na vida física, estaremos aptos a viver não mais no reino humano, e sim, no reino celestial. Também para consegui-lo, é preciso ter sido 'suspenso', como a serpente de Moisés; é indispensável passar por todas as crucificações da Terra, por todas as iniciações duras e difíceis, dando testemunho da fé em Cristo, ao VIVER seus ensinamentos". ("Sabedoria do Evangelho") (O grifo é do autor).

Que possamos, realmente, enfrentar o mundo fora e dentro de nós, tendo o Cristo ao nosso lado, vivenciando todos os Seus ensinamentos, e exortando-nos ao crescimento espiritual nos embates dolorosos da evolução do espírito. E que não nos maravilhem apenas com as coisas espirituais; é necessário muito esforço e, também, renúncia para chegarmos até o cume da elevação espiritual, ao lado do Cristo, quando ouviremos em nosso íntimo as palavras do Pai: "...Este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado..." (Lucas 15:24).

O conflito dos séculos

Aureliano Alves Netto

υΑ JawíCta setiá sempue a base das sociedades. — Balzac

A Civilização, evidentemente, está em crise. O homem afastou-se de Deus, ensimesmou-se no seu egocentrismo e se julga o dono do mundo. Só cuida do aqui e do agora. Do proveito pessoal imediato, das gloriolas efêmeras, dos prazeres materiais. Na sua estreita visão materialista, não percebe que está cavando o poço lodoso e profundo em que há de, provavelmente, submergir-se e do qual só conseguirá vir à tona após um longo período de reajuste, pontilhado de dores e de lágrimas.

Em termos de imortalidade, o homem só entende a perpetuação do corpo físico. Espera conquistar a imortalidade biológica, embalado nos cantos de sereia da Ciência terrena, que lhe acena com os prodígios da Criologia e outros cerebrinos recursos de igual quilate.

Os governos, em regra geral, refletem as tendências e os anseios dos seus governados. Daí porque é de certo modo compreensível o acomodamento das entidades governamentais ao status sociocultural vigente em suas áreas de atividade.

Compreensível, mas não convincente, de vez que esse comportamento acomodatório revela, muitas vezes, incúria e inaptidão dos dirigentes de massas, em quem se presume alto nível de capacidade administrativa. Negação do princípio de autoridade. Verdadeira anarquia de cegos guiando cegos.

Estas considerações refluíram-nos à mente após a leitura de *O Conflito dos Séculos*, do prof. Arnaldo S. Thiago — esse catarinense insigne cuja vida e cuja obra foram um atestado vigoroso de honradez e trabalho, de cultura e idealismo.

Louve-se, preliminarmente, o substancioso Prefácio, escrito por Nilton S. Thiago, neto do Autor. Trabalho de fôlego, uma espécie de aperitivo para o régio banquete que viria em seguida.

Diz o prof. Arnaldo S. Thiago que desejaria fosse *O Conflito dos Séculos* "considerado um apelo da Família Espirita, quiçá da Família Humana, às potências terrestres, em prol da Paz, a fim de que o Instituto da Família possa cumprir sua bendita ação educadora".

É, na verdade, um apelo, mas também um brado de alerta e um roteiro.

Logo no início do livro, mostra-se o equívoco em que laboram muitos que não entendem o verdadeiro sentido da expressão "Civilização Cristã".

Textualmente: "O homem espiritual não existe para os governos dos povos cristãos, como não existia para os dos pagãos. E chama-se à civilização que tal caminho segue, uma civilização cristã."

Uma impropriedade de conceituação, com efeito. Tal como o Cristianismo sem Cristo e a Psicologia sem alma que certos energúmenos insistem em impingir-nos.

Em sua análise sociológica do mundo atual, o eminente pensador espírita aponta a desídia dos estadistas que não se preocupam senão do homo aeconomicus, como se o ser humano só precisasse de comer e um pouco de se divertir... "quando lhe é

possível dar-se a esse luxo". Reprova o aviltamento das artes, notadamente da Poesia, da Pintura, da Escultura e da Música. Condena a comercialização do esporte e sua prática insidiosa, "dando à canela uma incrível superioridade sobre o cérebro". Insurge-se contra as guerras e a pena de morte. Discorda da ampla permissividade de certas leis que facultam (senão mesmo estimulam) os delitos, para depois, então, punir os culpados, porque o que importa não é punir, mas prevenir. E adverte com muito senso: "O de que precisamos urgentemente é de educar o povo". O que faz lembrar a célebre frase de Miguel Couto: "No Brasil só há um problema social: a educação do povo". Com o que concordamos plenamente. Conquanto não se entenda educação como "mobralização".

O prof. Arnaldo S. Thiago oferece tuna sugestão digna de todo apreço: que se reúnam, sob a égide da O.N.U., os chefes de todas as nações e constituam uma equipe de eruditos legisladores para a elaboração de uma Carta Magna da Humanidade, "com dispositivos peremptórios quanto à utilização de qualquer dos instrumentos, aparelhos ou processos criados pela ciência com objetivos superiores, fora das regras educacionais que lhes foram traçadas, proibindo-os, portanto. Por exemplo: Proibição absoluta de fabricar bombas atômicas ou de qualquer natureza idêntica que seja, proibição absoluta de filmes alheios a objetivos sérios de cultura científica, recreativa e educacional, o mesmo se fazendo com relação a programas de rádio e de televisão e à publicação de livros, revistas e jornais desonestos. Só o que é útil e bom é que merece divulgação".

Numa das páginas finais do livro, indaga o Autor:

— Posto, assim, o problema da paz social em equação, tendo como um dos' termos essenciais a educação do homem, a quem cumpre resolvê-lo?

Ele próprio responde:

— Precipuamente, é claro, nem o assunto é mais suscetível de discussão: aos pais de família. Sem a família, organizada civil e religiosamente, em um mundo como o nosso, não há processo algum viável de educação. Fora do seu âmbito, haverá possibilidade de adaptação do indivíduo a regras e costumes de sociabilidade, a regimes de trabalho honesto e de aperfeiçoamento nas ciências, nas artes, nas letras, na própria filosofia, mas educação, nunca.

Claro como a luz meridiana. Já dizia Lacordaire: "A sociedade nada mais é do que o desenvolvimento da família; se o homem sai dela, entrará corrompido na sociedade".

Hosanas ao pacifista prof. Arnaldo S. Thiago. O seu apelo de Paz, inspirado pelas Potências do Alto, precisa ecoar nos ouvidos dos potentados da Terra.

Um caso de desobsessão

Celso Martins

Determinada pessoa debaixo de terrível perturbação espiritual foi conduzida a um centro espírita na esperança de que ali a criatura pudesse ser atendida devidamente, esclarecendo-se o Espírito obsessor.

Com efeito, o presidente do centro à frente de um grupo de médiuns bem abnegados levou horas a fio atendendo aquele caso, na tentativa de doutrinar a entidade perturbadora. Tudo foi feito: preces, palavras amorosas, esclarecimentos fraternos, passes magnéticos. O obsessor, porém, se mantinha irredutível. Era um Espírito muito endurecido. Não se comovia, não queria de modo algum deixar de atormentar a vítima, que se debatia, urrava, ameaçava destruir tudo e todos.

Lá pelas tantas, já um tanto esfalfados os médiuns e o presidente, vendo que nada conseguiam, resolveram chamar em socorro da vítima uma senhora rezadeira, que morava ali por perto do centro. A pobre da benzedeira, que jamais transpusera aquela porta, veio meio acanhada, meio sem jeito. Veio porque fora convidada para fazer uma caridade. E, tendo vindo, viu o estado lastimável em que se encontrava a doente. Então proferiu um Pai Nosso com tanto sentimento, com tanta pureza de intenção, com o rosto banhado em lágrimas de viva emoção, que para logo o Espírito se aquietou, reconheceu seu erro e, tendo também chorado copiosamente, prometeu afastar-se da enferma que, de fato, passou a apresentar sensível melhora.

Quer dizer, a cura deu-se em questão de uns **15** minutos, se tanto.

Ao sair, a benzedeira se explicou com voz envergonhada:

Pois é, gente... quando foram me chamar, eu até fiquei com receio de vir. É que hoje de manhã, porque fizesse muito frio, eu tomei dois tragos de cachaça!"

É claro que, dizendo isto, não estou dizendo que se deva tomar cachaça para ter forças na hora de doutrinar um obsessor. Aguardente não faz bem a ninguém em circunstância alguma! Médiun ou não — cada qual deve viver bem longe dos alcoólicos. E socorrer, na medida do possível, os alcoólatras. Também devo deixar claro que a mim me falecem condições de avaliar as qualidades morais do presidente do centro e dos médiuns que tentaram esclarecer a entidade obsidente. **Não** tenho a menor dúvida de que eles de fato deram o melhor que havia em seus corações nobres e voltados para o Bem! Tudo fizeram para ser úteis e isto não se pode de modo algum deixar de ser ressaltado! No entanto, aquela humilde rezadeira deu tanto amor, veio com tanta pureza, estava revestida de tanta força moral, que conseguiu, mercê de Deus, asserenar aquele Espírito sofredor que estava causando sofrimento. Extraia você, leitor amigo, deste caso as melhores conclusões!

Um recado da Luz

Américo Domingos Nunes Filho

Estávamos em pleno trabalho mediúnico, em reunião do Grupo Espírita Dimas, quando uma de nossas companheiras se dirigiu ao Diretor Espiritual da sessão relatando-lhe que uma amiga estava em desespero, há alguns anos, por ter perdido seu marido, através de um câncer dizimador (Melanoma).

Que estranha "coincidência"! O desencarnado foi nosso colega e amigo, um cirurgião-infantil hábil e amável.

Para nossa surpresa, o generoso mentor espiritual, através da psicofonia, deixou-nos a seguinte mensagem:

"Minha querida irmã em Cristo, Sônia.

"Paz com Jesus!

"Sabemos que a irmã está passando por momentos muito difíceis. Com muita razão, já que o nosso querido Godoy é seu verdadeiro amor, VERDADEIRO mesmo.

"É preciso deixar bem claro que o amor não acaba em decorrência da morte, esta é apenas aparente.

"Seu amor está bem vivo, não o sentimento mas aquele que o vivifica, Godoy.

"Estou transmitindo-lhe estas palavras com permissão do seu Guia Espiritual, tendo à minha frente, sabe quem? O nosso querido Godoy. Ele está sorrindo e aproveita o ensejo (e nem sempre há esta oportunidade) de mandar-lhe um recado: 'Precisava passar pela experiência da dor e como precisava!...

'Meu amor, eu não tinha paz na consciência, durante o período que antecedeu o meu nascimento na carne. Estávamos sempre juntos; contudo, não compartilhávamos da felicidade, eram frequentes os períodos de lipotimia, minhas pernas fraquejavam, o suor tomava-se profuso e minha mente sempre se achava num labirinto de confusão e desalinho. Meu corpo espiritual, maculado, refletia a desarmonia interior, intensa, que subjogava o meu ser. Muitas vezes falávamos a respeito do futuro, diante da eternidade a que todos nós estamos destinados e, de pronto, o desânimo assenhoreava-nos. O remorso era intenso e cruel. Minha invigilância fez com que arquitetasse e praticasse ações malévolas e a resultante de tudo isto foi a doença que, primordial e primeiramente, tomou conta da minha vestimenta espiritual.

'Graças ao Pai Amado, Criador de todos os mundos, Amor por excelência, foi nos dada a oportunidade da reencarnação. Ao nos reencontrarmos, recebi e você também a flechada de cupido. Daí para frente você bem o sabe.

'De repente, o céu, que estava limpo e azulado, foi ameaçado, em sua pureza, por um temporal com característica violenta e desagregadora. Eu, você, todos os familiares e amigos parecíamos nos encontrar, de imediato, dentro ou no âmbito de um intenso vendaval, de um redemoinho avassalador, que trazia nuvens escuras e sombras marcantes. O desespero tomou conta de todos nós. Reconheço que, em alguns momentos, pensei ter perdido a fé. Quantas vezes olhando para as pessoas, aparentemente desventuradas, em locais pobres e sem higiene, senti certa revolta. Eles, ignorantes e desprovidos da arte de curar, traziam saúde em seus

corpos físicos. Outros, encarcerados nos presídios, ostentando saúde perfeita. E eu? Por quê?

'Após o meu despertamento na vida espiritual, quando me vi diante daqueles a quem tanto estimei na Terra, seres a quem amei intensamente, envolveu-me uma grande alegria e reparei que meu pensamento era fecundo, isto é, conseguia captar vozes que provinham de vários lugares diferentes e convergiam na minha mente. Estava deitado, em uma enfermaria, situada em uma colônia espiritual próxima a minha residência física, e me vi no meu próprio enterro, não entendendo o que estava acontecendo, mas me lembro da grande dor que acometia as entranhas do meu ser.

'Agradeço a Deus, apesar de todo o sofrimento, pelos resultados que couberam a mim: a moléstia que acometia o corpo somático provinha do meu corpo espiritual. Agora estou curado de fato. Não tenho nenhum tumor dentro de mim, todas as células malignas foram materializadas na carne e levadas com o caixão para o interior da terra, para virar pó. Portanto, o que parecia ser uma catástrofe transubstanciou-se num mar sereno e manso, onde não mais ondas inquietantes e bravias se tomavam uma constante. Vivo, agora, a experiência de ser feliz, não tenho mais nenhuma mazela. Estou sarado de todos os males.

'Porém, a felicidade total e absoluta só será vivenciada por mim quando você estiver em paz, conscientizada, agora, do estado em que me encontro. Estou cercado de amigos espirituais, benfeitores e amorosos; alguns deles, em consonância com o bem que fiz na Terra. Não trouxe para cá nenhum rancor, nem ódio. Quantos seres vejo, retomando à verdadeira vida, em completo desalinhamento espiritual, ostentando a maldade dentro de si, trazendo a lembrança de atos cruéis que engendraram na vida física. Comigo, o contrário, a dor purificou-me, depurou o meu interior e me tomou um ser venturoso, em paz. No momento em que você, amor para todo o sempre, canalizar a tristeza necessária, mas infrutífera, para um pensamento recheado de otimismo e de fé, tudo se modificará. Tenho a certeza que também encontrará a paz e gozará da mesma tranquilidade em que me encontro.

'Minha querida, estamos parcialmente distantes; contudo, Deus é Amor e permite, durante o seu repouso noturno, o nosso reencontro diuturno, em espírito. Na verdade você é um espírito encarnado e, obviamente, um espírito também. Quando dormimos na carne, acordamos em espírito. Como a consolo nesses momentos!! Então, o dia amanhece e você volta para o casulo terreno, esquecendo-se dos nossos encontros, iluminados pelas estrelas do amanhã, representando a divindade dentro de nós.

'Somos espíritos eternos, viajando, pelo espaço sem fim, em busca da perfeição. Você, amor da minha vida, tem o ensejo de degustar estas palavras, saboreá-las com o paladar da fé, ao lado daqueles a quem o Pai concedeu a oportunidade da criação e educação. Eles precisam de você, agora, mais do que

nunca. Quando estiverem bem crescidinhos, serei eu que precisarei de você e estarei esperando-lhe de braços abertos, recepcionando-a, em nome de Jesus. Estou incumbido de recebê-la na Vida Eterna e, sob a luz do Senhor, revelar-lhe-ei toda a beleza do Mundo Espiritual que circunda a Terra.

'No momento, dedique-se aos nossos filhos e também lhe peço aos filhos da desventura e da solidão, porquanto todo trabalho de caridade que praticamos repercute em nós como uma dádiva dos céus, sacudindo e iluminando os refolhos mais íntimos de nosso interior. Dedique-se à caridade, vá ao encontro do sofredor, visite os doentes em meu nome. Ao dar ao sofredor a sua presença, mentalize-me que estarei ao seu lado, junto com os emissários do Senhor.

'O maior bem que podemos transmitir a alguém já desencarnado é fazer com que o amor seja praticado movendo o pensamento, em direção ao ser que já se foi. Então, sentimos todos os *eflúvios de reconhecimento* da vida, iluminando-nos intensamente, trazendo-nos o alento necessário para prosseguirmos em nossa jornada espiritual.

Sônia, querida, temos a eternidade diante de nós. Você sofre por mim e está vivendo um passado. O presente é outro. Lembre-se do sofrimento de Maria, perdendo Jesus. Contudo, o Mestre ressuscitou, a morte não existe. Digo morte como algo que leva ao fim de tudo. Muito pelo contrário, a separação do espírito da carne é libertação. É a borboleta que sai do casulo, alçando o vôo da liberdade plena. Aguarde o nosso reencontro final. Vá vivendo como pode, com fé, com vontade, entregando-se de coração a todos que lhe cercam. Breve, com a permissão de Jesus, você atravessará o grande rio e, na outra margem, estarei a sua espera.

'Que Jesus, agora e cada vez mais, o meu Senhor e Mestre, nos abençoe e a todos aqueles que, porventura, tomarem conhecimento dessa missiva de luz recebam do Cristo tudo aquilo que necessitam.

'Um recado dou para todos: Façam o bem sempre! Esparjam a luz da caridade, desfraldem a bandeira da solidariedade e, quando chegarem aqui, sentirão os aplausos e o reconhecimento da grande Harmonia Cósmica, que preside a vida no universo'.

"Sônia, este foi, em realidade, o recado daquele que não somente foi, mas que é e será o seu amor para todo sempre, diante de Deus, sob as vistas da eternidade. Sou um trabalhador do Cristo e trouxe o seu Godoy com a permissão do nosso Mestre. Tenho a certeza de que um novo Sol raiará, banhando o seu renovado espírito. Guarde a fé, quiete o coração, mantenha a serenidade e a confiança. Logo surgirá o amanhecer, despertando-a desse grande pesadelo que lhe acomete agora. Muita paz com Jesus, "Do seu irmão em Cristo, André".

(Mensagem publicada com a autorização da Sr^B Sônia, que nos agradeceu emocionadíssima o Recado da Luz).

O egoísmo que se justifica

Aureliano Alves Netto

Em certos casos, o egoísmo constitui *Mude sublime*. — *Honoré de Balzac*

Não é uma afirmativa sem nexos: — Só a criatura que já se sublimou na vivência do Evangelho pratica o bem desinteressadamente, por amor ao próprio bem.

Os demais — que constituem a esmagadora maioria —, embora aparentemente se revelem, às vezes, de uma abnegação a toda prova e capazes de real sacrifício em favor do próximo, laboram em causa própria, pressurosos da recompensa a que fazem jus pela execução da tarefa meritória.

Os nossos irmãos católicos, com o dinheiro gasto em esmolas e obras pias, pretendem comprar um lugarzinho no céu.

Os protestantes nem se preocupam muito com a prática da caridade, porque acham que a salvação advém da fé e não das obras. Contudo, no próprio esforço pela solidificação da fé, visam ao interesse pessoal: à remissão de seus pecados, requisito essencial ao gozo das eternas bem-aventuranças.

Os espiritas, realmente cônscios de seus deveres, não se limitam a pregar as primícias do Reino e os objetivos finais da Criação. Ação conjugada à palavra, levam o auxílio material aos necessitados que não podem viver sem pão, conquanto nem só do pão possam viver. Serviço muito louvável, sem a menor dúvida, entretanto ainda não escoimado de uns tantos ressaibos de egoísmo. Sublime egoísmo, convenhamos. Mas egoísmo.

Sim. Porque, cientes e conscientes de que a Lei do Amor rege todos os seres e todos os mundos, estabelecendo a Harmonia Universal, não ignoram que amarmo-nos uns aos outros, em última análise, significa amarmo-nos a nós mesmos. Sabem que quem dá aos pobres, acumula talentos no mealheiro da Vida Eterna. Que o maior beneficiado não é o que recebe o benefício, mas aquele que o proporciona desinteressadamente e com sentimento fraterno.

É bem de ver que há egoísmo e "egoísmo". Condenável, evidentemente, o egoísmo, na sua acepção genérica de excessivo apego ao interesse próprio, sem atentar para o dos outros. Porém, se surge outra pessoa a beneficiar-se do nosso egoísmo, então ele não deixa de assumir aspectos de benemerência e, portanto, passível de nova conceituação.

O amor é um egoísmo entre dois — sentenciou Madame de Staël.

"O egoísmo é o homem, ou melhor dito, o objetivo do homem" — escreve C. Bini em Manuscrito d'um Prisioneiro. E acrescenta: "Tirai o egoísmo do homem e fareis dele uma pedra: ele não terá mais razão para praticar o bem, nem o mal. O egoísmo é a única determinante da ação humana".

Paul Gibier assegura: — O altruísmo é o egoísmo verdadeiro.

Em A Grande Síntese, Pietro Ubaldi defende, noutras palavras, o mesmo pensamento: — O altruísmo nada mais é do que um egoísmo mais amplo.

Prossegue Ubaldo: — Assim como no Direito, a força evolue para a justiça, também o egoísmo evolue para o altruísmo.

O egoísmo é uma propensão que o homem traz do berço. Algo assim como o instinto de conservação, que é inato no reino animal.

E como o que é natural tem a sua razão de ser, consoante os altos desígnios do Pai, seria temerário insurgirmo-nos contra aquilo que à primeira vista nos parece despropositado ou ilógico.

O que faz mal não é o uso: é o abuso. Que cultivemos, pois, o nosso egoísmo, todavia sempre atentos para sua outra face, o seu aspecto construtivo. Até que, como os alquimistas medievais, que pretendiam transmutar metais ordinários em ouro, possamos, atingidos os mais elevados graus de evolução, converter o egoísmo em genuíno altruísmo.

Então, haverá condições inequívocas para a aplicação do grande lema: Um por todos, todos por um.

O suor da mosquinha

Celso Martins

Você deve estar estranhando o título acima. É... o suor da mosquinha. Desde quando mosca tem glândulas sudoríparas? Pois é... Na história criada pelo talento do escritor paulista Monteiro Lobato — mosca também sua, sim!...

Bem, a história eu a li em **1954**, ao tempo de aluno de Língua Portuguesa, do professor Ciai Brito (já desencarnado) no então Ginásio Iguazuano, num livro de autoria do Artur de Almeida Torres. Vamos sumariá-la:

Um carro de bois caiu num atoleiro e o carroceiro tudo fez para desembarcá-lo da lama. Os bois puxavam para cá, puxavam para lá, esticavam os músculos, faziam força e — lá pelas tantas — aparece uma mosca. Sem nenhuma cerimônia, o ilustre díptero começou a sua participação na epopeia: pousa na testa do carroceiro. Como ele a espanta, pousa na perna de um boi. Enxotada pela cauda da alimária, pousa no cachoço de outro boi, mas por pouco tempo. Levanta vôo e vai chatear - de novo a paciência do carroceiro. Sai dali e azucrina a paciência de um outro boi, que escoiceia. E prossegue aquela tal mosquinha a voejar daqui para ali, dali para acolá.

Finalmente, num arranco mais violento, os animais retiram o carro do atoleiro para alegria do homem do camno.

Foi quando a nossa impertinente mosquinha, enxugando a fronte orvalhada de suor, exclama exultante:

— "Puxa! Se não fosse eu..."

Caro leitor:

Em todos os departamentos da atividade humana, há sempre disto, sim! Enquanto uns poucos trabalham, e trabalham, dando o melhor de si mesmos, para o

progresso geral, enquanto uns poucos são verdadeiros pés-de-boi, sustentando a obra, na tentativa de arrear o carro do progresso do atoleiro das acomodações e da preguiça generalizada — lá quando o sol está a pino, como se fosse uma enorme brasa a dardejar raios de fogo do céu azul sobre o lombo dos trabalhadores do Bem, eis que surge a mosquinha da fofoca, a mosquinha da intriga, da crítica demolidora e tome de picar a testa de um, o nariz de outro, o pescoço do terceiro, a todos irritando, perturbando, chateando. E quando a coisa vai para a frente, ela então enxuga a testa cheia de suor e exclama:

— "Puxa! Se não fosse eu..."

Não sei se o meu caro leitor está à frente de alguma atividade comunitária e se vê beijado' por uma mosquinha chata e inoportuna da crítica maledicente. Se for o caso, não perca a paciência. A paciência é uma virtude tão difícil de se ter, que não vale a pena perdê-la por causa de meio litro de mel coado. Contra esta mosca existe o DDT que se chama Evangelho, um DDT cujos ingredientes são .silêncio, persistência e perdão!

Outras vezes a mosquinha não é da bisbilhotice, do mexerico, não! É a mosquinha do orgulho, da vaidade, da presunção. Dir-se-ia ter sido a criatura picada pela mosca azul. É óbvio que todos devemos ter alguma dose de auto-estima. Se não gostarmos de nós mesmos, quem mais haveremos de amar? No entanto, também neste caso precisamos cuidado para que este Amor próprio não descambe para o orgulho que é, segundo a Doutrina Espírita, um dos piores inimigos do progresso, não só do indivíduo como de toda a Humanidade.

Sócrates tinha por hábito educar o moço (e eventualmente o não lá não muito moço) fazendo perguntas embaraçosas. Não para humilhar o interlocutor, porém para mostrar o engano, o equívoco em que o outro laborava. Por meio de perguntas adrede preparadas, obtinha dos seus discípulos informações sobre o seu modo de pensar. Depois, continuando a interrogar, os conduzia a retificar eles mesmos os erros do pensamento que por acaso tivessem cometido. Assim, de pergunta em pergunta, acabava Sócrates por apanhar o outro em contradição e assim o ensinava. É o método maiêutico ou da parturição das ideias, numa alusão à sua mãe, que era parteira.

Vou dar ao leitor um exemplo disto.

Um dia, Alcebíades gabava-se, diante do filósofo, de suas imensas propriedades nos arredores de Atenas. O pensador, tendo pego de um mapa geográfico, estendeu-o diante do orgulhoso e indagou-lhe:

— Onde está aqui a Ásia?

Alcebíades indicou o vasto continente. O filósofo prosseguiu:

— Bem, agora indique onde está a Grécia.

O interpelado indicou a posição do território grego. Como era pequena em relação à Ásia! Mas o grande pensador continuou na sua maiêutica:

— E onde está o Peloponeso?

Alcebiades teve dificuldades em encontrar um pequeno ponto do mapa.

— E onde fica a Ática?

Era a Ática um ponto quase invisível.

E Sócrates, que pregava a filosofia “conhece-te a ti mesmo” encerra o bate-papo com a pergunta fulminante:

— Pois agora me mostre onde ficam as suas extensas propriedades.

Elas simplesmente não estavam em nenhuma parte do mapa.

Dirá algum leitor:

— Trata-se de uma questão de escala cartográfica.

Sim, eu sei, trata-se de uma questão de escala,

sim. Porém, sem querer ser impertinente ou chato mesmo, que é o planeta Terra diante do Sol que lhe é apenas um milhão e quinhentas vezes maior? E seria por acaso o chamado astro-rei alguma estrela de destaque no seio da Via-Láctea? E a nossa própria galáxia faz grande figura no conjunto do Universo, onde existem bilhões de outras, às vezes muitíssimo maiores?

Que é da nossa contribuição para a construção de um mundo melhor diante do que muita gente tem feito neste sentido mesmo sem o valioso conhecimento espírita que já temos, heim?

Daniel o profeta do Antigo Testamento e sua incrível previsão do futuro

Américo Domingos Nunes Filho

A presciência de alguns fatos do futuro é tema relevante, ensejando aos que negam sua paternidade divina momentos de intensa reflexão. Algumas ocorrências previstas por médiuns de pressentimentos, uma variedade dos médiuns inspirados (“O Livro dos Médiuns”. Capítulo XV - nº 184), abalam fortemente as convicções materialistas.

É importante frisar, contudo, que a respeito da previsão do futuro, não devemos aceitar a possibilidade dos fenômenos da História estarem com antecedência programados, já que, nesse caso, estaríamos diante da fatalidade, ferindo abertamente nosso livre-arbítrio.

Acreditamos que entidades, situadas em degraus de alta hierarquia espiritual, dotadas de grande conhecimento psicológico, podem, pela experiência e pelo conhecimento, já adquiridos em milênios pela fieira das reencarnações, antever o futuro da humanidade terrestre, sem que os destinos estejam traçados, assim

como um pai pode prever a reação de alguns dos seus filhos.

Um espírito superior, afastado dos parâmetros do mundo físico, vivendo na Quinta Dimensão, dentro da eternidade, num tempo real que não existe, tem a capacidade de saber se determinada criatura será feliz em sua empreitada na vida somática. Daí poder prever o futuro dos que vivem na Terra, "se ele não o faz, é porque o conhecimento do futuro será nocivo para o homem; entrará seu livre-arbítrio; paralisará o homem em seu trabalho, que deve efetivar para seu progresso; o bem e o mal que espera, estando no desconhecido, são, para ele, a prova." ("A Gênese — Ed. Lake, pág. 307)

Allan Kardec, na mesma obra, diz que "o tempo não é senão uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias; a eternidade não é suscetível de nenhuma medida, do ponto de vista de sua duração; para ela, não há começo nem fim: para ela, tudo é o presente". Continua o Codificador: "Se séculos e séculos são menos que um segundo em relação à eternidade, o que será então a duração da vida humana?!" (Capítulo VI pg. 90)

No mesmo livro básico da Doutrina Espírita, capítulo dezesseis, o mestre Lionês faz uma comparação bem ilustrativa: "Suponhamos um homem colocado no alto de uma montanha, a observar a vasta extensão da planície. Nessa situação, o espaço de uma légua será pouca coisa para ele, e poderá facilmente abarcar num só golpe de vista todos os acidentes do terreno, desde o começo até o fim da estrada. O viajante que segue esta estrada pela primeira vez sabe que, caminhando, chegará ao fim dela; eis aí uma previsão simples da consequência de sua marcha; porém os acidentes do terreno, as subidas e as descidas, os rios a vencer, os bosques a atravessar, os precipícios nos quais poderá cair, os salteadores escondidos para lhe saquear as bagagens, as casas hospitaleiras nas quais poderá repousar, tudo isso é independente de sua pessoa; é para ele o desconhecido, o futuro, pois sua vista não se estende além do pequeno círculo que o rodeia. Quanto à duração, ele a mede pelo tempo que consome a percorrer o caminho; retirei-lhe os pontos de referência, e a duração se apaga. Para o homem que está no alto da montanha e que acompanha sua viagem, tudo isso é o presente. Suponhamos que o observador desça para perto do viajante e lhe diga "Em tal momento encontrareis tal coisa, sereis atacado e socorrido"; estará prevendo o futuro; o futuro existe para o viajante; para quem está no alto da montanha, esse futuro é o presente.

"Se sairmos do círculo das coisas puramente materiais, e se pelo pensamento entrarmos no domínio da vida espiritual, veremos esse fenômeno produzir-se numa escala maior. Os Espíritos desmaterializados são como o homem da montanha; o espaço e a duração se apagam para eles. Mas a extensão e a penetração de suas vistas são proporcionais à sua purificação e à sua elevação na hierarquia espiritual; em relação aos Espíritos inferiores, eles estão como o homem armado de um possante telescópio, ao lado daquele que apenas dispõe de seus olhos. Para estes

últimos, a visão é circunscrita, não somente porque dificilmente poderão se afastar do globo, aos quais estão presos, mas porque a materialidade de seus perispíritos veda as coisas afastadas, como o faz a bruma para os olhos do corpo." (pgs. 306 e 307)

Embora os espíritos superiores possam tomar conhecimento do futuro, devido ao fato dos habitantes terrenos estarem subordinados ao seu livre-arbítrio, ignoram as datas precisas dos acontecimentos, desde que o homem exerce a liberdade da escolha e da execução de suas tarefas, adiantando-se ou atrasando-se nesse desiderato. O Mestre Jesus diz, a respeito de sua volta à Terra, que "a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão somente o Pai* (Mateus 24:36).

Na realidade, o futuro não está predeterminado, já que o fatalismo não existe. O homem é responsável pelo que pensa e faz. Através da liberdade de ação, ele representa, no palco da vida, o ator que desenvolve o tema de acordo com a sua vontade.

Com efeito, sabemos que seres dotados de grande potencial de liderança pedem, na vida espiritual, uma outra oportunidade, uma nova chance, para reencarnar e retificar um grave erro cometido no pretérito. E, novamente, falham. Fracassam, apesar da missão bem significativa que lograram alcançar. Não houve fatalidade e, sim, respeito ao livre-arbítrio. É claro que espíritos elevadíssimos com facilidade podem prever o mau êxito dessas tarefas e sabem que "o escândalo é necessário" (Mateus 18:7), para servir como meio de crescimento espiritual para muitos outros seres.

O profeta Daniel, médium por excelência, cativo em Babilônia, fazia parte do grupo de magos e encantadores do rei Nabucodonosor. Este, no segundo ano de reinado, teve um sonho e chamou seus adivinhos caldeus. Ordenou-lhes o conto do sonho e sua interpretação. Não sendo atendido, mandou matar a todos os sábios de Babilônia, dos quais faziam parte Daniel e outros judeus.

Com efeito, o profeta dirigiu-se a Nabucodonosor e pediu-lhe um tempo para que pudesse tomar conhecimento do sonho e sua interpretação. Diz a Bíblia que "foi revelado o mistério a Daniel numa visão da noite" (Daniel 2:19). Sabemos através do estudo do Espiritismo que as Escrituras trazem a verdade, alegoricamente, isto é, oculta sob o véu da letra¹. É claro que, através da projeção da consciência ou desdobramento, ou seja, libertando-se à noite de seu corpo físico, Daniel, no plano espiritual, foi cientificado do sonho e de sua explicação.

Pois bem, através da mediunidade, Daniel tomou conhecimento de acontecimentos futuros de mais de dois mil e quinhentos anos e, em poucas palavras, revela o que os historiadores humanos referiram em vários compêndios

¹* Nota da Editora: Para maior aprofundamento no tema, aconselhamos a leitura do livro "Razão e Dogma", de nossa Casa Editora O Clarim.

didáticos.

O sonho foi o seguinte: "Tu, ó rei, estavas vendo, e eis aqui uma grande estátua; esta, que era imensa e de extraordinário esplendor, estava em pé diante de ti; e a sua aparência era terrível.

"A cabeça era de fino ouro, o peito e os braços de prata, o ventre e os quadris de bronze;

"as pernas de ferro, os pés em parte de ferro, em parte de barro.

"Quando estavas olhando, uma pedra foi cortada sem auxílio de mãos, feriu a estátua nos pés de ferro e de barro, e os esmiuçou.

"Então foi juntamente esmiuçado o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro, os quais se fizeram como a palha das eiras no estio, e o vento os levou, e deles não se viram mais vestígios. Mas a pedra, que feriu a estátua, se tornou em grande montanha que encheu toda a terra" (Daniel **2:31-35**).

Prontamente, Daniel iniciou a interpretação do sonho que, na realidade, descreve um grande episódio da história da civilização:

1- "... Tu és a cabeça de ouro" (Daniel **2:38**), simbolizando o Império Babilónico, cuja capital era ornamentada de monumentos arquitetônicos de inextinguível beleza;

2- "Depois de ti se levantará outro reino, inferior ao teu..." (Daniel **2:39**): Sete décadas após a revelação do profeta, medo-persas invadiram a Babilônia e estenderam a "monarquia de prata" até a Índia. No entanto, o domínio dos persas, embora mais extenso, não apresentava o magnífico poder dos assírios, assim como a prata é inferior ao ouro;

3- É um terceiro reino, de bronze, o qual terá domínio sobre toda a terra (Daniel **2:39**): Ele se refere ao domínio de Alexandre III, o Grande, o precursor do helenismo, que teve Aristóteles como preceptor. Venceu o império persa e apoderou-se de Babilônia. A partir de Alexandre, a civilização e língua gregas divulgaram-se por todo o mundo. Os soldados gregos utilizavam escudos, elmos, couraças e armaduras feitos de bronze;

4- "O quarto reino será forte como o ferro; pois o ferro a tudo quebra e esmiúça" (Daniel **2:40**): Ele prevê o surgimento da monarquia romana, muito mais poderosa que as citadas anteriormente pelo profeta. Um poderio colossal impõe com a força a utilização da língua latina e revela uma triunfante tecnologia: mais de **90.000** quilômetros de estradas cortando as províncias e um exército, equipado de técnicos, de arquitetos e de engenheiros, contendo um total de **300.000** soldados. Usavam o ferro para confecção de espadas e outros armamentos, como também na fabricação de rodas e charretes;

5- "Quanto ao que viste dos pés e dos dedos em parte de barro e de ferro, isso será um reino dividido" (Daniel **2:41**): o profeta prevê o desmoronamento do império romano. Um dos fatores principais da decadência de Roma foram as invasões dos bárbaros, bem violentas no século V D.C., porquanto o exército

romano achava-se em desagregação. Em 476 D.C., foi deposto o último imperador do Ocidente — Rômulo Augusto —, por Odoacro, chefe dos hérulos. Há sessenta e seis anos, em 410 D.C., os visigodos, liderados por Alarico, tomaram Roma. Em consequência das invasões, o Império Romano Ocidental deixou de existir, aparecendo então os reinos bárbaros: os francos, burgundos, suevos, os anglo-saxões, os visigodos, os lombardos, dando formação a algumas nações europeias hodiernas;

6- "... contudo haverá nele alguma coisa da firmeza do ferro, pois que viste o ferro misturado com barro de lodo" (Daniel 2:41): O cristianismo ocupou papel preponderante na integração dos bárbaros, já que os mesmos foram convertidos à religião católica. Ao mesmo tempo os bárbaros respeitavam os romanos, porquanto desejavam ter vida semelhante à do Império Romano;

7- "Quanto ao que viste do ferro misturado com barro, misturar-se-ão mediante casamento, mas não se ligarão um ao outro, assim como o ferro não se mistura com o barro" (Daniel 2:43): Nem pela força, através de Carlos Magno, Carlos V, Luís XIV e Napoleão, se conseguiu amalgamar os reinos em um só império. Nem pela diplomacia e nem pelo casamento entre os nobres dos diferentes reinos houve a fusão dos reinos europeus. Interpretando a profecia de Daniel ao "pé da letra" — "mas não se ligarão um ao outro" — constatamos que o Mercado Comum Europeu, instalado oficialmente em 1958, não conseguirá suprir a grande disparidade econômica que existe entre os membros da Comunidade Econômica Europeia;

8- "Mas, nos dias destes reis, o Deus do Céu suscitará um reino que não será jamais destruído..." (Daniel 2:44).

"Como viste que do monte foi cortada uma pedra, sem auxílio de mãos..." (Daniel 2:45).

"A pedra, que feriu a estátua, se tornou em grande montanha que encheu toda a terra" (Daniel 2:35).

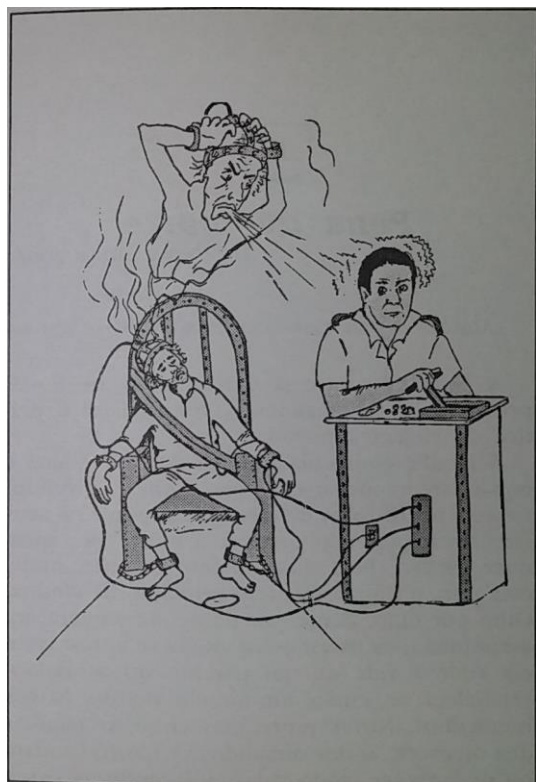
Nosso Mestre Jesus é denominado de "á pedra angular" (Efésios 2:20, 1-Pedro 2:6) e, certamente, Daniel alude à nova Terra, transformada em mundo de regeneração, sob a égide do Cristo.

Que possamos agradecer a Deus, nosso Pai que é Amor (1 João 4:8), pela oportunidade dada a todos nós de tomarmos conhecimento de tão edificante profecia, que se finaliza, anunciando o reino de paz — "uma grande montanha que encheu toda a terra" —, que estará destinado aos que seguirem em espírito e em verdade o Cristo, praticando Seus ensinamentos e sendo recebido no mundo transformado, com o título de servidor do bem.

Nota do autoft Daniel previu a possível falta de unidade dos países europeus ("não se ligarão um ao outro"). Assistimos, perplexos, mais um dado comprobatório de confirmação dessa profecia: a intensa divisão que aconteceu na União Soviética, na Tchecoslováquia e de forma violenta, na Iugoslávia, em nossa época.

Pena de morte

Aureliano Alves Netto



A pena de morte já existia entre os povos primitivos e, originalmente, restringia-se à prática da vingança privada.

A família constituía a única unidade social e o pai, arvorando-se em guia e chefe absoluto, exercia ab libitum o "direito" de punir os seus familiares, podendo ordenar a morte por qualquer motivo. Fora do ambiente familiar, imperava pura e simplesmente o princípio da vingança. Olho por olho, dente por dente. Se alguém era assassinado, os parentes da vítima se apressavam em tirar a vida de um parente do assassino. Estabelecia-se, então, um círculo vicioso. Novos homicídios. Novas represálias entre as famílias dos ofensores e dos ofendidos. A morte rondando os lares, ceifando vidas, solapando as bases do edifício social em formação. Procedimento de bárbaros, imprudente e pueril. Incapaz, de resto, de deter a marcha natural da Civilização, de vez que "o homem é um animal social" e não pode viver fora do seu elemento — a Sociedade.

As famílias primitivas foram se aglomerando em clãs. Do conflito de interesses individuais nasceram as classes sociais e os clãs foram impelidos a arremeter-se num organismo coletivo — a Nação. O meio nacional, no entanto, não podia prescindir de uma organização política como instrumento para a manutenção da ordem comunitária. Daí o surgimento de um novo elemento — o Estado, que mais não é senão "a própria nação encarada do ponto de vista de uma organização política".

Já não predominava o arbítrio dos chefes grupais, via de regra escolhidos

entre os guerreiros ou sacerdotes. O Direito passou a reger as relações humanas, disciplinando preceitos de obediência e estatutando a aplicação de penalidades.

Mas a pena de morte sobreviveu a todo esse processo evolutivo, no tempo e no espaço.

E foram vítimas do "assassínio legal" Sócrates, Joana d'Arc, Giordano Bruno, Savonarola... Sem falar no mais odioso de todos os assassínios: o de Jesus Cristo.

O Código de Hamurabi, promulgado por volta do ano **2000** antes de Cristo (o mais remoto documento legislativo de que se tem notícia), já consignava a pena de morte. Prescreviam-se também as Leis Assírias (**1500 A.C.**) e o Código dos Hititas (meados do século XIV A.C.), o Código de Manu, datado provavelmente de **1300** ou **800 A.C.**, cominava a pena capital para as mulheres que não tivessem conduta virtuosa.

Sucederam-se séculos. Transcorreram milênios. Esboroaram-se impérios. Libertaram-se povos oprimidos. Transfigurou-se o panorama geográfico de vastas regiões. As páginas da História encheram-se de eventos sensacionais: a Renascença, pugnando pelo aprimoramento das artes plásticas e das letras e pela libertação das tendências medievais; a Revolução Industrial, inaugurando a era da tecnologia; os enciclopedistas, procurando consolidar e disseminar a cultura; a Revolução Francesa, pregando Liberdade, Igualdade e Fraternidade; a desintegração do átomo; a Cibernetica; a moderna cirurgia dos transplantes de órgãos; a conquista dos espaços cósmicos. Todo um movimento coletivo visando ao progresso e à implantação da Justiça integral.

Todavia, se atualmente há imenso progresso tecnológico e a Ciência a cada passo vem revelando maravilhas nunca dantes suspeitadas, o homem ainda vê pairar sobre sua cabeça a "espada de Damocles" da penologia vigente aqui e alhures: a pena de morte.

Reza o artigo **3** da Declaração Universal dos Direitos do Homem, proclamada pela ONU, em **10-12-948**, que "todo indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança de sua pessoa".

Trata-se, é certo, apenas de uma recomendação, que não tem força de lei. Mas, se os legisladores e os líderes da Humanidade estivessem cômnicos de suas responsabilidades e realmente integrados na Civilização de que tanto se orgulham, nem precisariam de recomendação nenhuma para assegurar a todos um direito natural — a vida.

Contudo, como prevê a sabedoria popular, "não há bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe".

Dia virá em que a pena de morte passará às calendas gregas.

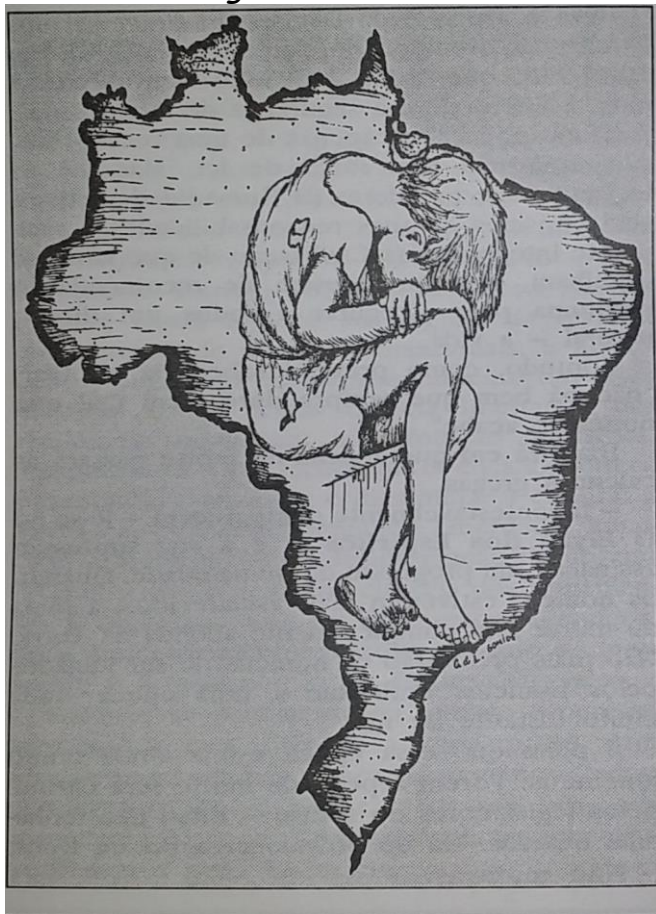
— Incontestavelmente desaparecerá — lê-se no O Livro dos Espíritos — e a sua supressão assinalará um progresso da Humanidade. Quando os homens estiverem mais esclarecidos, a pena de morte será completamente abolida na Terra. Não mais precisarão os homens de ser julgados pelos homens. Refiro-me a uma época

ainda muito distante de nós.

É pena que essa época esteja ainda muito longínqua. Porém a pena de morte será extinta pelos legisladores do futuro — disso não tenhamos dúvidas. Há de prevalecer a Lei de Deus: — Não matarás.

Brasil, acorda e levanta!

Américo Domingos Nunes Filho



Diuturnamente, a sociedade brasileira encontra-se em comoção, sob o impacto da grande divulgação pela "mídia" de crimes hediondos. Como é de costume, vivenciando-se um momento de trauma emocional, infelizmente logo vem à baila a pena de morte como uma possível saída do labirinto do temor e da angústia.

Os setores mais intelectualizados de nossa Pátria sabem que a pena capital não reduz de forma nenhuma a violência e, nos países que a adotam, continuam acontecendo em grande número os crimes mais cruéis e sanguinários. Inclusive, nos Estados Unidos, a maioria dos sentenciados à morte corresponde aos criminosos de baixa renda, incluindo os marginalizados de cor negra e de origem hispânica, que não têm recursos para pagar bons advogados.

A pena de morte representa também um caminho sem volta, já que, depois de executada, a sentença se toma irrevogável. Muitos casos de erro judiciário

ocorrem no Brasil devido ao fato de possuímos uma polícia com uma infra-estrutura técnica assaz deficiente. Ficou famoso o caso dos irmãos Naves, inocentados depois de terem cumprido **22** anos de prisão. É claro que não se pode dar à justiça humana, tão falha, o direito de matar a quem quer que seja e, ao assassinar o criminoso, não está o Estado igualando-se a ele?

É importante que os responsáveis por crimes horrendos recebam penas longas e sejam assistidos por uma equipe composta de psicólogos, educadores e religiosos, visando a uma regeneração que sabemos ser possível. Em nossa cidade (Rio de Janeiro), existe um magnífico trabalho, com os reeducandos penais, desempenhado pela Instituição Espírita Cooperadoras do Bem Amélie Boudet, sob a direção da querida Idalinda de Aguiar Mattos, exortando-os à reforma moral. Muitos daqueles que se encontram encarcerados são beneficiados através do trabalho essencialmente evangélico realizado pelos espíritas, em todos os rincões do nosso país.

Enquanto há vida, há também a esperança do arrependimento e do desejo de melhorar-se moralmente. Até mesmo o criminoso mais contumaz deveria ter a oportunidade da recuperação.

Outro dado importante é dar condições, aos que se encontram na prisão, de trabalharem para o seu próprio sustento. Não deve o detento viver à custa dos cofres públicos; muito pelo contrário, deveria ter a obrigação de trabalhar na terra produzindo alimentos, ou mesmo, construindo moradias e estradas. Uma mão de obra, ociosa, que poderia ser utilizada para o bem comum.

Na realidade, a epidemia de insegurança que nos assola é fruto da lamentável condição em que se encontra o Brasil. A violência é resultante da miséria social e moral que grassa em nossa terra.

Enquanto somos pressionados a pagar uma dívida econômica contraída nos bancos internacionais e já saldada moralmente através do pagamento de juros astronômicos, nossas crianças nascem, crescem e morrem nas ruas. Enquanto uma parte da nossa classe dominante, rica, injusta e egoísta, se locupleta, morando em luxuosas mansões, trafegando em carros importados, navegando em suntuosos iates, uma grave desintegração social se verifica nas terras do Cruzeiro. Nosso país entrou na década de **1990** com um terço da população, cerca de **45** milhões de pessoas, abaixo da linha da pobreza, "vivendo" com uma renda mensal de até **1/4** do salário mínimo.

Herdamos um passado colonial escravocrata e formamos uma industrialização, com exclusão social, onde o trabalhador é pessimamente remunerado e impedido de ascender socialmente. Nossas escolas e hospitais, em completo abandono, refletem a completa decadência social e moral em que se encontra o nosso Brasil.

Segundo dados do IBGE, 15,4% das crianças brasileiras, com menos de cinco anos, sofrem de desnutrição crônica, quando a taxa considerada normal pela Organização Mundial de Saúde (OMS) é de 3%. No Nordeste, 27,3% dessas

crianças são desnutridas, convivendo com a fome desumana.

O crescimento das favelas não se dá mais por êxodo rural, mas pela reprodução da miséria. O poder aquisitivo do trabalhador cai de forma tão intensa que suas condições de moradia se tomam cada vez mais impróprias.

Pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o Brasil tem 33,5 milhões de pessoas classificadas como indigentes.

De acordo com a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), a cidade de São Paulo tinha 1.152.000 desempregados em 1992. A taxa de desemprego passou de 9% em 1990 para 15% em 92.

Em pesquisa realizada pelo professor Fernando Pedrão, da Universidade Federal da Bahia, 60% dos moradores de Salvador vivem em estado de pobreza crítica, ou seja, 1,5 milhão dos cerca de 2,5 milhões de habitantes. A desnutrição atinge 54% das crianças de 0 a 7 anos da periferia da cidade e apenas 30% da população de Salvador moram em locais providos de esgotos sanitários.

Recife é considerada a quarta pior cidade do mundo pelo "American Population Crisis Comitee". A falta de saneamento básico atinge 80% da população urbana de Pernambuco e há 600 mil famílias morando em favelas. Até no sul do Brasil a miséria também se alastra. Segundo a Fundação Metropolitana de Planejamento (Metroplan), em 1981, os favelados dos 22 municípios da região metropolitana de Porto Alegre representavam 8,6% do total de habitantes. Coletado em 1992, esse índice ascendeu para 13,6%, cerca de três milhões de pessoas.

Os dados a respeito da nossa Pátria divulgados na primeira Conferência Internacional sobre Nutrição, organizada pela OMS e realizada, em dezembro de 1992, em Roma, são assustadores:

1) Sessenta e sete por cento dos brasileiros não atingiram os níveis mínimos de consumo alimentar recomendados, de 2.400 calorias/dia, acarretando altos índices de desnutrição e mortalidade infantil;

2) A taxa de morte na infância (64 óbitos por mil nascimentos) só é inferior, na América Latina, aos de Honduras e Bolívia;

3) Trinta por cento da população de crianças e adolescentes (0 a 17 anos) vivem na pobreza absoluta;

4) 75 milhões de pessoas (71% da população) vivem na zona urbana sem esgoto sanitário. Cerca de 13 milhões não têm água potável e 34 milhões sem coleta de lixo;

5) No meio rural, 17 milhões de pessoas (44%) não têm água de boa qualidade;

6) Sessenta e cinco por cento das internações hospitalares são decorrentes de falta de saneamento básico;

7) Doenças, não mais verificadas nos países ricos e industrializados, engrossam as longas fileiras de doentes, como a malária, esquistossomose, doença de

chagas, tuberculose, dengue, sarampo, tétano, etc;

8) Na área rural nordestina, cerca de 40% dos jovens de 20 a 25 anos foram vítimas de nanismo. A média de incidência nacional é de 20%.

O Jornal do Brasil, edição de 20 de dezembro de 1992, traz estampada uma reportagem de grande importância para todos os brasileiros, conscientes do momento grave pelo qual passamos. No periódico está relatado que:

1) "Maceió é a capital das doenças da fome: 26% das crianças que morrem antes de completar um ano de idade são vítimas de diarreia, doenças infecto-contagiosas e respiratórias. Setenta por cento dos doentes mentais do Hospital Portugal Ramalho, único hospício estadual, são da zona canavieira. Quase todos são cortadores de cana entre 20 e 35 anos de idade e ganham menos de um salário mínimo, mas na entressafra (setembro a março) ficam desempregados. Sem meios de subsistência, tomam-se psicóticos ou alcoólatras. 'Quase sempre é a polícia que os interna', conta a psicóloga Artêmia Fátima, uma das coordenadoras de um projeto do hospital para alcoólatras";

2) Em Fortaleza: "Mãe, não aguento mais dormir sem jantar e acordar sem tomar café. Vou roubar." A frase, repetida pelo menino Eudes, 13 anos, custava sempre uma surra da mãe, Maria Joaquina Silva, moradora da favela do Pirambu.

"Sem saber o que fazer, Joaquina levou o filho ao advogado José Airton Barreto, que em 1984, seguindo sugestão do frei Leonardo Boff, fundou na favela — a segunda maior de Fortaleza, com 250 mil moradores — o Centro de Defesa dos Direitos Humanos.

"Airton ouve diariamente histórias como a de Eudes. Mas não esquece de Anselmo, de quatro anos, que no delírio da fome, na noite antes de morrer, perguntou à mãe, Joana Matias: 'Mãe, no céu tem pão?';

3) Na cidade de São Paulo: "Alegres como crianças num piquenique ou agressivos como animais na disputa por comida, 150 homens e algumas mulheres se reúnem no Viaduto Bresser, na zona Leste de São Paulo, para enganar a fome com a sopa que um grupo de voluntários cozinha para eles com restos de verduras e legumes catados nas feiras. Deveria ser uma sopa comunitária, cada um ajudando a seu modo, mas essa gente está tão derrubada que ninguém consegue fazer nada.

"Esses são os lascados, os mais miseráveis dos sofrendores de rua", explica Mariano Gaioski, coordenador da Casa de Convivência, um barracão onde os mendigos tomam banho, fazem curativos, lavam a roupa e se divertem. Quase todos são trecheiros, isto é, andarilhos que passam o dia rodando pela cidade, revirando as latas de lixo, rondando os restaurantes.

" Maria Helena Santos Vidal, 25 anos, viúva e mãe de três filhos, é uma "lascada". Era atendente de enfermagem em Porto Alegre, onde nasceu, mas está há nove meses desempregada. Sobrevive com as sobras das pizzarias e lanchonetes, mas recorre também a outros expedientes. 'Vendo meu corpo para não deixar as gurias passarem fome', confessa Maria Helena que se entrega a

Cr\$ 50 mil por programa.

"O agente de segurança José Aroaldo Estêvão Nunes, que parece um velho aos **31** anos de idade, não consegue mais serviço e, por isso, vive na rua. 'Quando a fome aperta, peço comida nas casas e restaurantes. Sempre tem alguém que dá.'

"A sopa de legumes é bem feita, mas os recém-chegados ao submundo dos "lascados" aderem com relutância. "Só vim aqui porque estou passando fome"; confessou Antônio Carlos, um processador de dados que sabe falar alemão e trabalhou na Auto Latina. Humilhado, ele não revela seu sobrenome nem se deixa fotografar";

4) No Rio de Janeiro: "Rosângela Ferreira dos Santos, **28** anos, oito filhos e esperando o nono, vive embaixo do Minhocão, o viaduto que liga a Lagoa à Barra da Tijuca, com os dois cunhados (seu marido 'sumiu') e mais seis crianças além das suas. Rosângela convive com contradições como a vaidade e a imundície. As crianças, sem calças, engatinham na lama, mas, de vez em quando, a mãe as obriga a calçar um chinelo; numa bacia plástica, pelancas de carne doadas por alguém estão cuidadosamente cobertas com plástico; parte delas cozinha junto com o feijão num fogareiro improvisado; em colchões rasgados e muito sujos, algumas crianças cochilam; a filha Luzia lava a louça numa vasilha com água quase preta, mas água para beber, Rosângela faz questão de pegar no posto de saúde próximo.

" Ao se preparar para ir ao médico — na Ilha do Fundão —, Rosângela não esquece de passar batom. 'Tenho um mioma e tanto eu quanto o bebê na minha barriga temos problemas cardíacos', diz ela, que leva duas horas para chegar ao hospital. 'Mas eu pego o ônibus aqui pertinho', conforma-se"; **5)** Em Recife: "Dona Maria de Lourdes da Silva, **44** anos, deixa o lixão de Olinda com cinco de seus dez filhos. É o momento de ir para casa — um barraco de tábuas de nove metros quadrados —, almoçar arroz, feijão, farinha e descansar de mais um dia de trabalho. Ela e os meninos permaneceram **12** horas entre moscas e mau cheiro, catando papel, latas e garrafas, lixo que lhes rende por semana pouco mais de Cr\$ **100** mil.

"A família de Dona Maria é apenas uma das milhares que, no Grande Recife, enfrentam a miséria **24** horas por dia. A vida dela, que está separada do marido, nunca foi das melhores, mas há cinco anos, quando trabalhava como empregada doméstica, a situação era menos ruim. Desde **87** ela cata lixo para sobreviver. Chega às cinco da madrugada ao lixão, às margens da rodovia perimetral que liga Recife a Olinda. Até o final da tarde, ela e os filhos (com idades entre **9** e **22** anos) conseguem encher **20** sacos, cada um com **12** quilos de papel ou garrafas e latas.

"O que ganho mal dá para comer. Na casa, por sinal, o cardápio não vai além do arroz, feijão e farinha. Carne? A gente só come carne de galinha e, mesmo assim, uma vez na vida, quando o caminhão da granja, que vem despejar as penas, descarrega no lixo restos de peixe e pé", conta.

"Além de garantir uma refeição diária, Maria tem a sorte de chegar ao quinto ano de trabalho no lixão sem qualquer doença. 'De nada me queixo, não tenho coceira, cólera ou coisa pior', diz, enquanto remexe o entulho com as mãos.

6) Em Petrolina (PE): "Há dois anos, o pedreiro Antônio Carlos Velho, **44** anos, e sua mulher, Maria Antônia, deixaram a cidade de Ouricori, sertão de Pernambuco, para fugir da seca e tentar uma vida melhor. Desempregado há mais de seis meses, hoje ele mora em um dos bairros pobres de Petrolina, numa casa de quatro cômodos pequenos que divide com mais **13** pessoas. A comida, um dia feijão, no outro arroz, às vezes só dá para as quatro crianças da casa. Mesmo sem perspectiva de arrumar trabalho, ele não quer voltar para Ouricori.

"Se ainda estivesse lá estaria ganhando Cr\$ **25** mil por dia trabalhando na roça e gastaria a metade comprando água, calcula Antônio. Segundo ele, em Ouricori, uma lata com quatro litros de água custava Cr\$ **2** mil, em novembro de **1992** e sua família consumia ate cinco latas por dia. Durante um ano, ele trabalhou na fábrica de gesso próxima da cidade e pegou uma infecção pulmonar por causa do pó. 'Aqui pelo menos não falta água, e de vez em quando arrumo um empreguinho'.

"Na procura de emprego, os retirantes que chegam às cidades de Juazeiro e Petrolina são atraídos para as lavouras de maconha e encerram sua viagem na cadeia. A região, conhecida no jargão policial como Polígono da Maconha e ponto do tráfico para o Sul do país, abrange **24 municípios baianos e quatro pernambucanos. O delegado José Olavo Farias Bonfim, da Polícia Federal, afirmou que os donos das lavouras contratam colonos para cuidar da plantação e a maioria sabe que é uma atividade ilegal.**

"A alta rentabilidade, o solo próprio para a cultura e a impunidade fizeram com que vários proprietários de terras substituíssem as plantações de melão e tomate por maconha. A última operação realizada pela Polícia Federal aconteceu em outubro, quando **500 mil pés de maconha foram queimados";**

7) E Juazeiro (BA): "A miséria no Nordeste acompanha a rota dos retirantes. Um dos pontos de parada dessa viagem da pobreza rumo ao Sul do país são as cidades limítrofes de Petrolina, em Pernambuco, e Juazeiro, na Bahia. Atraídas pela imensidão do Rio São Francisco e a perspectiva de conseguir emprego nos projetos de irrigação, várias famílias chegam às duas cidades e montam seus barracos de madeira e papelão, formando bolsões de miséria. O pouco de dinheiro que tinham foi gasto na viagem e, além das roupas do corpo, trazem a esperança de um dia ter vida melhor. Com o tempo, o desemprego traz o desânimo e a incapacidade de tomar iniciativas, a não ser a de arrumar as malas novamente.

"O pernambucano Inácio Rodrigues, **40 anos, é um desses casos. Ele chegou a Juazeiro há quatro anos e seu último emprego foi de carregador em um dos armazéns da cidade. Inácio mora na Vila Papelão, um conjunto de **40** barracos com paredes de madeira e barro, cobertos de papelão, localizado atrás do cemitério da**

cidade. Ali as fezes se misturam com o lixo espalhado entre uma casa e outra. Durante o dia, Inácio perambula pelas ruas e encontra coragem num copo de cachaça. Sua mulher e os dois filhos estão na rodoviária esperando por ele e por uma carona para seguir viagem. 'Estou indo para São Paulo. Lá tenho certeza que não me faltará trabalho', disse ainda sob o efeito da cachaça.

"Um dos vizinhos de Inácio é o cearense Francisco José Gama. Há **12** anos ele saiu do Crato, no Ceará, trazendo na bagagem a imagem do Padre Cícero. 'Aqui só tem tristeza. Minha mãe morreu do coração nesta semana e não temos nada para comer. Mesmo assim, não quero voltar para o Crato. Tenho fé que o meu santo padim Cícero vai nos ajudar', disse. Ele dorme em uma espuma fina e cozinha no fogo aparado por dois tijolos. Na última eleição, não teve a mesma sorte de sua vizinha Iolanda Carvalho, que trocou seu voto por telhas. 'Minha casa era de palha, papelão e barro', conta, mostrando seu único documento, o título de eleitor."

As causas primárias da criminalidade se encontram numa sociedade egoística, desumana e cruel, em que se exaltam os valores mundanos em detrimento do espírito, do altruísmo, da solidariedade e da fraternidade, calcados no Evangelho.

A querida mentora espiritual, através da abençoada mediunidade de Divaldo P. Franco, Joanna de Ângelis, na obra "Leis Morais", página **65**, nos corrobora, dizendo: "No fundo das desgraças humanas, o egoísmo sempre aparece como causa essencial". Portanto, a pobreza é resultante do amor excessivo ao bem próprio, sem consideração aos interesses alheios, daqueles que muito possuem. Estes, em grande maioria, à quisa de montarem seus bens em abundância, alimentam as chagas sociais, desestimulam todos os programas de melhoria sócio-econômica e cultural, como também exploram o semelhante visando proveito material.

Sabemos que todos os que assim procedem colherão em próxima existência o que agora semeiam, desde que egoisticamente criaram a extrema riqueza e, conseqüentemente, a extrema pobreza. A "Lei de Causa e Efeito", através do "nascer de novo", aproveita a miséria criada pelo homem, rico e insensível, para que este retome, sofrendo o rigor da fome que ele mesmo engendrou, à custa do seu egoísmo, em vida passada. Contudo, de forma alguma, pode-se apresentar a reencamação de espíritos, uns na miséria, outros na opulência, como pretexto para acobertamento de chagas sociais, já que o ser acossado pela pobreza deve lutar e superar a própria opressão. Sem esse processo dialético não haveria crescimento espiritual, nem tampouco progresso social.

O ser reencamado na miséria precisa se elevar de sua condição pelo seu próprio esforço (a própria opressão leva os oprimidos a superá-la), entretanto necessita certamente de ajuda alheia, até que melhore sua situação, o que não é em absoluto a derrogação da "Lei de Causa e Efeito" e, sim, o uso do livre-arbítrio, em harmonia com a lei do progresso. A espiritualidade diz: "Numa sociedade organizada,

segundo a lei do Cristo, ninguém deve morrer de fome" ("O Livro dos Espíritos", nº 930). Jesus ensinou: "E assim, tudo o que quereis que os homens vos façam, fazei-o também vós a eles; Porque esta é a lei, e os profetas" (Mateus 7:12).

Aquele que prejudica o semelhante, roubando, matando, ou mesmo fomentando tragédias e guerras, se conscientizará de que o mal produzido por ele, criado dentro de si, nele mesmo formará raízes. Em outra vida, desabrochará no corpo físico sua distonia ou deficiência, nascendo em veículo somático doente ou deformado.

A pena de talião é exercida no âmbito espiritual. Portanto, um assassino terá de prestar contas a si mesmo e como espírito eterno receberá a devida justiça nesta existência ou em outra. Ninguém poderá arvorar-se no papel de justiceiro, tentando vigorar o "olho por olho, dente por dente" no plano físico, desde que o próprio Jesus, no Sermão da Montanha, revogou esta pena mosaica, explanando a prática da não-violência e do amor para com todas as criaturas (Mateus 5:38-42).

Quando se pensa em pena de morte, está a sociedade atestando completa ignorância, não sabendo distinguir a verdadeira causa da criminalidade, que, em realidade, se encontra dentro de todos nós, já que através da omissão e do egoísmo, não erradicamos as raízes da violência encontrada na miséria que nos cerca. Ao invés de lutar pela melhoria social de nosso povo, tão sofrido e marginalizado, tentando viabilizar projetos que visem melhores condições de habitação, saúde e educação, é mais fácil, mais cômodo, menos dispendioso, agir na con-sequência, tirando a vida daqueles que, em grande maioria, são vítimas de uma sociedade injusta e anticristã.

Brasil, ainda há tempo: acorda, levanta!

Ainda pena de morte

Aureliano Alves Netto

Na Idade Média, quando se discutia acaloradamente o sexo dos anjos, pontificava Tomás de Aquino que "é louvável e salutar a amputação de um membro gangrenado, causa de corrupção dos outros membros".

— Ora — filosofava o "Doutor angélico" —, cada indivíduo está para toda a comunidade como a parte para o todo. Portanto, é louvável e salutar, para a conservação do bem comum, pôr à morte aquele que se tomar perigoso para a comunidade e causa de perdição para ela; pois, como diz o Apóstolo, um pouco de fermento corrompe toda a massa. (Suma Teológica, Questão LXIV, Art. II).

Esse é o principal argumento de que, ainda hoje, se servem os defensores da pena de morte, num esforço obstinado, posto que insensato, de justificá-la perante a opinião pública.

O argumento não deixa de ter a sua lógica, mas, em verdade, é puro

paralogismo, em flagrante contradição com* os ensinamentos do Cristianismo e os sadios princípios do Direito Moderno.

— Não matarás — eis a determinação gravada nas Tábuas da Lei.

Segundo um velho princípio do Direito Romano, "o fim da pena é a emenda" — o que importa numa condenação da pena capital, de vez que ao criminoso executado não se lhe pode facultar a oportunidade de emendar-se.

— A pena de morte não se apóia em nenhum direito — diz Beccaria.

Em sua obra *Dos delitos e das penas*, ensina o eminente criminalista italiano:

"Para que uma pena seja justa, deve ter apenas o grau de rigor bastante para desviar os homens do crime. (...) Assim, pois, a escravidão perpétua, substituindo a pena de morte, tem todo o rigor necessário para afastar do crime o espírito mais determinado. (...) Numa nação em que a pena de morte é empregada, é forçoso, para cada exemplo que se dá, um novo crime; ao passo que a escravidão perpétua de um único culpado põe sob os olhos do povo um exemplo que subsiste sempre e se repete".

Instado a pronunciar-se sobre a pena capital, respondeu categoricamente o renomado jurisconsulto brasileiro Clóvis Beviláqua:

— Sou contra, pelo seu caráter definitivo e pela falibilidade dos julgamentos humanos.

A precariedade dos julgamentos humanos, com efeito, constitui um sério entrave à perfeita aplicação da justiça. A História regista, lamentavelmente, um número considerável de erros judiciários.

Em **1927** foram eletrocutados nos Estados Unidos os emigrantes italianos Nicolau Sacco e Bartolomeu Vanzetti, acusados de assassinio e roubo. Antes da execução, um dos verdadeiros criminosos, Celestino Medeiros, confessou sua culpa e inocentou aqueles dois condenados, mas a "justiça", inflexível, não quis reformular a sentença. Mandou matar os três...

Muito tempo depois, morria Carryl Chessman numa câmara de gás da Penitenciária de San Quentin, na Califórnia, sob a acusação de ser o terrível "bandido da luz vermelha". Posteriormente descobriu-se a verdade: o "bandido da luz vermelha" era o gangster Charles Terranova, conforme declaração de sua própria viúva.

Outro caso: na prisão do Distrito de Colúmbia, Charles Bemstein estava prestes a perder a vida na cadeira elétrica, quando chegou, esbaforido, um mensageiro com a ordem da comutação da pena em prisão perpétua. Teria morrido se o mensageiro houvesse se atrasado alguns minutos. Curioso é que, dois anos após, surgiram provas irrefutáveis de que Bemstein era inocente do crime que lhe fora imputado. Foi posto em liberdade.

Não é raro ouvir dizer que a pena de morte evita o crime, por causar pavor à pessoa que intenta praticá-lo.

Nada menos exato. Em quatro Estados norte-americanos que aboliram a pena

de morte, decresceu o número de homicídios. O maior índice de crimes de morte ocorreu precisamente nos Estados em que prevalece a pena capital.

O capelão da prisão britânica de Bristol declara que, de **167** homens que ali aguardavam a execução, **164** já haviam presenciado um enforcamento.

O certo é que, como observa Beccaria, a experiência de todos os séculos prova que o "assassinio legal" nunca deteve celerados no caminho da delinquência.

Há quem alinhe, entre outras "vantagens" da pena de morte, uma de ordem estritamente econômica. Fica mais barato matar o criminoso do que sustentá-lo anos a fio ou durante toda a vida numa penitenciária. Então, seria o caso de perguntar: por que não exterminar também os portadores do mal de Hansen e os loucos e os velhos, ao invés de gastar o dinheiro com sanatórios, manicômios e asilos? Estaria aí uma versão atualizada, revista e melhorada do piedoso preceito de Tomás de Aquino...

Quem está com a razão é o Ministro da Justiça da Bélgica, que afirma:

— Chegamos à conclusão de que a melhor maneira de ensinar a respeitar a vida humana está em nos recusarmos a tirá-la em nome da lei.

De acordo. É estultícia punir o crime com outro crime. Não se apagam labaredas com gasolina.

De resto, a "lei de conservação" assegura ao homem o direito à preservação da vida, porém não lhe é lícito, a pretexto de defesa pessoal, ou coletiva, roubar o mesmo direito do seu semelhante. "Há outros meios de ele se preservar do perigo, que não matando. Demais, é preciso abrir e não fechar a porta do arrependimento". (O Livro dos Espíritos, Questão **761**).

Afinal, se todos já estamos, desde o nascimento, "condenados" à morte, para que atentarmos contra a lei natural, assumindo novas responsabilidades e sujeitando-nos a novas condenações?

Não matarás

Aureliano Alves Netto

No próprio Estado do Vaticano vigora a pena de morte, estabelecida pelos tratados de Latrão, firmados pelo cardeal Pacelli, mais tarde Pio XII.

Quem o afirma é o padre Emílio Silva, catedrático de Direito Canônico da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, numa entrevista que concedeu à revista Manchete.

Adianta o reverendo que Pio XII defendeu mais de vinte vezes, em seus escritos, a "liceidade da pena capital".

A Igreja Católica não arreda pé de seus velhos preceitos doutrinários.

Proclama o padre João Pedro Cury, no seu Compêndio de Teologia Moral:

É lícito matar os malfetores por autoridade pública. *A pena de morte é um meio necessário para a promoção do bem comum de toda a sociedade, e até para a

própria conservação da sociedade; o que na verdade ordinariamente não se pode obter, senão pela morte dos homens malvados. E não pode nem deve dizer-se que Deus não dotara a sociedade com este poder, sem o qual a sociedade não poderia subsistir”.

Tomás de Aquino, por sua vez, acha “louvável e salutar, para a conservação do bem comum, pôr à morte aquele que se tomar perigoso para a comunidade e causa de perdição para ela”. (Suma Teológica, Questão LXTV, Art. II).

Em abono dessa concepção nada angelical do renomado “Doutor angélico”, poder-se-ia procurar justificativa nestas passagens da Escritura:

“O que ferir um homem, querendo matá-lo, seja punido de morte. (...) O que ferir seu pai ou sua mãe, seja punido de morte.” (Êxodo, **21:12 e 15**). “O que ferir ou matar um homem, seja punido de morte. (...) O que ferir qualquer dos seus compatriotas, assim como fez, assim se lhe fará a ele: quebradura por quebradura, olho por olho, dente por dente; qual for o mal que tiver feito, tal será o que há de sofrer.” (Levítico, **24:17, 19, 20**).

Além de estarem essas disposições punitivas em flagrante contradição com a ordenação maior Não matarás, contida em Êxodo, **20:13**, há a considerar que, na chamada lei moisaica, evidenciam-se dois aspectos distintos: a Lei de Deus, promulgada no monte Sinai, e a lei humana, disciplinar, decretada por Moisés. A primeira é invariável; a segunda, modificável com o tempo, segundo os costumes e o desenvolvimento moral e cultural do povo.

Argumentam-se que, no tempo de Moisés, houve necessidade de leis drásticas, sem as quais seria muito difícil, senão impossível, impor a ordem numa comunidade inculta e rebelde. Não se pode dizer que a pena de morte, naquela época, fosse plenamente justificável; mas era, pelo menos, compreensível.

A Humanidade, ao afastar-se do seu estado de barbaria, foi paulatinamente encetando a escalada evolutiva que a conduzirá, um dia, ao reino da Paz e da Felicidade.

Surgiu, com o Cristianismo, a aurora de uma nova era. Jesus veio ensinar e exemplificar a verdadeira Lei de Deus. Pregou o amor, o perdão e a tolerância. A partir de então, não mais se poderia admitir a lei do “olho por olho, dente por dente”, que tinha a contrapor-se-lhe a nova lei do “Amai-vos uns aos outros”. E quem ama é capaz de sacrificar a própria vida em benefício de outrem, porém jamais de matar o seu semelhante.

Todavia, a evolução não se processa aos saltos e, apesar dos excelsos e serenos ensinamentos do Mestre, os legisladores e os juizes continuam mandando matar. Contudo, se, antes, os carrascos matavam com requintes de crueldade, queimando, lapidando, esfolando, crucificando — torturando da maneira mais ignóbil —, agora já procuram matar sem ou com o mínimo de sofrimento, como acontece atualmente com o uso da cadeira elétrica e da câmara de gás. Isso é apenas “dourar a pílula”. No entanto, é uma etapa do processo reformatório da penologia vigente.

— O progresso social — observa Kardec — ainda muito deixa a desejar. Mas, seria injusto para com a sociedade moderna quem não visse um progresso nas restrições postas à pena de morte, no seio dos povos mais adiantados, e à natureza dos crimes a que a sua aplicação se acha limitada. Se compararmos as garantias de que, entre esses mesmos povos, a justiça procura cercar o acusado, a humanidade de que se usa para com ele, mesmo quando o reconhece culpado, com o que se praticava em tempos que ainda não vão longe, não poderemos negar o avanço do gênero humano na senda do progresso.

E o progresso não pode estacionar. Portanto, decorrendo dele, urbi et orbi, a abolição da pena de morte, esta fatalmente, mais dia, menos dia, tomar-se-á uma esplêndida realidade.

Não há outra alternativa. É preciso esperar.

Espiritismo e criminologia I

Aureliano Alves Netto

Vem de longa data o interesse dos estudiosos pela exata conceituação do homem delinquente e pela indagação dos motivos que o levaram a delinquir.

Já Alcmeón de Crotona, médico grego, que viveu no século VI antes de Cristo, dedicava acurada atenção aos cadáveres de assassinos, procurando sinais de sua tendência criminosa.

Hipócrates, o "Pai da Medicina", 460 anos A.C., salientava a necessidade de se conhecer a personalidade do homem para elucidação das causas de seus desatinos. Nos séculos XVIII e XIX de nossa era, eminentes pensadores tentaram dilucidar o fenômeno do crime: José Gaspar Lavater, com a sua teoria da Fisiognomonia; Francisco José Gall, com a concepção da Frenologia; J. Abercrombie, aventando a hipótese da "mania moral", segundo a qual "todos os sentimentos retos são abolidos, ao passo que a inteligência não apresenta desordens"; Lombroso, criando a Antropologia Criminal; Enrico Ferri, instituindo a Sociologia Criminal; Garofalo, defendendo a teoria de que o crime é sempre a revelação de um caráter degenerado. Garofalo, aliás, foi quem cunhou o termo "Criminologia", ciência experimental (ou filosofia do Direito Penal), da qual ele, Lombroso e Ferri são considerados precursores.

Apesar de relativamente jovem, a Criminologia vem se empenhando com algum êxito na pesquisa da etiologia do crime e na procura de meios para erradicá-lo ou, pelo menos, diminuir o índice de sua incidência, dispensando especial cuidado às normas punitivas e à recuperação dos criminosos.

A fim de melhor consolidar suas bases, a nova ciência acolhe, de bom grado, contribuições de vários ramos científicos: antropológicos, endocrinológicos, genéticos, biotipológicos, sociológicos e psicanalíticos.

Adentrando-se pelos departamentos da Sociologia, a Criminologia se estriba

nos princípios que norteiam a Teoria do Comportamento, atribuindo singular importância às novas ideias de Nikolas Tinberg e Konrad.

No campo da Psicologia, faz-se apologista da teoria da "conduta operante", de Skinner, "última conquista da psicologia clínica penitenciária", na opinião de Mário Otávio Nacif.

Von Henting, em **1848**, ao publicar sua obra *The Criminal and his Victim*, criou a teoria da "Vitimologia", assegurando que a gênese do crime reside, muitas vezes, na provocação da vítima, sendo esta tão culpada quanto o criminoso. Assim, surge a curiosa figura da "vítima nata", em contraposição ao tipo lombrosiano do "criminoso nato". Parece ser essa a última "novidade" da Criminologia.

Convenhamos que, imbuídos dos melhores propósitos, os senhores criminologistas vêm alcançando apreciáveis resultados em seus estudos e investigações.

Todavia, enquanto permanecer a tendência materialista que os caracteriza, jamais chegarão ao cerne da questão, isto é, ser-lhes-á impossível conceituar o crime em suas exatas dimensões. Porque quase que só estudam aquilo que vêem a olho nu: o fato documentável e o homem apenas como estrutura biológica. Ao passo que o crime, não raro, pode ocorrer sem deixar indícios, tomado-se imperceptível à estreita visão dos investigadores; e é na alma do criminoso que se faz presente o instinto dá delinquência.

Na Introdução à sua excelente obra *Curso Completo de Criminologia*, afirma o prof. Vitorino Prata Castelo Branco:

"Selvagem e egoísta, todo homem é um criminoso em potencial, pronto para furtar, agredir e matar aqueles que o contrariam e que o atrapalham nas suas ambições".

Concordamos com tal assertiva, conquanto entendendo que, aí, a propensão do crime é atribuída, não a todos os homens genericamente, mas a todo homem... enquanto "selvagem e egoísta". Seria um absurdo admitir-se, por exemplo, que um Francisco de Assis, ou mesmo um Gandhi, houvesse nascido com tendência criminosa.

Pouco adiante, deparamo-nos com este conceito:

"Quanto melhor educado é o homem, mais pacífica é a sociedade da qual ele faz parte."

Ainda dizemos "apoiado", pois a sociedade não se aquilata propriamente pela totalidade dos que a constituem, e sim pela maioria que lhe estabelece o padrão cultural e moral. A minoria é parte vencida. Só lhe resta adaptar-se ou marginalizar-se.

Noutro passo, pontifica o prof. Castelo Branco:

"Enquanto houver um agrupamento de homens sobre a Terra, haverá crime".

Aqui é que ousamos divergir do eminente criminologista.

O progresso é lei da Natureza. Um dia, posto que ainda longínquo, a Terra

atingirá a categoria dos "mundos superiores" e não propiciará mais clima para a perpetração de crimes nem para a prática de qualquer outra ação maléfica.

Os criminologistas chegarão, forçosamente, a essa conclusão, quando se dispuserem a estudar o homem, não apenas como substância física e "feixe de reflexos", mas em toda sua integridade corpo-alma. Então, a problemática do crime deixará de ser um enigma indecifrável e se encaminhará para soluções lógicas e proficientes.

No caso, o Espiritismo tem inestimáveis subsídios a oferecer.

É o que procuraremos demonstrar no próximo capítulo.

Espiritismo e criminologia II

Aureliano Alves Setto

Deolindo Amorim, ex-Presidente do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, em seu livro *Espiritismo e Criminologia*, aborda em profundidade a problemática do crime.

O Autor não se entrega a divagações. Vai direto ao assunto, com aquela clareza e aquela segurança que lhe eram peculiares.

Mostra que, em Direito Penal, não se pode fazer tabula rasa dos postulados da Escola Clássica, da Escola Antropológica, nem da Escola Eclética (ou Sociológica). Afinal, em cada uma delas, há algo de verdadeiro, sob determinados aspectos. Mas todas pecam pelos seus pontos-de-vista extremados: a Escola Clássica, que responsabiliza inapelavelmente o delinquente pelo uso do seu livre arbítrio; a Escola Antropológica, de conotações nitidamente deterministas; e a escola dialética, que se fundamenta **determinismo sociológico, admitindo, no entanto, o livre-arbítrio em certas circunstâncias.**

Deolindo Amorim explica que, embora rejeitando a tese do livre arbítrio em sentido incondicional, *o Espiritismo também não vai ao extremo oposto de subscrever todas as premissas da Escola Antropológica*.

E aduz: "Cabe, agora, uma pergunta: afinal de contas, qual é, então, depois de tudo isto, a posição do Espiritismo em face do problema criminal? Sua filosofia é determinista? Em termos absolutos, não! Notemos bem: em termos absolutos... Até certo ponto, o Espiritismo admite o determinismo, sem chegar, porém, à solução radical de negar o livre-arbítrio, porque já dissemos que toda a sua filosofia parte do princípio de responsabilidade. Para o Espiritismo, "livre-arbítrio e determinismo* são conceitos complementares, porque coexistem em relação ao estado de ignorância ou de progresso espiritual. Desde que não haja livre-arbítrio, não há responsabilidade."

Demonstra que é inaceitável o modelo do "criminoso nato* da concepção lombrosiana, esclarecendo que "O criminoso nato, segundo o Espiritismo, é um espírito que rccncama com antecedente» compatíveis com o seu atraso moral; não

é um efeito de hereditariedade, como não é uma vítima inocente da fatalidade conjugada às anomalias anatómicas*’..

Diríamos que o “criminoso nato” é herdeiro de si mesmo e esposamos o pensamento de Fernando Ortiz: “Com efeito, para que um homem roube ou cometa um delito, é necessário, dentro do evolucionismo especial de Allan Kardec, que o Espírito desse homem, que não pode retroceder, traga à sua encarnação esse morbo delituoso em estado latente, para cujo tratamento lhe foi imposta a nova vida terrena”.

Além do mencionado “morbo delituoso”, devemos ter em conta que o perispírito (modelo organizador biológico) delinea o corpo material do reencarnante, imprimindo, quando necessário, em determinados órgãos, as anomalias que lhes impeçam o funcionamento normal. Disso resulta que não são as degenerescências somáticas, como certas protuberâncias cranianas, que determinam os estados patológicos ou predisõem o indivíduo ao crime. É o próprio Espírito que, criminoso em vida pregressa, extravasa no novo corpo as suas mazelas de outrora e constrói, assim, precária “habitação” a que faz jus.

Gall e seus seguidores tomam a nuvem por Jnao: confundem o efeito com a causa.

Tanto isso é certo, que “O exame fren lógico dos povos pouco inteligentes constatata a predominância das faculdades institivas e a atrofia dos órgãos da inteligência, como refere kardec em ”, publicado na Revista Espírita de abril de **1862**.

Comentando um pronunciamento de Clóvis Beviláqua, diz Deolindo Amorim:

“Se, como preceitua o jurista patrício, a constituição do delinquente deve ser adequada à eclosão do crime, isto equivale a dizer, em linguagem espírita, que o criminoso, como espírito reencarnado, tem uma constituição somática naturalmente apropriada ao estado de atraso ou ignorância em que se encontra. (...) O que a doutrina postula é que, sendo o espírito anterior ao corpo, traz consigo, ao reencarnar, toda a bagagem de erros, qualidades, propensões e aptidões.”

Por onde se vê — e Deolindo Amorim o assevera com lógica e convicção — que, sem o conhecimento da doutrina da Reencamação, não se pode, absolutamente, compreender nem tampouco solucionar o problema da delinquência.

O livro *Espiritismo e Criminologia* contém um capítulo especial concernente à obsessão, apontando sua marcante influência na etiologia do crime.

E como não podia deixar de ser, o Autor aborda a questão da prevenção do crime e da regeneração dos criminosos.

— Sob este ponto de vista — escreve Deolindo Amorim — em matéria penal, o Espiritismo está atualizado, porque, sem contradizer os princípios reencarnacionistas, as suas ideias coincidem com o que se pensa, hoje em dia, sobre a penologia preventiva: — não basta reprimir o crime nem punir o criminoso, mas é

indispensável, antes de tudo, prever o problema, criar condições sociais para evitar a progressão da criminalidade em todas as suas formas.

Acrescenta que é preciso “educar e corrigir o homem, em primeiro lugar, proporcionando-lhe condições de vida compatíveis com a dignidade humana e afastando os fatores da perversão para, em segundo lugar, aperfeiçoar o sistema repressivo”.

Quanto ao *modus corrigendi*, preconiza uma “política de educação, visando à parte espiritual do homem, e não apenas ao aspecto material”, certo de que, em última análise, “a sabedoria divina lhe proporcionará meios de recuperação através da reencarnação”.

Deolindo Amorim esgotou o assunto. Quem duvidar, procure ler *Espiritismo e Criminologia*, que, no gênero, é insuperável.

BIBLIOGRAFIA: — *Curso Completo de Criminologia* — Vitorino Prata Castelo Branco; *A Filosofia Penal dos Espíritas* — Fernando Ortiz; *Revista Espírita* — Abril de **1862**; *Dicionário de Tecnologia Jurídica* — Pedro Nunes; *Enciclopédia Mirador Internacional*.

Terceiro Milênio

Celso Martins

Há pessoas que vivem saudosamente suspirando num eterno lamento o tempo que passou. E resmungam, saudosistas: — Ah, agora os tempos são outros!... Outros costumes, outros padrões de comportamento!... Tudo mudou... E como mudou... No meu tempo era bem diferente... Tudo era muito melhor. Muitos até citam a frase latina: *O tēmpora... O mores...* Só falta dizerem que naquelas épocas se amarravam os cachorros com linguça! Tempos do D. João Charuto!

E aí, eu, não sei se cético ou indiscreto, talvez **50%** de uma coisa e **50%** da outra, pergunto a mim mesmo: — Seriam tempos melhores mesmo? Seriam anos dourados? Ou a corrupção, o cinismo, o descaramento de hoje apresentado às escâncaras não estariam subjacentes por debaixo dos panos? Tempos melhores como, se houve tantas guerras, tantas crises econômicas, tantas convulsões sociais, tantas perseguições políticas, tantas lutas religiosas, tantos preconceitos irracionais, tantas divergências de opinião descambando para o ódio, a vingança, a matança?

O adulto se recorda do seu tempo de rapazola ou de mocinha, mesmo de criança porque — perdão dizê-lo — tem memória curta! Ou falta de uma visão do conjunto, analisando apenas um ângulo da realidade maior. Talvez esta recordação se baseie na falta de responsabilidade, sem que queira eu dizer, por estas palavras, que o adulto de agora tenha sido um estróina na juventude ou na infância. Não é bem isto, não! Via de regra o peso dos compromissos sobre os ombros do adulto, salvo exceções, é muito diferente da vida descompromissada do adolescente ou do

infante. Exceto, repito, aqueles casos de moços ou meninos que sempre viveram debaixo de muitas dificuldades econômicas ou em meio a desinteligências no contexto familiar.

Por outro lado, pessoas existem que sonham com um porvir risonho. Borboletas bailando no ar ou pousando sobre miosótis lindos. Esperam que o futuro seja róseo, um mar de rosas. Dentro deste raciocínio um tanto nirvânico, almejam para logo o advento do Terceiro Milênio, no desejo de que nesse tempo porvindouro de tetas de vacas liberando graciosamente leite e mel, todos, sem o menor esforço, por ação talvez de uma fadinha madrinha, viveremos num céu aberto, numa amena praia de vagas mansas e não poluídas, sob aragem suave, num clima de sombra e água fresca, como convém às avenças.

No entanto, nada fazem para que isto seja realidade!

Não trabalham duro para que tal sonho se realize dando alegria a todos nós.

Assim não é possível, convenhamos. É querer demais! Como colher uma fruta saborosa e madura se nem nos demos ao trabalho de deitar ao solo a semente? Seria o mesmo que o operário desejasse receber o seu salário antes de terminada a tarefa. Seria colocar a carroça na frente dos bois. Não dá para entender, não é mesmo?

O tão acalentado sonho de paz e de harmonia, de entendimento e de fartura no Terceiro Milênio só será efetivamente uma realidade se eu, se você, se ele, se toda a Humanidade, pelo menos em sua esmagadora maioria, trabalharmos desde já (ou desde ontem!) neste sentido. Isto é tão evidente que me dispenso comentar. Ademais, não pensemos inocentemente que, terminados os anos **90** e surgindo o ano **2001** (sim, o Terceiro Milênio só terá início no dia **1**^o de Janeiro de **2001**), surgindo o século XXI, tudo será pianinho, um céu azul sem nuvens, num gesto de mágica. Não! Isto seria um milagre e milagres não existem.

Este ambiente de paz e de concórdia de há muito tempo deveria ser o clima da Terra não fosse esta nossa obstinação em sermos egoístas, pretensiosos, tirânicos, prepotentes. Tudo para mim e para os meus. Nada para o resto da Humanidade. Quando em verdade a Natureza tudo tem para todos os habitantes do Globo. Além disto, a inteligência humana é capaz de criar tecnologias avançadas a fim de ampliar estes recursos naturais em benefício da coletividade, sem violentar o meio ambiental.

Se ainda existe fome, se ainda há bolsões de miséria absoluta no Brasil e fora dele, é exatamente porque ainda não aprendemos a viver, na Terra, os ensinamentos sublimes e redentores de um homem que morreu de braços abertos, na cruz da nossa crueldade, no Calvário da dureza de nossos corações!

Não padece dúvida de que o planeta Terra há de passar, já está a pouco e pouco passando, da atual condição de mundo de provas e de expiações para a categoria de mundo regenerador, onde o Bem começará a predominar. Isto depende, repito mais uma vez, exclusivamente de nós próprios. Em Kardec (livro *A Gênese* por

exemplo) aprendemos que os Espíritos não fazem aquilo que aos homens compete fazer.

Entendamos por outro lado que, se não estou enganado, um milênio (e estamos falando do **3** Milênio) representa mil anos. O que era a Terra há mil anos atrás? Vivíamos os anos **990** D.C. na chamada Alta Idade Média. Não era conhecida, por exemplo, na Europa, a América. Não se conhecia a eletricidade. Tampouco a máquina a vapor. Nem pensar em telecomunicações ou em modernas técnicas médico-cirúrgicas. Predominava o feudalismo na Europa inteira...

Por isto, sem querer ser pessimista, o Terceiro Milênio será de um mundo melhor, sim, mas não será num piscar de olhos no ano **2001**. Tudo está na dependência de cada um de nós, ainda que não detenhamos qualquer poder de decisão na área da política ou no setor da economia do mundo.

Os mortos vivem...

Américo Domingos Nunes Filho



Na data de dois de novembro, os cemitérios ficam abarrotados de pessoas que homenageiam seus mortos, decorando seus túmulos e acendendo velas. Muitos são aqueles que aproveitam o ensejo para lembrar-se de seus entes queridos já desencarnados.

Tudo começou no século X quando o abade Odilon de Cleny estabeleceu um dia para que, nos mosteiros de sua ordem, "os monges orassem pelas almas do purgatório". O evento veio a universalizar-se no século XIV.

O insigne Codificador da Doutrina Espírita, Allan Kardec, abordou a Espiritualidade a respeito do chamado Dia de Finados, recebendo a devida explicação: "Aquele que visita um túmulo apenas manifesta, por essa forma, que pensa no Espírito ausente. A visita é a representação exterior de um fato íntimo. A prece é que santifica o ato da lembrança. Nada importa o lugar desde que é feita com o coração" ("O Livro dos Espíritos", nº **323**). Os Espíritos disseram também a Allan Kardec: "O respeito que, em todos os tempos e entre todos os

povos, o homem consagrou e consagra aos mortos é consequência natural da intuição que o homem tem da vida futura", isto é, de que os mortos continuam vivos ("O L. E." n^o **329**).

Na realidade até os homens primitivos sepultavam seus mortos junto com suas vestes e utensílios, um instintivo ato de crença na sobrevivência após o túmulo.

Na questão **339**, os Benfeitores do Além nos confortam dizendo: "pela morte, o Espírito sai da escravidão". Portanto, a desencarnação se constitui numa libertação, os Espíritos deixam o casulo terreno, onde eram submetidos a uma verdadeira tirania biogenética e alçam o vôo da imortalidade, como andorinhas celestes voltando ao ninho de amor, desdobrando as próprias asas no reino da Eterna Luz" (Trecho do Hino do Repouso, ouvido por Chico Xavier, junto ao leito da Sr^a Maria Pena Xavier, em **1949**, em Pedro Leopoldo).

Nosso Querido Mestre Jesus se constitui em exemplo marcante da certeza da vida após a vida. Ele mesmo voltou do além, comprovando e revelando a morte da morte, continuando a viver. Que emoção por certo sentiu Madalena ao ver o meigo Rabi à sua frente, diante do túmulo vazio, recém-materializado, ultra-eletrizado, dizendo-lhe: "Não me toques..." (João **20:17**).

O Mestre ensina: "Eu sou a ressurreição e a vida, aquele que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá" (João, **11:25**). O apóstolo dos gentios, Paulo, assim se expressou, na Primeira Epístola aos Coríntios: "Ora, se é corrente pregar-se que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como, pois, afirmam alguns dentre vós que não há ressurreição de mortos? E se não há ressurreição de mortos, então Cristo não ressuscitou. E se o Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação e vã a vossa fé" (**1 Co. 15:12-14**). Nessa mesma carta, Paulo continua: "Mas alguém dirá: Como ressuscitam os mortos? E em que corpo vêm?" (**1 Co. 5:35**). "Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual" (**1 Co. 15:44**). "Assim como trouxemos a imagem do que é terreno, trazemos também a imagem do celestial" (**1 Co. 15:49**). "Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?" (**1 Co. 15:54-55**).

A morte não existe. A vida continua após o decesso corporal. Se não houvesse vida fora do túmulo, não teria sentido a vida antes da morte.

O Espírito preexiste ao corpo de carne e sobrevive além da sepultura.

Os mortos vivem. João, o discípulo amado, nos alerta: "Amados, não deis crédito a qualquer Espírito, antes, provai se procedem de Deus" (**1 João 4:1**). Os Evangelhos relatam que, após a morte de Jesus, muitos Espíritos entraram em Jerusalém e apareceram a muitos (Mateus, **27:53**). Maria Madalena e a outra Maria, quando foram ao sepulcro, viram um Espírito, por certo materializado: "O seu aspecto era como um relâmpago, e a sua veste alva como a neve" (Mateus **28:3**).

Uma Entidade Angelical, denominada Gabriel ("Homem de Luz"), é citada pelo profeta Daniel como varão (Daniel **9:21**); portanto, não é um ser espiritual criado à

parte, diferente dos demais. A vida, na realidade, é única, manifestando em duas faixas vibratórias distintas: a corporal e a espiritual. O mesmo Gabriel que aparece a Zacarias, pai de João Batista, é apenas um Espírito desencarnado, livre da prisão orgânica, alçando o vôo da imortalidade, dentro do Universo.

O apóstolo Pedro, certo de que continuaria a viver após o túmulo e seguro da possibilidade da comunicação dos chamados mortos com os vivos, disse que, depois da sua morte, procuraria lembrar a todos das coisas que pregou (**1 Pedro 1:15**).

No Antigo Testamento há um relato de uma sessão mediúnica, em que o Espírito Samuel aparece e deixa uma mensagem a Saul, através da pitonisa de En-Dor (**1 Samuel 28:1**).

Disse Jó: "Um Espírito passou por diante de mim, fez-me arrepiar os cabelos do meu corpo; parou ele, mas não lhe discerni a aparência; um vulto estava diante dos meus olhos" (**Jó 4:15-16**).

Jesus, Nosso Amado Mestre, dialogou com os chamados mortos. Os evangelistas Mateus, Marcos e Lucas descrevem com minúcias o aparecimento dos Espíritos Elias e Moisés, no "Monte da Transfiguração". Os discípulos Pedro, Tiago e João se constituíram nos médiuns responsáveis pela plena sessão de ectoplasmia, apresentando-se em completo transe mediúnico: "Pedro e seus companheiros achavam-se premidos de sono" (**Lucas 9:32**). Somente a hipótese de estarem mediunizados, cedendo a névoa ectoplásmica, explica o fato de dormirem após a transfiguração do Mestre. Já pensou, caro leitor, a excitação que teria acometido os discípulos, vendo o Cristo totalmente resplandecente, e depois de tanta adrenalina liberada por seus organismos, ainda foram adormecer?

O Ser continua a existir, íntegro e consciente, na maior parte dos casos, após a morte, apesar da negação dos incrédulos e da ingenuidade das religiões tradicionais, relatando que os Espíritos não podem se comunicar conosco ou dormem à espera da "volta do Mestre".

A ortodoxia científica, de braços dados com a religiosa, utiliza os mais ardilosos sofismas, no sentido de contestar a mediunidade: inconsciente coletivo, arquétipos, pensamento indireto do inconsciente, e até o diabo...

O importante é que desde que a ciência se interessou pelo estudo dos fenômenos mediúnicos, a presença dos mortos foi amplamente comprovada e eles estão cada vez mais vivos. No Evangelho de Mateus está escrito uma grande afirmativa de Jesus: "Quanto à ressurreição dos mortos, não tendes lido o que Deus vos declarou: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó. Ele não é Deus de mortos e, sim, de vivos" (**Mt. 22:32**). É necessário ressaltarmos: de vivos e bem acordados.

Charles Richet, Prêmio Nobel de Física e Medicina, em **1913**, criou a Metapsíquica com o fim de pesquisar os fatos transcendentais e ficou convencido da sobrevivência da alma. Depois, veio com Joseph Banks Rhine, nos anos trinta; a Parapsicologia e a observação dos fenômenos "psi-teta", exatamente explicados

por Rhine como de procedência espiritual.

No decorrer de séculos, inúmeros cientistas chegaram à conclusão de que os mortos vivem. Willian Crookes, Prêmio Nobel de Química, em 1907, considerado o maior sábio inglês da época, inclusive sendo o inventor do Radiômetro e dos tubos eletrônicos de catódio frio para a produção de Raio-X, fazendo pesquisa, rigorosamente científica, com a médium de ectoplasmia, Florence Cook, concluiu pela existência do Espírito, sobrevivendo à morte. O grande homem de ciências chegou ao ponto de fazer suas experiências em sua própria casa, totalmente trancada, e amarrando a sensitiva na cama com cordas e costurando os nós e as laçadas. Em várias ocasiões, penetrou na cabine mediúnica, junto com a Entidade materializada, Katie King, e pôde vê-la, com nitidez, ao lado de Florence, inteiramente adormecida. Em 1894, em carta dirigida ao professor Ângelo Brofferio, afirmou: "Seres invisíveis e inteligentes existem, os quais dizem ser Espíritos de pessoas mortas". Em entrevista, publicada no "The International Psychic Gazette", relatou: "É uma verdade indubitável que uma conexão foi estabelecida entre este mundo e o outro".

Hodiernamente, os cientistas comprovam a presença da Individualidade Espiritual, desde que os mortos estão se comunicando através de aparelhos eletrônicos. A este tipo de intercâmbio mediúnico foi dado, pelo físico sueco Emst Senkowsky, o nome de Transcomunicação Instrumental (TCI), também conhecido como EVP (Eletronic Voice Phenomenon). É digno de citação que imagens do Mundo Espiritual, em televisão preto e branco, que eram fixas, já são obtidas em movimento. Segundo os próprios Espíritos, em breve tempo, haverá imagens coloridas e sonorizadas. Realmente a vida não termina com a morte e nenhuma espécie de sofisma poderá contrapor-se à evidência da realidade espiritual revelada pela aparelhagem eletrônica. Até mesmo por computadores são transmitidas mensagens, oriundas daqueles que já deixaram seus corpos de carne, anunciando a morte da morte.

Outros campos de pesquisa, rigorosamente científicos, revelam a realidade da vida espiritual. Médicos como Raymond Moody, Elizabeth Kluber- Ross e George Ritchie, estudando o fenômeno da quase-morte, em pacientes que sofreram parada cardíaca e coma, ouviram relatos de semelhança impressionante, inclusive encontros memoráveis dos doentes com entes queridos já falecidos. Mais uma vez a ciência está diante da imortalidade, da realidade do Além.

Inúmeros cientistas também se vêem diante do "sobrenatural", ouvindo pessoas moribundas, afirmando, em alguns momentos de lucidez, coisas que ignoravam. Temos ciência de dois relatos, também do conhecimento de alguns irmãos da SPLEB (Sociedade Pró Livro Espírita em Braile). A Sr^a Elza Vilar contou que sua mãe, durante o sono, passeava sempre com seu pai já desencarnado. A genitora era proprietária de uma fazenda que, em decorrência de sua doença, foi abandonada. O fato era inteiramente desconhecido pela doente, já que seu

conhecimento lhe traria muita tristeza. Para espanto da Sr^a Elza, sua mãe lhe comunica, durante um tempo de recuperação fugaz dos sentidos, que seu companheiro a levou para visitar a propriedade rural e constatou que a mesma estava inteiramente estragada.

O outro caso aconteceu com o Sr. Edmundo Vasques, portador de tumor cancerígeno pulmonar, que, num momento de acuidade mental, relata à sua esposa o encontro que teve em espírito com um familiar que lhe comunicou a morte acontecida há alguns dias atrás. O doente censurou a esposa por ter lhe negado a informação do decesso físico de seu querido parente. Aqui, estamos diante do fenômeno conhecido como "Out of body" ou Desdobramento ou Projeção da Consciência, vivenciado também pelos clinicamente mortos, que consiste numa espécie de "desencarnação parcial e provisória" da alma humana, ou seja, a consciência agindo fora do espaço físico. O ser através do seu veículo perispiritual sai do corpo físico e se comunica com os chamados mortos. Abundantes relatos de Desdobramento são citados na Bíblia e também comprovados pela ciência².

Na obra de nossa autoria, "O Consolador Entre Nós" (Editora "O Clarim") citamos um encontro que tivemos com um amigo que nos comunicava o seu passamento, acontecido há alguns dias atrás e para nós inteiramente desconhecido. A projeção astral contribui, sobremaneira, para que o homem se conscientize de que é imortal, um cidadão do Universo, em busca da perfeição.

Em verdade, os mortos vivem. Os cientistas Banerjee, Ian Stevenson, Morris Netherton, Edith Fiore, Hemani Guimarães Andrade e muitos outros perceberam que a vida não começa no berço e nem termina na sepultura. Pesquisaram o fenômeno da recordação de vidas passadas ou memória extracerebral, o qual pode ser obtido também com crianças que, espontaneamente, declaram lembrar-se de uma existência anterior; inclusive fornecendo detalhes comprovados pelos cientistas. Alguns casos chegaram a centenas.

Cientificamo-nos de um caso relatado por um médico, colega de profissão: Uma avó conversava com sua neta, quando foi chamada por mãe e recebeu a seguinte indagação: "Lembra do tempo que pescávamos siri na janela da cozinha da casa de praia?" A senhora quase desfaleceu de susto. A moradia, situada em cima de uma rocha à beira-mar, já tinha sido vendida há muitas décadas e a menor que a abordava tinha apenas quatro anos de idade. Preocupada em obter mais detalhes, a velha se viu diante de sua falecida filha que retomara ("Importava-vos nascer de novo" — Jesus), na atual existência, como neta.

Realmente os mortos vivem e necessitam para seu aprimoramento evolutivo de muitas existências, não somente em nosso orbe, como também em outros mundos planetários, dentro do Universo Eterno: "Na Casa de Meu Pai há muitas moradas" (Jesus).

²* Nota da Editora: Ver Cap. IX e XXI desta obra.

Em 1950, o grande psicanalista Jung, entrevistado pela BBC, respondeu com muita propriedade a duas perguntas: O Sr. acredita em Deus? E sobre a morte? O insigne cientista do psiquismo afirmou: "Eu não acredito em Deus, eu SEI". Quanto à morte, Jung disse: "Eu não acredito que a mente humana morra porque está provado que a mente humana não conhece passado, nem presente, nem futuro; contudo, se ela pode prever acontecimentos futuros então ela está acima do tempo, se está acima do tempo, não pode ficar trancafiada num corpo." Na obra "Realidade da Alma", relata: "A plenitude da vida exige algo mais que um ser; necessita de um espírito, isto é, um complexo independente e superior, único capaz de chamar à vida todas as possibilidades psíquicas que a Consciência-Ego não poderá alcançar por si".

A presença de um corpo físico, constituído de trilhões de células, não pode ser fruto do acaso, desde que provém da junção do espermatozóide com o óvulo formando uma célula completa. Há necessidade de um molde, de um campo organizador biológico, que lhe dá origem e direciona a diferenciação celular harmônica, proporcionando o aparecimento dos órgãos e sistemas do corpo humano.

Em verdade o nosso corpo, exceto os neurônios, se renova totalmente em sete anos. Portanto, após sete anos nós estamos com outro corpo, com outras células. Estamos mortos, mas não deixamos de viver, desde que as células morrem e se renovam. Na realidade viver é morrer passo a passo.

Os mortos vivem. O poeta Casemiro Cunha, revelando-nos que a morte não existe, vem atestar a sua sobrevivência no além-túmulo, através do abençoado médium Chico Xavier, com o seguinte trabalho poético:

"Se a morte aniquila o corpo.
Não aniquila a lembrança.
Jamais se extingue a esperança,
nunca se extingue o sonhar.
À minha terra querida, recortada de palmeiras,
espero em horas fagueiras,
um dia poder voltar".

Através do Chico, os poetas voltaram e continuam a nos transmitir a beleza de suas criações poéticas. A morte é apenas a libertação do Espírito exilado na carne.

Benjamin Franklin, grande personagem da história da humanidade, deixou em seu epitáfio a seguinte mensagem, eminentemente reconfortadora: "Aqui jaz como a lombada de um livro roído pelas traças, o corpo de Benjamin Franklin, livreiro, que há de voltar em edição nova e melhorada".

Dois astrônomos, atestando a imortalidade da alma, revelam também em seu epitáfio a certeza da vida após a vida: "Amamos tão apaixonadamente as estrelas que não tememos a noite".

OBS: Este capítulo foi baseado na palestra que o confrade Américo Domingos

Nunes Filho proferiu na noite de lançamento do seu livro "O Consolador Entre Nós", de nossa editora, no Centro Espírita Léon Denis, no Rio de Janeiro, em 31 de outubro de 1992.

Encontro no ônibus

Celso Martins

Mal entro num ônibus, que por "milagre" vinha vazio, eis que encontro uma senhora a quem conheci num dos muitos centros espíritas por onde ando, aqui, na cidade do Rio de Janeiro, a proferir palestras doutrinárias a meu jeito e modo, descontraído, abrindo espaço para que o público, em geral, no fim de uns 40 minutos de exposição, faça perguntas desfazendo dúvidas.

Tendo vindo em minha direção, com um bom humorado sorriso, foi logo declarando:

— Talvez o senhor vá ficar aborrecido comigo. Mas eu agora não vou mais àquele centro onde o senhor me conheceu, não!... Agora eu pertencço à Igreja Universal do Reino de Deus.

Com a maior naturalidade, tomando assento a seu lado, pois vinha de seis aulas exaustivas (e estávamos em tempo quente), eu lhe indaguei:

— E a minha irmã se sente bem lá?

— Ah, sim! Estou bem, sim. Muito bem — respondeu, mais aliviada porque decerto pensava que eu iria passar-lhe aquela espinafração.

Mal sabia ela que em Kardec, no Livro dos Espíritos, aprendi desde rapazola este ensino básico: Toda crença é respeitável quando é sincera e conduz à prática do bem. As crenças reprováveis são as que conduzem ao mal (Questão nº 838).

Dando seguimento à conversa, acrescentei:

— Pois então fique tranquila, que eu não me aborreço com esta sua mudança de religião, não. O importante é a minha irmã sentir-se bem fazendo aquilo de que gosta nesta nova seita.

E sem que eu nada mais indagasse, ela foi dando o motivo de sua atitude: deixara o centro anterior porque, em sua opinião, ali não encontrara calor humano. Repito: são palavras dela! Não sei se correspondem à realidade. Indo até lá várias vezes, inclusive acompanhado de minha esposa algumas ocasiões, sempre fui muito bem recebido não só pelos assistentes, mas também pelos médiuns e diretores da instituição. Confesso que me deu vontade de perguntar se na Igreja Universal do Reino de Deus ela encontrara calor humano ou aglomeração de pessoas gerando calor no ambiente. Todavia, alguma coisa de imediato me soprou ao pé do ouvido que seria uma indagação a um tempo sarcástica e indiscreta. Ora, se a criatura se sentia bem, tudo bem... Nada mais a acrescentar.

Às vezes, a vida a mim me tem surpreendido com semelhantes revelações espontâneas. Quer dizer, encontro pessoas que frequentaram anos e anos uma

casa espírita e, lá um belo dia, por dá cá aquela palha, afastam-se, dirigem-se para outras religiões.

Claro que é um direito que a pessoa tem de fazer isto ou aquilo, desde que não esteja prejudicando terceiros. É uma questão de livre- arbítrio que, a mim, só me resta respeitar. Nada obstante, quero crer que, em que pese o respeito que tais pessoas me merecem, a meu ver jamais foram realmente espíritas. Podem ter lido romances ou mensagens mediúnicas e se encantaram. Podem ter tomado passes e bebido água fluidificada. Podem ter ouvido palestras e mesmo exercido alguma atividade de assistência social. No entanto, não chegaram a ser realmente espíritas, ousou repetir. São pessoas que não assimilaram o ensino espírita, por mais que ouvissem discursos ou lessem alguns livros. Até porque algumas pessoas não tenham, ainda, a condição de fazerem-se espíritas, conhecendo de fato os fundamentos doutrinários da III Revelação, embora, reconheço, sejam pessoas de coração voltado para o bem.

O fruto só poderá surgir após a fecundação da flor, assim nos ensina a Botânica mais elementar. Ou mesmo a experiência comum.

Aprofundando mais o assunto, admito, sim, aqueles casos em que a criatura tenha algum problema numa casa espírita. Um aborrecimento, uma decepção, um atrito, coisas que são de certa forma perfeitamente compreensíveis pois somos todos seres humanos, Espíritos ainda atrasados, com condicionamentos não felizes, com limitações a vencer, com certas idiossincrasias de que não nos desvencilhamos num piscar de olhos. Tiro exemplo a partir de mim mesmo. Claro que não sofro da síndrome da perfeição imediata, a S.P.I. como jocosa e acertadamente declara o nosso confrade Luiz Antonio Milleco Filho. Não é bem isto. O caso é que, não poucas vezes, eu me pego fazendo aquilo que não deveria praticar.

Então, fizeram qualquer coisa que não lhes foi do agrado. Outras vezes, as referidas pessoas quiseram fazer na casa espírita algo que sua diretoria, por este ou aquele motivo, não aceitou. Surgiu aí um problema que não souberam resolver. Bem, nesta hora, se a pessoa é de fato espírita, se assimilou os postulados do Espiritismo, não confundirá de modo algum a Doutrina Espírita com o Movimento Espírita. Faz a necessária distinção porque separa os princípios doutrinários do elemento humano. Poderá afastar-se daquela instituição onde surgiu o problema por não se sentir ali mais à vontade. Mas dedicar-se a outra instituição onde seja aceita. Poderá, até, eu admito esta hipótese também, não se ligar a centro algum. Todavia, nunca irá filiar-se a outra religião nem dizer que não é mais espírita! Isto porque o Espiritismo, enquanto Doutrina, nada tem que ver com as questões menores que podem aparecer em nosso Movimento. Verdadeiras questões de lana-caprina que, na verdade, deveremos ter sempre o cuidado de não deixá-las interferir em nosso relacionamento fraterno na casa espírita, quer seja no terreno administrativo ou assistencial, quer seja no campo doutrinário ou

mediúnico.

Certa ocasião conheci uma jovem, aliás muito bonita, atuante em determinada juventude espírita, com uma larga Tolha de serviços prestados no centro, atendendo até a uma favela das proximidades. Conheci a moça e fiquei admirado com o seu trabalho, com a sua dedicação à causa.

Bem, os anos passaram e muito mais tarde volto a encontrá-la, agora no pátio da Faculdade onde eu estudava. Sequer esperava achá-la ali como colega, naturalmente num curso diferente do meu, noutra série. O caso é que ela estava a jantar no restaurante da Faculdade! Aproximei-me de sua mesa e indaguei se me reconhecia. Confessou que não. Para auxiliar sua memória, fiz referência ao nosso contato, anos antes, num determinado centro espírita.

A jovem teve uma estremeção. Modificou-se- Ihe a fisionomia. E me disse secamente:

— Pois saiba você que eu não sou mais espírita!

Inocente ou mesmo curiosamente, quis saber o porquê. E ela, mastigando a comida com visível irritação (coitada de sua mucosa gástrica), explicou-me:

— Estava eu noiva de um rapaz daquela mesma juventude. Tudo comprado para o casamento. Dia marcado. Convites distribuídos. Uma semana antes, descobri que ele simplesmente era casado, pai de três filhos menores. Por isto, não sou mais espírita!

Fiquei sem graça. Pedi-lhe desculpas por tê-la, sem querer, feito recordar o incidente realmente desagradável. Entretanto, tentei fazê-la ver que o Espiritismo e até mesmo o movimento espírita nada tinham que ver com aquela atitude irresponsável do seu ex-noivo.

Ela, no entanto, se manteve irredutível. Não era mais espírita!

Voltando, então, ao caso daquela senhora que estava no ônibus comigo naquela tarde calorenta de verão carioca. Se ela sentia bem na Igreja Universal do Reino de Deus, tudo bem... Religião é coisa de foro íntimo, não podendo ser forçada a ninguém como se fez muito no passado, passando muitos pelo fio da espada a pretexto de cristianizar o pobre do incrêdo ou do infeliz do pagão. O Livro dos Espíritos é claro nesse particular. Na Questão nº 837 os Mensageiros que assessoraram Kardec na codificação doutrinária dizem que constranger os homens a agir de maneira diversa ao seu modo de pensar simplesmente os toma hipócritas!

Não nos assiste de modo algum o direito de impor as nossas convicções a quem quer que seja. Há pessoas que se sentem bem em não pertencendo a nenhuma confissão religiosa e, na verdade, são de uma enorme envergadura moral, têm um coração todo ele de bondade, são justas no trato com os seus semelhantes. Não foi exatamente este o ensino de Jesus ao relatar a parábola do bom samaritano?

Se aquela senhora estava bem em nova seita, tudo bem... O que interessa é que cada qual, nesta ou naquela religião, siga as leis de Deus. Cada um é medido

pela lei divina não pelo credo que professa ou deixe de professar, porém pela maneira como se conduz na vida. A única coisa que devemos escrupulosamente levar em conta é a coerência religiosa. Quer dizer, se somos realmente espíritas, lutemos por viver sem mania de perfeição aquilo que o Espiritismo nos ensina, sem incorporar ao nosso meio certas práticas que são de outras religiões, respeitáveis, sim, porém elas não têm nenhum cabimento no movimento espírita.

Crer na existência dos Espíritos, na sua comunicação com os homens, admitir a reencarnação, apenas isto não é característica do Espiritismo. Até aí estão os espiritualistas. Os espíritas não acendem velas para as almas tampouco para seu anjo-da-guarda. Não cantam hinos especiais nem cobram honorários na prática mediúnica. Não jogam búzios ou lêem cartas, bolas-de-cristal, mãos alheias para adivinhar, inclusive nos astros ou nos mapas astrológicos, o porvir de quem quer que seja. Não há no meio espírita nenhuma hierarquia. Nenhum sacerdócio organizado. Não batizamos crianças nem oficiamos casamentos religiosos.

Semelhantes rituais ou práticas nós respeitamos naquelas religiões que as adotam como respeitamos as pessoas que, com pureza d'alma, assim agem. Apenas nos reservamos o direito de não incorporar ao nosso dia-a-dia espírita estas manifestações de culto externo por não terem respaldo nas obras de Allan Kardec.

Como se eu tivesse condições para orientar alguém, já me perguntaram o que acho da introdução, nos centros espíritas, da prática das chamadas "terapias alternativas" como a acupuntura, a cristaloterapia, o DOIN, a cromoterapia e coisas do gênero. Sem ter a infantil pretensão de ser o dono da Verdade, respondi que, embora respeite tudo quanto se faça por melhorar o estado físico e psíquico de algum doente (pois eu estimaria ser socorrido em minhas dores), sobretudo quando se faz isto com Amor — sou da opinião de que a casa espírita deve prosseguir orientando amorosamente, consolando com desvelo os sofredores do corpo e da alma, encarnados ou desencarnados, com a aplicação do passe, a administração da água fluidificada, o receituário mediúnico, em certas ocasiões as chamadas operações invisíveis, que atuam sobre o perispírito e posteriormente sobre o corpo denso.

Relativamente às terapias alternativas, que elas sejam feitas por um profissional da área fora da casa espírita, porque a esta cabe, repito, a tarefa da cura radical, qual seja, a orientação da criatura segundo os ensinamentos dos Espíritos Superiores através dos livros de Kardec, posteriormente desenvolvidos, ampliados, aprofundados por autores encarnados como Léon Denis, Camille Flammarion, Gabriel Delanne, Cairbar Schutel, Deolindo Amorim, Carlos Imbassahy, José Herculanô Pires; e por companheiros do Grande Além (Emmanuel, Joanna de Ângelis, Bezerra de Menezes, André Luiz, Manoel Philomeno de Miranda, Maria Dolores) através de abnegados médiuns como Yvonne do Amaral Pereira, Chico Xavier e Divaldo P. Franco.

A parábola dos talentos

(Mateus **25:14-30**) Américo Domingos Nunes filho

O Mestre Jesus nos fala de um homem que se ia ausentar do seu país. Chamou seus servos e entregou-lhes os seus bens. A um deu cinco talentos, a outro dois e a outro um, cada qual segundo sua capacidade, isto é, de acordo com o seu dinamismo; e partiu.

O que recebera um talento, cavou a terra e escondeu o dinheiro, ao contrário dos outros servos que conseguiram multiplicar os bens recebidos de seu senhor.

Depois de muito tempo vem o senhor daqueles servos e ajusta contas. Aos dois primeiros servos dissera palavras de contentamento por terem aumentado os talentos. Já ao último servo lhe foi dito; "a todo o que tem se lhe dará e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado" (Mateus **25:29**). Portanto, todos aqueles que, tendo inúmeras oportunidades em vida pretérita de melhorarem-se espiritualmente, falham, tudo o que têm lhes é tirado por causa da existência improfícua que viveram, e quando retomarem ao mundo físico, em nova existência, nada mais lhes será dado, até que aprendam a utilizar para o bem os seus dons. O pouco que tinham lhes foi tirado, resultando daí uma encarnação expiatória, precedida, também, de grande sofrimento, na vida espiritual: "o servo inútil lançai-o para fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes" (Mateus **25:30**). O sofrimento é resultante da vida anterior improdutiva, sem a frutescência dos "talentos" recebidos. Diz Pastorino: "Agora estão desarmados. Não por castigo nem por vingança, mas porque eles mesmos desgastaram sua matéria prima" ("Sabedoria do Evangelho").

O livro espírita "Os Mensageiros", do Espírito André Luiz, psicografado pelo querido médium Francisco Cândido Xavier, relata as experiências dolorosas, no plano espiritual, sofridas por irmãos que reencarnaram enriquecidos de bênçãos e que retomaram ao além-túmulo em condições lastimáveis. Um verdadeiro inferno de consciência os oprimia, por não terem aproveitado a grande oportunidade da multiplicação dos "talentos" recebidos.

Esse "Inferno de consciência" é citado nos Evangelhos, em imagem simbólica, em sentido figurado, como "fogo eterno" (Marcos **9:43**; Mateus **18:8**). Realmente, o sofrimento sentido pelo espírito, já desencarnado e sem a limitação do tempo próprio do mundo físico, tem a aparência ou ilusão de ser eterno (tempo indeterminado), de algo que não terá fim, que nunca mais terminará. Esse sofrimento, representado por "fogo", emblema das torturas morais que parecem consumir as criaturas, mergulhadas que estão no inferno do remorso, é padecido com diferenciação e tem finalidade corretiva: "Aquele servo, porém, que conheceu a vontade de seu senhor e não se aprontou, nem fez segundo a sua vontade, será punido com muitos açoites. Aquele, porém, que não soube a vontade do seu senhor e fez coisas dignas de reprovação, levará poucos açoites" (Lucas **12:47-48**).

A "Parábola dos Talentos" explica que terão de prestar contas rigorosas todos aqueles que recebem oportunidades ("talentos"), sem a produção de frutos espirituais: "Até o que tem lhe será tirado", advindo, então, uma penosa existência, onde os dons recebidos anteriormente não se farão mais presentes.

As dádivas ("talentos") podem ser exemplificadas na exuberância do intelecto, na perfeita saúde, na possibilidade do uso harmonioso das funções sexuais e de todos os sentidos, na utilização das riquezas para o bem comum, nas oportunidades de despojamento das paixões inferiores, no recebimento de dons espirituais a serem canalizados para o bem, a constituição da família, etc.

A possibilidade de formação da família é um "talento" que o Senhor fornece para o ajustamento no âmbito familiar de espíritos adversos, como também o reencontro de espíritos afins. E muitos são os que não levam a termo essa dádiva, falhando consideravelmente e acarretando dívidas para si.

Citamos o exemplo, publicado nos jornais, de um transexual americano, paralítico, de **33** anos de idade, que após uma cirurgia de mudança de sexo e casamento com um homem, há pouco mais de dois anos, queria ser mãe a todo custo até o que tem lhe será tirado" — Mateus **25:29**) e convenceu sua irmã de que se deixasse inseminar artificialmente por seu marido para adotar e criar a criança. Sem dúvidas foi a mãe e esposa, em existência pretérita, que errou enormemente, nas tarefas maternas e matrimoniais, acarretando a desventura em seus familiares, tendo agora a oportunidade de receber encarnada "o filho de outrora" de maneira moralmente humilhante e dolorosa.

Diz o recorte de jornal: "antes de converter- se cirurgicamente em mulher havia estado casado duas vezes com mulheres, com as quais não teve filhos".

"Na realidade eu não tinha de homem mais que o corpo, interiormente me sentia mulher", disse mais tarde.

Continua o recorte de jornal: "depois do nascimento do filho de seu marido e de sua irmã, filho do qual é mãe putativa e tia carnal, declarou-se encantada e, em sua cadeira de rodas, anunciou que quer adotar outras cinco crianças, das quais duas ou três aleijadas como ela".

Somente a reencarnação pode explicar esse drama, assim como o fato de um indivíduo de um sexo sentir-se como do sexo oposto. A existência de uma só vida física traria incredulidade e ira aos que passam por essas e outras expiações.

Quantas mulheres na vida atual são estéreis, por causa do menosprezo à bênção divina da maternidade no pretérito!

Quantas pessoas sofrendo de desvios sexuais no presente, devido à atividade genésica irregular no passado!

Quantos nascem mutilados, portadores de defeitos físicos, que construíram o presente doloroso à custa dos erros causados contra si mesmos, em vidas anteriores!

Quantos órfãos trilhando, na presente existência, na ausência do calor dos

pais, o caminho errado que seguiram, no pretérito, como filhos rebeldes e intolerantes, produzindo prejuízo moral ou físico a seus pais!

Quantos seres passando a vida em isolamento e solidão, largados em asilos ou casas de repouso, recebendo, no presente, o mesmo menosprezo e a mesma indiferença que sentiram para com outrem, no passado!

Nós, espíritas, aceitamos a "Lei de Causa e Efeito": somos responsáveis por tudo que fazemos de bom ou de mau, e o que produzimos de ofensivo a outrem marca o nosso perispírito e, não raro, retomamos à carne com as mesmas mazelas e sofrimentos que infligimos aos nossos semelhantes, com o sentido de aprendizagem para os nossos espíritos.

O homem em sua vida atual é herdeiro de si mesmo, corrigindo o seu passado e construindo com sua própria vontade o amanhã.

Batismo para salvar-se

Celso Martins

— Se vocês, espíritas, não são batizados, como é que poderão salvar-se?

Esta pergunta me foi feita por um amigo em carta. Já houve quem me dissesse que o espírita deve batizar-se, sim, porque até Jesus o foi. A esta pessoa, baseando-me numa argumentação do médium e orador espírita José Raul Teixeira, respondi que, de fato, João Batista batizou Jesus nas águas do rio Jordão; no entanto, Jesus a ninguém batizou. Demais, os espíritas devemos procurar fazer tudo quanto Jesus fez, e não praticar tudo o que com Ele fizeram os homens porque, senão, neste descompassado, dentro em breve estaremos pregando um nosso semelhante qualquer numa cruz com uma coroa de espinhos!

Outros alegam que o batismo evita que se morra pagão. Ouvi muito esta afirmativa quando eu era criança. Aproveito a oportunidade para **explicar que a** palavra pagão vem do Latim **paganus** e não designava, em absoluto, o morador do **Pagus**, não! Quem informa é o ilustre catedrático paulista Silveira Bueno, católico convicto. Designava aquele que, para não servir na milícia romana, fugia das cidades, ia residir nos campos longe de Roma. Quando o Cristianismo triunfou com a aliança dos líderes políticos com os líderes religiosos, ao tempo de Constantino, século m depois de Cristo, deu-se à palavra **paganus** tuna nova semântica, um novo significado. Desde então pagão seria todo aquele que não desejasse servir nas milícias celestiais, quer dizer, todo aquele que não quisesse pertencer ao Catolicismo.

O batismo é um ritual muito mais antigo do que comumente se pensa. Vem dos povos mais antigos, dos gregos, dos egípcios, dos hindus. As religiões tradicionalistas, ainda hoje, às portas do século XXI, insistem em conservá-lo, no que nada temos que ver. É um direito que elas têm e não seremos nós, os espíritas, que iremos cercar o livre-arbítrio de quem quer que seja, desde que

não haja prejuízo alheio. Só que a Doutrina Espírita pura e simplesmente dispensa este ritual. Ou qualquer outro ritual também como preces especiais, casamentos religiosos, oferendas ou coisas do gênero. Perdão se me tomo repetitivo, porém penso como Napoleão, segundo o qual a mais importante figura da retórica é a repetição.

O meu missivista, como ia dizendo, indagava como é que o espírita iria salvar-se pois que não fora batizado. A ele remeti longa carta. E porque talvez algum leitor amigo se defronte com esta mesma questão, atrevo-me sumariar a resposta enviada a ele. Devemos sempre fazer o devido esclarecimento espírita dos assuntos que nos são apresentados.

Bem, pessoalmente, para usar de sinceridade, eu não aprecio esta palavra salvação, não. Prefiro a expressão redenção ou libertação espiritual! Salvação, a meu ver, no que posso até estar errado, porque sou míope para longe e para perto, seria o oposto de perdição. Como não aceito a ideia de que Deus, definido por Jesus como Amor, deixe perder-se para sempre um só de seus filhos, dou preferência à redenção ou libertação espiritual. Mesmo porque Jesus declarou: Conheceréis a Verdade e a Verdade vos libertará (João, Cap. 8 vers. 32).

O que liberta a criatura do sofrimento, decorrente da violação às leis divinas, é a prática genuína e desinteressada do Bem. É a vivência espontânea da Fraternidade. É a vontade ardente de ver no semelhante um seu irmão voltando ao prosclêncio terrestre para progredir, daí ser merecedor das melhores demonstrações de estima e consideração.

Nesse contexto, cabem duas palavras acerca do preconceito. Do preconceito racial, por exemplo. Determinado confrade fez um teste com um grupo de espíritas. Cada um dos componentes daquela brincadeira deveria fechar os olhos e imaginar-se sendo assaltado. Depois diria que emoção sentiu se fosse realidade o assalto. O leitor amigo poderá dizer qual foi a cor do assaltante imaginado pelos confrades espíritas envolvidos naquela experiência brejeira, porém muito significativa!

O que liberta a criatura é a Caridade, que, segundo uma definição do Irmão X, escrevendo pelo médium Chico Xavier, é servir sem descanso, é cooperar espontaneamente nas boas obras da comunidade, sem aguardar o convite ou o agradecimento dos outros, é não incomodar aquele que trabalha, é suportar sem revolta as limitações alheias, auxiliando o próximo a superá-las.

O que liberta a criatura da ignorância é a paciente leitura de livros que nos dizem porque vivemos, para onde iremos depois da morte do corpo físico (se é que ele morra, pois em verdade até ele simplesmente se transforma), de onde viemos aptés do berço. Contudo, não basta a leitura. É necessária a sua reflexão. Impõe-se a vivência de seus ensinamentos. Pois como já reconhecia Daudet, quanta gente há, em cuja biblioteca, poder-se-ia escrever "para uso externo", como nas garrafas das farmácias. Quer dizer, ler por ler simplesmente não vale

a pena. Mister se faz modificar o comportamento, ampliar o horizonte cultural, aprofundar a análise do porquê da vida e sobretudo, repito, vivenciar o que os bons livros nos ensinam em termos de crescimento moral e espiritual.

O que liberta a criatura de suas imperfeições é o seu desejo de despojar-se de seus vícios morais como a inveja, a cobiça, o ciúme, a ira et caterva, forçando por ser mais paciente, mais humilde, mais prudente, mais humano diante das dores alheias, mais tolerante diante das falhas da outra pessoa, sem cair na alienação dizendo amém a tudo e a todos, com esta atitude muito cômoda concordando com erros que não podem de jeito nenhum contar com a nossa anuência.

O que liberta a criatura não é o batismo que recebeu em criança ou já adulto ao aceitar esta ou aquela seita religiosa. Não. O que liberta a criatura de seus erros do passado e de suas limitações atuais é este esforço diuturno de observar, na vida diária, tudo quanto o Cristo nos ensinou através da força do exemplo!...

Desdobramento ou projeção da consciência – auto-revelação da eternidade

Américo Domingos Nunes Filho

O desdobramento ou projeção da consciência consiste numa espécie de “desencarnação parcial e provisória” da alma humana, ou seja, a consciência agindo fora do espaço físico, onde se encontra ligada, num estágio necessário, visando seu aperfeiçoamento.

É fenômeno conhecido há milênios pelos antigos povos do Egito, Israel e da Índia. Os egípcios já conheciam o Kha, o duplo, o psicossoma, o perísprito, tão bem ensinado pelo mestre Kardec, na codificação.

A Bíblia é riquíssima em relatos de desdobramento:

1- O rei Salomão, filho de Davi, era versado no conhecimento iniciático e possuía a clara noção de que existe um cordão fluídico, ligando a alma ao corpo somático. Escrevendo sobre a morte, o autor de “Eclesiastes” diz o seguinte: “Antes que se rompa o fio de prata... e o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu” (Ec. 12:6-7). Ele sabia, de antemão, que a separação definitiva entre o corpo e a alma se dá quando se rompe o cordão de prata.

Alguns projetores conscienciais tiveram o ensejo de ver e tocar esse laço semimaterial que mantém ligado o corpo extrafísico à vestimenta de carne. Devido a sua cor brilhante, fosforescente, se dá o nome popular de cordão de prata.

No livro “Voltei”, psicografado pelo estimado médium Francisco Cândido Xavier, há o relato do rompimento do cordão prateado, realizado por Bezerra de

Menezes, fazendo com que a desencarnação do irmão Jacob (pseudônimo do confrade Frederico Figner) se realizasse em definitivo, sentindo o espírito uma experiência inesquecível de ser aparentemente jogado à distância;

2- O profeta Ezequiel era projetor assistido, isto é, sua consciência, fora do corpo físico, estava constantemente escorada por um guia espiritual (Em Projeciologia dá-se o nome de amparador). É insofismável a descrição de que o médium do Antigo Testamento tenha sido levado ao Plano Espiritual: "Então o Espírito me levantou, e me levou..." (Ez. **3:14**). "Veio sobre mim a mão do Senhor; ele me levou pelo espírito e me deixou no meio de um vale..." (Ez. **37:1**);

3- O profeta Isaías, por certo, também era médium projetista, já que seu intercâmbio com as entidades desencarnadas não se verificava apenas pela vidência. No relato da chamada "visão de Isaías e seu chamamento", o cenário descrito pelo profeta é muito concreto, muito enriquecedor, dando ensejo a estar realmente em espírito, desdobrado, descrevendo com riqueza de detalhes o que tinha a oportunidade de vislumbrar. De imediato, constata-se a comprovação da projeção da consciência, quando pede que seja enviado ao mundo, constituindo-se mensageiro do guia espiritual que lhe falava (Is. **6:1-9**);

4- Já se disse que o "sono é irmão da morte". Todos os encarnados passam pelo processo do desdobramento enquanto dormem. O profeta Daniel, médium por excelência do Antigo Testamento, era projetor consciente e involuntário. O fenômeno acontecia e se repetia à noite. Ele relatava ter um sonho e visões noturnas quando se encontrava no seu leito (Dn. **7:1-7**). Em outra oportunidade, o desdobramento é incontestável. Afirma o médium: "Quando a visão me veio, pareceu-me estar eu na cidadela de Susã... e vi que estava junto ao rio Ulai" (Dn. **8:1-2**). Sem dúvida, seu relato indica uma viagem astral, o profeta se sentia fora do corpo somático, tendo de início a impressão de que se encontrava em outro local, comprovando depois se tratar do rio Ulai. Durante esse processo de projeção da consciência teve Daniel a oportunidade de conhecer o seu guia espiritual, Gabriel, que lhe aparece depois em outras ocasiões, sempre o assistindo e orientando (Dn. **9:21-23**);

5- Em "O Novo Testamento", encontram-se muitas passagens onde o fenômeno do desdobramento está em evidência. O pai de Jesus, José, recebe ordens espirituais decisivas através de "sonhos". O apóstolo Pedro, após um êxtase (arrebamento), teve uma visão que, intensamente profunda, quebrava de todo com o sectarismo judaico, iniciando o processo de universalização do Cristianismo primitivo. Tratou-se de projeção da consciência, já que liberto do corpo físico, Pedro pôde sentir, em grande magnitude, o asco de poder comer quadrúpedes, répteis e aves, e gravar com facilidade as exortações do Plano Superior (At. **10:9-15**). Paulo fala que foi arrebatado (**2 Co. 12:1**) e João ("o discípulo amado"), através da projeção astral, deixando seu corpo somático preso na ilha de Patmos, vivência profunda expansão da consciência, a ponto de ser veículo de uma

mensagem profética que ainda hoje deixa perplexos os exegetas da Bíblia.

A experiência extracorpórea comprova, entre outros fenômenos, a presença da individualidade espiritual. Inúmeros cientistas estão percebendo que a consciência pode se projetar fora do corpo físico, em condições de "morte aparente". Os doutores Elizabeth Kluber-Ross, Raymond Moody e George Ritchie, nos Estados Unidos da América, trabalhando em cidades diferentes, se vêem, com frequência, diante dos fatos relatados e comprovados de pessoas que se viram diante da fronteira da morte e retomaram à vida. Os depoimentos dos pacientes são análogos. Embora estivessem nos limiares da morte, sem sinais de vida em muitos casos, encontravam-se flutuando, leves, perto de seus corpos somáticos, ouvindo e vendo tudo o que acontecia ao seu redor. Quase todos são unânimes em relatar um túnel, em cujo final havia uma luz deslumbrante. A presença de seres espirituais luminosos também é constante; inclusive, conversam animadamente com seus parentes já desencarnados. Na maior parte dos casos são conduzidos ao corpo de carne e exortados a continuarem na jornada da vida física.

Algumas vezes, o autor destas linhas já se projetou conscientemente e teve o júbilo de constatar "in loco" a veracidade da existência do Mundo Espiritual. Certa feita, deparei-me com minha genitora desencarnada que, em se apresentando muito jovem, me fez custar a identificá-la. Valeu muito a alegria do encontro e a vibração grandiosa do seu abraço até hoje vivenciado. Agradeço sempre a Deus pela oportunidade concedida a meu espírito de reencontrar minha mãe. Em outra ocasião, encontrei, em desdobramento, o pai de um dos meus ex-colegas de Faculdade. Ele me comunicava a sua morte e me aparecia triste e abatido. Ao despertar, contei o "sonho" a minha esposa, profundamente impressionado, e indagava-me intrigado: — "Será que o Sr. José desencarnou?"

Com o decorrer dos afazeres do dia, esqueci-me do ocorrido; porém, à tarde, recebi a notícia da desencarnação do amigo, a qual se verificara há três dias. Duas semanas após, revi o Sr. José em espírito e mostrava-se feliz, mais rejuvenescido e, sorrindo, me confirmava sua "morte". Repliquei com uma brincadeira, dizendo-lhe que se estivesse morto não poderia estar ali a conversar comigo. Notei, então, um fenômeno inusitado, eu estava aparentemente sério, enquanto galhofava, contudo sentia o corpo físico sorrir na cama. Foi uma grande prova da sobrevivência além-túmulo para mim, ao lado de outras experiências de desdobramento, em minha vida. ³ Visitando a "Casa Maria de Magdala", em Pendotiba, perto da cidade de Niterói, RJ, um albergue espírita que socorre os irmãos acometidos de AIDS, reencontrei um dos líderes dessa empreitada, o confrade Dr. René, que me disse serem os doentes dessa terrível moléstia projetores por excelência e excessivamente místicos. Logo, de imediato, levei meu

³ (1) Nota da Editora: Fato também descrito no livro "O Consolador entre Nós", capítulo V, "Um Testemunho da imortalidade", editado por nós em julho de 1992.

pensamento ao Alto, agradecendo pelas pérolas de misericórdia e consolo arremessadas aos irmãos aidéticos. Graças à projeção da consciência, esses irmãos captam em profundidade as emoções do plano espiritual, sendo testemunhas vivas na carne da imortalidade.

A projeção astral contribui, sobremaneira, para que o homem se conscientize da realidade do Plano Espiritual e se veja como um- ser imortal, como filho de Deus que é Amor, um cidadão do universo, em busca da perfeição, iluminado pelas estrelas incomensuráveis do Pai.

Disse um dos grandes luminares do cosmo, em missão grandiosa no planeta Terra: "Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará" (João 8:32).

Infalibilidade mediúmica

Celso Martins

Conheci um grupo espírita em dado bairro da Zona Norte da Cidade do Rio de Janeiro, cuja orientação doutrinária e expositiva muito me agradou porque eles lá têm um modo de pensar e de agir muito semelhante ao meu. Não ousou garantir seja uma postura aquela mais correta, porém, a mim me parece a mais sensata, a mais racional! Logo, agradou-me e por isso passo a dar informações a respeito aos leitores também. Só deixo de fornecer o endereço do grupo porque o que importa não são as pessoas em si mesmas mas os fatos propriamente ditos.

Realizam eles às segundas-feiras uma sessão de passes magnético-espirituais sem nenhum ritualismo. Tudo transcorre num clima de recolhimento e elevação dos pensamentos até Deus buscando a indispensável ajuda dos amigos invisíveis para os nossos males orgânicos, para as nossas indisposições físicas e sobretudo para as nossas moléstias morais.

Antes, porém, da administração de tais passes a uma assistência de umas 60 pessoas, o presidente faz uma preleção de meia hora, no máximo, onde é declarada abertamente a questão da infalibilidade do médium. Sim, sobre o tema da infalibilidade do médium. Desta maneira, a pessoa que vai até ali receber o passe, vai logo sabendo que o médium NÃO É INFALÍVEL!... Embora procure ser um instrumento da Espiritualidade Superior para intermediar a ação dos Espíritos bondosos e solícitos junto aos seres aflitos — nem por isso o médium é um indivíduo DIFERENTE, capaz de operar milagres ou operar prodígios espetaculares, não!

Sei que tudo isto não constitui nenhuma novidade para quem milita há anos em nosso meio e procura assimilar a Doutrina em seus princípios; todavia, muitos dos que buscam a Casa Espírita nem sempre têm de igual maneira esta compreensão. Por isso, o presidente faz questão de repetir várias vezes o que, para nós, chega a ser o óbvio: o médium tem dor de barriga, tem filhos adolescentes, tem dificuldades no trabalho, etc... etc... etc... A única

diferença reside no fato de que o médium quer ser útil ao semelhante, seu irmão em Humanidade. Quer ajudar... Vários são os médiuns que atuam ali em regime de fraternidade... E todos eles auxiliam as criaturas, sim, pois eu mesmo várias vezes já tive ocasião de ser beneficiado! Espalham estes benefícios sem distinção de classe social ou de raça do paciente, sem perguntas indiscretas ou insinuações descaridasas.

Como já declarei no começo, não posso dizer seja esta a postura mais correta, mas a julgo a mais racional, a mais sensata, desmistificando e desmitificando (isto mesmo, desmistificando e desmitificando, sim!) a figura dos médiuns dali ou de qualquer outra Casa Espírita. Ao centro, às vezes, aparecem pessoas que estão, esta a dura realidade, acostumadas ao Catolicismo onde um padre absolve pecados mediante confissão e penitência. Outras talvez andaram pelas igrejas evangélicas e podem vir com as ideias de uma salvação eterna depois de se lavarem no sangue do Cordeiro de Deus. Muitas, sem dúvida alguma, já conheceram os terreiros do Umbandismo, cujos orixás resolvem todos os problemas.

Creio ser desnecessário dizer que, com estas palavras, não estou de modo nenhum a criticar ou a condenar o que se passa em outras religiões. Não estou pondo-me contrário a quem pensa ou age deste modo. Não e não. É um direito que as criaturas têm de agir e pensar do modo que desejarem, desde que não prejudiquem terceiros. Não concordamos com semelhantes procedimentos; todavia, respeitamos estas posturas, quando sinceras. Religião é coisa de foro íntimo. Não pode ser forçada a quem quer que seja, de jeito nenhum!

O esclarecimento prévio que é feito pelo presidente da instituição aqui na Zona Norte da Cidade Maravilhosa às segundas-feiras antes da fluidoterapia a mim me parece oportuno porque aí ninguém irá endeusar este ou aquele médium. Nem vai querer que o Centro Espírita realize aquilo que as Leis de Deus não permitem ou ocorra antes do devido tempo. Tampouco saia dali dizendo que o Centro é fraco, caso não seja atendida a sua solicitação.

Outro detalhe que é lembrado reside nisto: o tratamento mediúnico não dispensa o paralelo atendimento médico ou psicológico a que algum doente estava submetido, não! A água fluidificada não substituirá os remédios prescritos pelos facultativos também interessados na cura de algum enfermo. Ela poderá ter ação sobre o perispírito, sobre o próprio organismo material, todavia não dispensa de igual maneira a medicação da Medicina terrena, não!

Por fim, é lembrada a necessidade de todos nós, sem exceção, estudarmos as obras espíritas procurando vivenciar o seu conteúdo moralizante com base no que ensinou e viveu o Cristo.

Concordo, pois, com esta orientação: o médium não é infalível. Nenhum mediano deve ser endeusada. Poderá ser estimado, amado, querido como pessoa humana a quem desejamos todo o bem do mundo, sim; porém isto não implica endeusamento, o que não tem respaldo nas obras de Kardec. Tanto como

o Espiritismo, quer Doutrina, quer Movimento, não poderá jamais ser julgado pelo comportamento de um médium, de um espírita não-médium ou por um Centro, O elemento humano, por ser humano, é passível de enganos e equívocos e laboraria em engano e equívoco quem julgasse assim o Espiritismo a partir de uma observação pessoal e, por isso mesmo, parcial.

Espiritismo já!

Américo Domingos Nunes Filho

No mundo atual dominado pela tecnologia e pelo conhecimento intelectual, que discordando da Teologia dogmática leva a humanidade ao ateísmo, só existe uma esperança: O ESPIRITUALISMO VERDADEIRAMENTE SINCERO E ATUANTE. E o Espiritismo, crença que redivive o Cristianismo Primitivo, abrangendo também Ciência e Filosofia, é esperança para os crentes em Deus que repudiam o Cristianismo imposto pela dogmática dos Concílios Romanos; é consolo para aqueles que choram a perda de entes queridos e recebem suas mensagens do Além- túmulo, provando o prosseguimento da vida após a morte; é despertar da humanidade para a era grandiosa da compreensão espiritual com o Mestre; é transformação das atuais crenças cristãs, sem exterminá-las, trabalhando para levá-las à verdade imortal, revelando a verdadeira luz.

No Espiritismo aprendemos que os seres humanos se apresentam em diferentes estágios de evolução espiritual, a grande maioria ainda situada em faixa vibratória inferior. Diz o querido Bezerra de Menezes: "Há aqueles que se bastam com o grão de mostarda e aqueles que necessitam do Cosmos. Há aqueles que crêem sem saber e aqueles que sentem a necessidade de saber para poder crer" ("Reencama- ção e Imortalidade").

A Doutrina Espírita explica que o mal existe porque foi criado pelo próprio homem, que diante do seu livre-arbítrio opta pelo caminho não iluminado. O amor do Pai, estendendo-nos Sua misericórdia, possibilita a oportunidade do nosso resgate. E se é claro que praticamos o mal, evidentemente o mesmo mal cairá sobre nós. Como podemos entender a dor que infligimos a outrem, se não a experimentamos em nós mesmos? Não devemos amar o próximo como a nós mesmos? O amor de Deus toma possível nosso reajustamento com a Lei Divina através da reencamação: "Não te admires de eu te dizer: Importa-vos nascer de novo" (João 5:7).

Se a reconciliação com o nosso adversário não se realizar, enquanto estamos com ele no caminho da vida física, ficaremos na prisão (temporariamente) até pagarmos-o último ceutil, isto é, reencarnaremos novamente em situação de intenso sofrimento até nos conscientizarmos do que fizemos e então crescermos verdadeiramente para o Criador. (Mateus 5:26) O absurdo é sermos punidos com "sofrimentos eternos", "vivendo-se apenas uma existência física", insuficiente

para atingirmos os mais elevados graus do conhecimento e da moral. Tudo isto baseado na má interpretação da linguagem eminentemente simbólica de Jesus. "Fogo eterno" e "choro e ranger de dentes" correspondem ao julgamento realizado no "tribunal da nossa própria consciência, representando o fogo das torturas morais que consome as criaturas no Além-túmulo, o chamado "Inferno do remorso".

Certa feita, um discípulo do Cristo perguntou ao Mestre: "Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes?" Respondeu-lhe Jesus: "Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete" (Mateus 18:21-22). Esta afirmativa de Jesus mostra-nos quão incomensurável é o perdão e a misericórdia de Deus para todos nós seus filhos. Como pode um pai castigar para sempre um fruto da sua criação? "Qual dentre vós é o homem que se porventura o filho lhe pedir pão lhe dará pedra? Ou se lhe pedir peixe, lhe dará uma cobra? Ora se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o vosso Pai que está nos Céus..." (Mateus 7:9-11).

Professando a crença espírita, o homem deixa de sentir temor por Deus. Sabe que o Pai é verdadeiramente amor, como ensina o apóstolo João, na 1ª Epístola, capítulo 4:8.

O Espiritismo é essencialmente moral e cristão. Representa o cristianismo redivivo, sem o obscurecimento da fonte de luz irradiada dos Evangelhos realizado pelo dogmatismo. Vem ensinar aos homens as lições memoráveis de Jesus. Através da doutrina da reencarnação atesta a misericórdia do Pai que não tem fim. Pela mediunidade, revela que os mortos estão vivos e que o decesso físico não interrompe a vida.

Só existe uma esperança para toda a humanidade que passa por um momento muito sério, inclusive necessitando de um sistema de fé diferente: ESPIRITISMO JÁ!

Astronomia e Espiritismo

Celso Martins

Um dos ramos científicos, quer dizer, uma das ciências que mais tem crescido desde os anos 50 para cá, fazendo audaciosas pesquisas, ampliando muito o acervo de seus conhecimentos é exatamente a Astronomia. Basta que se diga que dela se derivam, ou com ela se relacionam, a Astrofísica, a Astroquímica, a Exobiologia (estudo da possibilidade de vida fora da Terra), a Ufologia ou seja, o estudo científico dos discos voadores ou objetos voadores não identificados, os OVNI's...

Norte-americanos e russos têm lançado foguetes, satélites, sondas, até mesmo ônibus espaciais a fim de conhecerem mais a fundo o que existe no

Universo, ou, pelo menos, em nosso Sistema Solar, em nossa galáxia, a Via-Láctea. O caro leitor sabe disto porque tudo isto é notícia frequente nos programas de rádio, de tevê e nas páginas de revistas e jornais.

James Jeans, um dos maiores astrônomos do nosso século, por exemplo, no livro *The Universe Around Us* (O Universo em volta de nós), chegou a afirmar textualmente:

"O número de sistemas planetários em todo o Espaço deve ser inimaginavelmente grande. Bilhões deles podem constituir réplicas quase exatas de nosso sistema Solar e milhões de planetas constituir outras réplicas quase exatas da Terra."

De igual maneira, o astrônomo russo Liapunov revela em *Viagens Interplanetárias* que os astrônomos vêm observando o movimento de 240 estrelas mais próximas de nós e sabem que aproximadamente umas 60 delas têm satélites.

Ora, podemos então raciocinar da seguinte maneira: A nossa galáxia tem mais de 100 bilhões de estrelas. Considerando-se a proporção sugerida pelo sábio soviético, cerca de 25 bilhões de estrelas da Via-Láctea seriam razoavelmente centro de outros tantos sistemas planetários e, em dezenas de milhões, já podemos admitir a existência de supercivilizações.

Já no século passado, os Espíritos Superiores diziam a Kardec:

não vejais nesses planetas desconhecidos apenas os três reinos que se estendem ao vosso redor. Pensai, ao contrário, que assim como nenhum rosto de homem se assemelha a outro rosto em todo o gênero humano, também uma portentosa diversidade inimaginável se acha espalhada pelas moradas eternas, que vagam no seio dos espaços."

O exobiologista Cari Sagan diz: "Os extraterrestres podem ou não ser animais ou seres humanos, mas ao mesmo tempo podem possuir inteligência como nós, moral, capacidade artística, etc." É completa: "Ser de outro mundo pode significar sentir e pensar como nós, mas k não necessariamente assemelhar-se".

Quer dizer, Sagan repete o que os Mensageiros anunciaram há mais de um século. E aí é que está: Onde fica quem diga que Kardec esteja superado? Vamos, porém, prosseguir mais um pouco.

Depois de afirmar a existência de uma civilização semelhante à da Terra a 40 milhões de anos-luz, no centro da Via-Láctea, o astrofísico soviético Nicolaj Kardashev ensina:

"As civilizações cósmicas seriam de três tipos: aquelas que se encontram no mesmo grau de adiantamento da Terra e que ele classificaria de tipo I. Aquelas outras de tipo n, capazes de enviar sinais a milhões de anos-luz de distância e que sabem utilizar a energia solar de seu sistema. Aquelas outras ainda de tipo Hl, capazes de extrair energias enormes das estrelas em formação e de outras fontes radiantes de infinitas potências e que se concentram especialmente nos

núcleos das galáxias em espiral. Neste terceiro tipo estariam criaturas capazes de realizar viagens no espaço interestelar."

O professor Ziegel é um dos poucos cientistas soviéticos que não rejeitam, por sua parte, a hipótese dos UFOs ou os OVNI's nos céus da Terra. Outra citação digna de menção é de A. W. Haslett que, no livro "Mistérios da Ciência", conjectura:

"Existem outros mundos provavelmente propícios ao desenvolvimento da vida. Mas não temos elementos seguros para afirmar que eles sejam habitados. Talvez sejamos nós os únicos espécimes do gênero. Entretanto, também não será impossível que sejamos encarados, pelos habitantes de algum planeta mais adiantado, como criaturas lamentavelmente inferiores".

Então, como dizia, eu lá no começo deste comentário despretensioso, a Astronomia vem avançando, vem fazendo pesquisas, e novas luzes, novos conhecimentos, novas concepções são lançadas sobre a origem e sobre a evolução das estrelas e das galáxias. Pois muito bem! Desde o início da Codificação, em **18** de abril de **1857**, que Kardec defende abertamente a pluralidade dos mundos habitados. Evidentemente não podemos bisonhamente pensar em vida então em termos exclusivamente terrestres. É bem possível outra ou no plural, são bem possíveis outras modalidades de vida. Mas de qualquer maneira, serão outras tantas oportunidades do Espírito poder crescer para a Perfeição, marchar para o seu Criador.

Fitando, deste modo, um céu estrelado, olhando no firmamento do Brasil o Cruzeiro do Sul, analisemos como é grandiosa a Criação Divina! Vem-nos de imediato à mente aquela frase de Jesus: Há muitas moradas na casa do meu Pai. Ora, em O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO já aprendemos que por casa do Pai, Jesus queria dizer o Universo e por moradas as diferentes categorias de planos onde o Espírito necessariamente estagia, ganha experiência e progride, como sempre dizia o professor Leopoldo Machado, para a frente e para o alto!

Um conceito espírita e sua confirmação inicial pela ciência

Américo Domingos Nunes Filho

O insigne Codificador da Doutrina Espírita, Allan Kardec, com muita propriedade, aborda o tema da sensação nos espíritos, nas obras básicas do Espiritismo.

Em "O Livro dos Espíritos", o grande missionário lionês, na questão **257**, nos

explica o porquê da fome, da sede, do calor e da dor nos espíritos. Inclusive, há a menção da possibilidade de um suicida ter a impressão de estar sendo roído pelos vermes.

Enquanto ainda existem tantos negadores da presença do princípio extra físico dando vida à matéria orgânica, nós, espíritas, através dos ensinamentos da Espiritualidade, já estamos nos aprofundando na natureza das sensações nos espíritos e somos capazes de responder as questões pertinentes ao assunto em tela, tais como: o espírito se alimenta no mundo espiritual? Pode experimentar a individualidade depois da morte impressões físicas?

Certamente, no século que se avizinha, alguns segmentos científicos, afastando-se do cipoal em que se encontram, atestarão a existência da inteligência espiritual, sobrevivendo à morte do corpo somático e comprovarão de alguma forma as sensações nos espíritos.

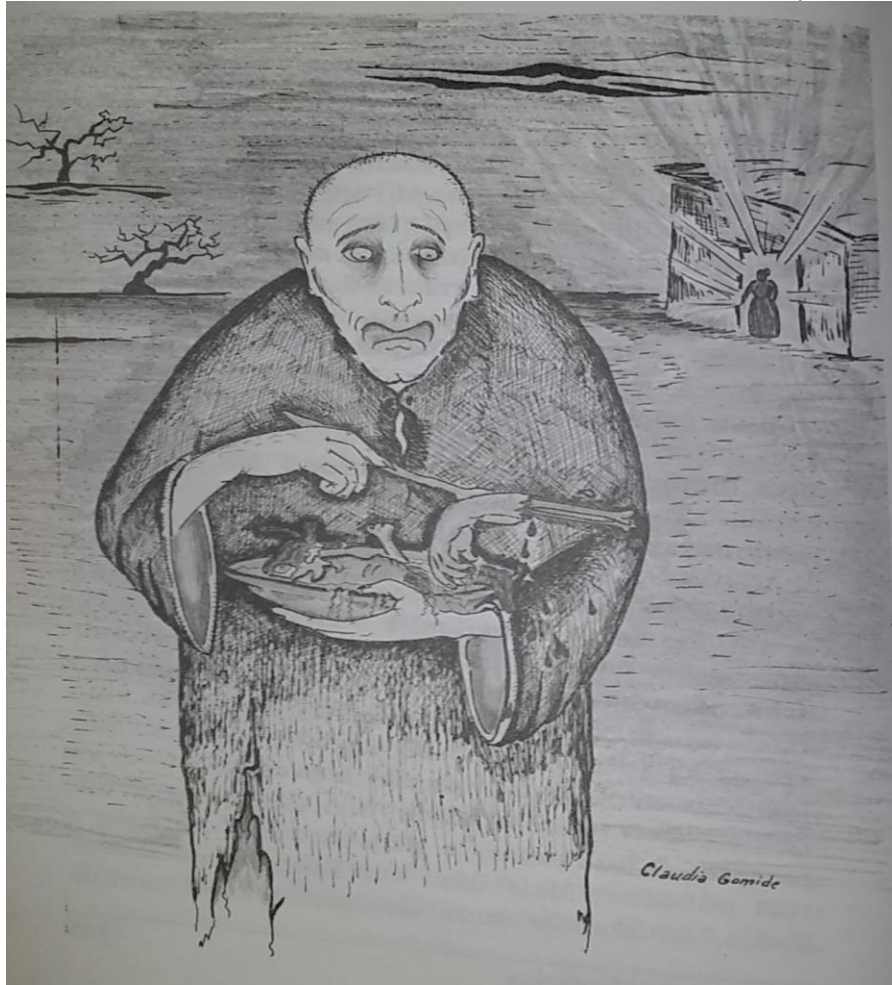
Quando surgiu a lume a obra "Nosso Lar", do espírito André Luiz, através do lápis abençoado de Chico Xavier, muitos profíctes espíritas foram envolvidos pelo misoneísmo, isto é, pela aversão a tudo quanto é novo e foge ao padrão habitual. A informação prestada pelo mentor espiritual da existência de cidades no Além com seus edifícios religiosos, hospitalares, escolares e ministeriais. A presença de rios, parques, jardins, meios de comunicação e de transporte no plano espiritual foi tachada por muitos companheiros de ideal espírita de inverossímil.

No Antigo Testamento, livro do Eclesiastes, primeiro capítulo, versículo nove, Salomão relata que "nada há de novo debaixo do sol". Na realidade, outros autores, alguns videntes, afirmaram muito antes de André Luiz que, na vida espiritual, existe tudo aquilo o qual é encontrado no plano da matéria física, como prédios, monumentos, obras de arte, a beleza da natureza, etc. Podemos citar Arthur Conan Doyle ("Histórias do Espiritismo" e "A Nova Revelação"), Emmanuel Swedenborg ("Céu e Inferno" e "A Nova Jerusalém"), André Jackson Davis, Ernesto Bozzano ("A Crise da Morte"), Rev. G. Vale Owen ("A Vida Além do Véu") e outros.

Em que pese terem sido aceitas tais revelações mais tarde pelos espíritas não havia ainda a comprovação científica, que surgiu com pesquisadores americanos relatando a experiência de centenas de pessoas que foram consideradas clinicamente mortas (parada cardíaca, coma) e que retomaram à vida, descrevendo o que observaram e ouviram no âmbito da vida extrafísica. Na obra "Life after life" ("Vida após a Vida"), do médico americano Raymond Moody, "best-seller" nos Estados Unidos e em outros países, encontramos a descrição de locais contendo edifícios e fontes de água cristalina, onde se realizaram encontros memoráveis com parentes e amigos desencarnados. É a ciência não espírita atestando fatos documentados no Espiritismo.

Atualmente, cientistas eletrônicos de diversas nacionalidades confirmam

André Luiz e os autores já citados, revelando, através da televisão, imagens geradas do mundo espiritual, processo conhecido como Vidicom. São cenas mostrando pessoas à beira-mar, a presença de edifícios e vias públicas. Mais uma vez homens de laboratórios, utilizando seus conhecimentos científicos, estão ao lado da Doutrina Consoladora de Jesus, o Espiritismo.



No livro "Devassando o Invisível", a querida médium Yvonne Pereira relata o esclarecimento ministrado pelo venerando Bezerra de Menezes a respeito da sensação nos espíritos, dizendo: "... teremos o direito de prover certas necessidades imaginárias que, como Espírito, já não poderão sentir, mas que a mente conserva, pelo seu retardamento evolutivo" (pg. 102, 2ª edição, FEB).

Em uma única frase recebemos a devida explicação do assunto que está em tela. Portanto, entidades, contendo um perispírito ainda denso, mesmo já desencarnadas, mantêm as impressões vivenciadas no plano físico, eivadas de reminiscências, lobrigando as percepções que têm sua sede na alma.

Na mesma obra, D. Yvonne, desdobrada (fora do corpo físico), descreve um episódio que verificou na espiritualidade. Um ser, sofrendo o suplício da fome, ao levar uma colher à boca, cheia de um apetitoso caldo de legumes, repudia o alimento e arremessa o prato ao longe, já que no lugar da sopa via postas de carne humana.

Um estudioso da Psicologia, ao ser perguntado a respeito de alguém que, em sonhos, se veja na mesma situação, narrada pela médium Yvonne Pereira, disse estar a pessoa padecendo um intenso complexo de culpa, atormentada pela lembrança de algum fato aterrador de que tenha sido protagonista, afligida por um cruciante remorso.

Esta foi a explicação também recebida da Espiritualidade pela médium. O dia chegará em que a ciência espírita será por completo confirmada pela ciência acadêmica e, então, a humanidade viverá um ciclo de paz e de esperança, sob a égide do nosso querido Mestre Jesus.

O que dizem os Espíritos

Celso Martins

Devo desde já esclarecer que não direi nenhuma novidade. Até porque não quero ser nunca novidadeiro. Assim, não irei anunciar nenhuma novidade. O que passo a escrever em seguida até é do conhecimento de muitos espíritos; o que se dá é que, às vezes, destas ponderações nós com muita facilidade nos esquecemos no trato com a mediunidade, daí porque alvitrei por bem como que passar um espanador em nossa memória. Na minha também!

Senão, vejamos:

Os Espíritos que nos rodeiam e às vezes estão desejosos de dar comunicações, não são todos iguais. Eles diferem entre si numa escala muito ampla, indo dos mais simples e por isso não têm um suficiente conhecimento da verdade, até aqueles que nos são superiores em saber e em moralidade. Sendo assim, como já assinalou Allan Kardec em *O LIVRO DOS MÉDIUNS* (item 185 — Cap. XVI), a natureza das comunicações guarda sempre relação com a natureza do Espírito e traz o cunho da sua elevação ou da sua inferioridade, do seu saber ou da sua ignorância.

Conforme o estado evolutivo do Espírito, assim será a espécie de suas manifestações pela mediunidade. Na análise destas manifestações só o Bom-senso (quer dizer, nem a negação sistemática nem a aceitação afoita) poderá guiar-nos. Convém lembrar que cada Espírito tem as suas características particulares, recordando de certa forma a famosa frase de Buffon, relativamente aos escritores: o estilo é o homem.

Evidentemente, nos Espíritos de elevado grau as aptidões se confundem na unidade da perfeição (palavras do próprio Codificador). Isto é, todos eles agem e sentem de um modo semelhante e cada qual poderá ser, ao mesmo tempo, poeta, músico, cientista, filósofo, etc. Aliás, no próprio mundo material encontramos um exemplo muito significativo em Leonardo da Vinci, a um tempo pintor, músico, anatomista, inventor, naturalista, granjeando um renome internacional até a atualidade, ele que viveu entre 1452 e 1519.

Nos Espíritos de mediana categoria, contudo, entre dois ou mais Espíritos que

ocupem o mesmo patamar evolutivo pode haver diversidade de aptidões, o que é compreensível. Assim, A será dedicado à música, B à poesia e C à Medicina. X à Matemática, Y à Filosofia e Z à Moral. E assim por diante. Em consequência, nas comunicações que derem sempre haverá o matiz de suas preferências particulares. Quando o assunto for de sua especialidade, o Espírito se sentirá muito mais à vontade para analisá-lo, diminuindo sua espontaneidade e segurança ao passar a assunto estranho aos seus conhecimentos e experiências, o que é de igual modo compreensível.

Assim como entre nós encontramos uma enorme variedade de homens, sendo uns cultos, honestos, escrupulosos, todos eles dotados mais ou menos de bons sentimentos, e outros pública ou disfarçadamente ignorantes, vigaristas, rancorosos, vingativos, preconceituosos, agindo de má-fé — o mesmo se dá no mundo espiritual. O simples fato de deixar o corpo físico não é condição suficiente para que o Espírito passe a posição de santo ou de sábio, não! Cada qual continua, no Além, aquilo que era no Aquém, salvo raras exceções em que o Espírito dá um giro de 180 graus sobre seus calcanhares e toma outro rumo, outra direção em seu comportamento, como ocorreu na Estrada de Damasco: o fanático Saulo, de perseguidor implacável dos adeptos do Caminho, fez-se em intrépido Paulo, perseguido mas divulgador das mensagens do Evangelho de Jesus.

Via de regra, porém, durante longo tempo prossegue o Espírito dentro do velho esquema de sua vidinha material, os mesmos interesses, as mesmas ideias, as mesmas opiniões. Por tudo isto, não se poderá jamais perder este conhecimento doutrinário de nossa vista na hora em que estivermos diante de um fato mediúnico qualquer. Nem tudo quanto diga um Espírito poderá, pois, ser a última palavra, a palavra decisiva deste ou daquele assunto. Kardec sempre se baseou na informação universal dada por diferentes Espíritos através de diversos médiuns de cidades distantes, atentando muito mais para o conteúdo das mensagens do que para a forma ou para o nome do Espírito comunicante.

Há casos em que pelo médium nos chega, sim, um conselho sensato, uma orientação segura, realmente baseada nas leis divinas. Se assim é, importa tenhamos a humildade para segui-la pois se trata, repito, de uma ponderação oportuna e amorosa, visando ao nosso aprimoramento moral. É uma palavra amiga de um companheiro que quer o nosso bem.

Entretanto, há outros casos (e que não são tão raros como se pode pensar, não!) em que, pelo mesmo médium, ou por outro, nos chega uma orientação desarrazoada, um conselho que não condiz com o bom-senso, com a lógica, com a razão. Trata-se de uma ponderação que poderá até bater de frente com as obras da Codificação, que são o' fio de prumo, a pedra de toque, o fiel da balança. É que semelhante comunicação procede de um Espírito ainda não suficientemente em condições de ditar conselhos a quem quer que seja, de fornecer ensinamentos, ainda que o faça de boa vontade e no desejo de ser útil.

Companheiros nossos aceitam de afogadilho qualquer comunicação mediúnica que provenha do mundo espiritual. É um erro que não encontra amparo em Kardec. Lembremos o que disse o Espírito Erasto lá no LIVRO DOS MÉDIUNS, rejeitando nove verdades para não admitir uma só mentira. A verdade, mesmo se a rejeitamos, com o passar do tempo ela se impõe por si mesma. Mas engolir uma mentira é sempre uma experiência dolorosa. Conheço pessoas que contra-argumentam assim:

— Mas quem somos nós para rejeitar o que nos vem do Alto?

Ao que replico de imediato:

— Será que vem do Alto mesmo? Não virá do Baixo? Quer dizer, não seria mensagem de algum embusteiro, de algum pseudo-sábio, de algum mistificador? Merece, de fato, ser observada? Onde o nosso raciocínio, o nosso bom-senso, o nosso discernimento, as nossas faculdades mentais de que não podemos jamais abdicar? Assim, como disse, nem negação sistemática, nem aceitação afoita. Senão — poderemos comer gato por lebre!

Kardec, na obra já citada, sobretudo no item **267**, capítulo XXIV, dá as orientações que jamais poderemos esquecer no trato do que dizem os Espíritos. Dentre estas ponderações, assim se pronunciou o Codificador:

“Os bons Espíritos não lisonjeiam; aprovam o bem feito, mas sempre com reserva. Já os maus prodigalizam exagerados elogios, estimulam o orgulho e a vaidade, embora pregando a humildade, e procuram exaltar a importância pessoal daqueles a quem desejam captar a simpatia”.

Encerro este comentário dizendo que para aceitarmos a manifestação de um Espírito não é necessário que ele se identifique completamente. O importante é aquilo que ele diz. Se é aproveitável, se é lógico, se é benéfico — tudo bem!... E jamais aceitar que um Espírito use o nome de nossos entes queridos ou de vultos da Humanidade se não se mostre à altura da identidade pretendida. Conheço um caso neste sentido. Desencarnou um líder espírita nacional e até sua família compareceu um médium que disse estar recebendo suas comunicações. Os familiares quiseram tirar o assunto a limpo. Aceitaram a incorporação do desencarnado. Mas quando se lhe perguntou qual o apelido como era tratado em família, o Espírito comunicante simplesmente claudicou e tirou seu time de campo. Claro que era um engodo ou do médium ou do Espírito. Ou de ambos. Inadmissível tivesse o recém-desencarnado esquecido o nome carinhoso como era tratado pelos parentes mais íntimos.

Não quero, com estas palavras, levar quem quer que seja ao desânimo ou à descrença... Absolutamente! Apenas alerta com sinceridade os meus possíveis leitores quanto ao risco de se tomar nuvem por Juno... Ou comer gato por lebre...

Têm sexo os Espíritos?

(Pergunta n- **200** de "O Livro dos Espíritos") Américo Domingos Nunes Filho

Respondendo à pergunta de Allan Kardec, os Instrutores Espirituais disseram: "Não como o **entendeis...**"

Sendo o espírito criado simples e ignorante (L. E. nº **115**) e albergando dentro de si a Divindade, necessita desenvolver as potencialidades imanentes em si. Para isto, o Criador concede o evoluir da criatura em mundos planetários inferiores, cuja resistência impulsiona o ser para frente, desabrochando a perfeição latente, a centelha divina de que é portador: "O Reino de Deus não está ali, nem acolá. O Reino de Deus está em vós" (Lucas **17:21**).

Um planeta de provas e expiações é a morada ideal para a individualidade crescer espiritualmente, vencendo os embates proporcionados pela vida física. Na Terra, por exemplo, as dicotomias (alegria e tristeza, luz e trevas, bondade e maldade, frio e calor, masculino e feminino e muitas outras) servem como parâmetros ideais para a evolução do espírito. Portanto, há necessidade do ser reencarnar num corpo de qualquer sexo, o que se verifica durante todo o seu aprendizado evolutivo, numa esfera física inferior.

Na sua origem, o espírito é virgem em experiências essencialmente masculinas e femininas. Através do "nascer de novo", dá vida a personalidades, vivenciando experiências nos dois pólos sexuais até chegar à unissexualidade, representação conquistada pelos seres superiores.

Na realidade, a criatura extrafísica não possui distinção sexual, trazendo consigo os dois sexos em potencial, possibilitando encarnar-se como homem ou como mulher.

O psicanalista Jung percebeu essa bissexualidade, denominando de "animus" a imagem masculina e de "anima" a feminina. Desse modo, o homem alberga dentro de si as duas faces da polarização sexual, também conhecidas, na filosofia chinesa, como Yin e Yang. Na Grécia Antiga, a bissexualidade já era intuitivamente aceita. Encontramo-la, por exemplo, no mito dos Andróginos, apresentado por Aristófanes, no Banquete de Platão.

Através da embriologia, acreditamos na presença em potencial dos dois sexos no corpo espiritual, desde que, até a oitava semana de vida intra-uterina, a genitália do embrião é correspondente a ambos os sexos. No início do terceiro mês se inicia a formação do órgão sexual e começa a diferenciação do sexo.

Disse a Espiritualidade a Allan Kardec: "... os sexos dependem da organização."

Qualquer conhecedor da fisiologia humana sabe do que se trata. Os Instrutores do Além referem-se à constituição orgânica, biológica, exclusivamente física ou carnal, responsável pela faculdade procriativa.

O grande personagem dessa organização, necessária à perpetuação da espécie, indutor potente da diferenciação sexual orgânica, é o cromossoma Y, abrigado no

espermatozóide. Quando ele está presente, a gônada indiferenciada se transforma em gônada masculina. Na sua ausência, as cristas gonadais não se diferenciam em testículos, acarretando uma gônada feminina.

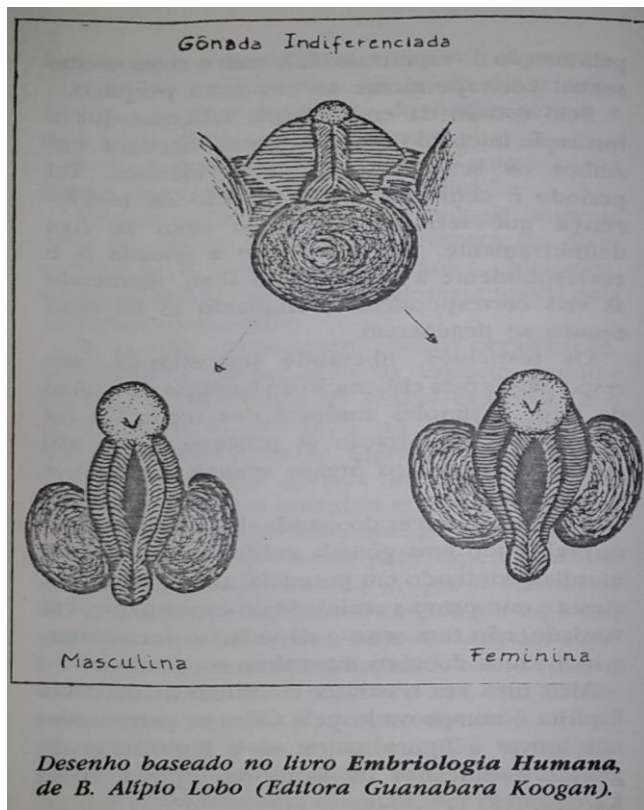
A penetração do óvulo pelo espermatozóide não tem conotação casual, já que o fenômeno da fecundação é controlado e dirigido por espíritos, responsáveis e laboriosos, denominados de "construtores". A própria individualidade reencamante, de acordo com sua faixa vibratória, traz estampada a predominância de um dos sexos. Pelo pensamento e pela vontade pode o espírito plasmar em sua genitália uma característica masculina ou feminina e, então, ser responsável pela atração do espermatozóide com o cromossoma sexual correspondente ao seu sexo psíquico.

Pelo estudo da embriologia, sabemos que a formação inicial do aparelho genital obedece, em ambos os sexos, a uma linha idêntica. Tal período é conhecido como **estado de indiferença** que termina quando o sexo se fixa definitivamente, isto é, quando a gônada já é correspondente a determinado sexo, mantendo as vias correspondentes, enquanto as do sexo oposto se degeneram.

Os testículos, liberando testosterona, são responsáveis pela elaboração do fenótipo masculino do feto. A simples ausência dos testículos faz com que a feminização se processe, tudo isto dando formação aos órgãos sexuais masculinos e femininos.

A ciência, através do estudo do embrião humano, relatando uma gônada indiferenciada ou primordial, contendo em potencial ambos os sexos, atesta e comprova a realidade do espírito que, em verdade, não tem sexo e dá vida, ao reencarnar, a indivíduos do sexo masculino ou feminino.

Mais uma vez o caráter científico da Doutrina Espírita é comprovado pela Ciência, permitindo- nos louvar a figura majestosa e importante do grande codificador da Doutrina Espírita, Allan Kardec.



OBS: Este capítulo foi baseado na obra "Sexualismo e Espiritismo", do mesmo autor, publicada pela Editora Léon Denis, Rua Abílio dos Santos, 137. Bento Ribeiro, cidade do Rio de Janeiro.

Comunicações com extraterrenos

Celso Martins

Terminada a reunião de estudos doutrinários, quando eu me preparava para sair do centro e regressar a meu lar, pois a noite ia alta e morava distante, dependendo de ônibus demorado, eis que sou procurado por um senhor de seus 40 anos de idade, pedindo-me um minutinho de minha atenção.

Passei a ouvi-lo. Quis de mim saber se aceito a possibilidade de vida em outros mundos. Em outros planetas. Em outras galáxias. E porque eu lhe respondesse que sim, inclusive escudado em Kardec que há mais de um século já defendia esta possibilidade, embora decerto outros seres encontrando-se em outras dimensões, em formas talvez diversas das formas terráqueas, com estruturas não necessariamente semelhantes às terrestres, aí o companheiro me colocou nas mãos um punhado de papeis manuscritos pedindo mais:

— Então o senhor vai fazer o favor de levar este material e ler em casa.

Estranhei: — Mas que tem que ver com isto a sua pergunta que me foi feita, se admito a vida em outros pontos do imenso Cosmos? arrisquei, já com alguma

experiência no assunto: — São originais de um livro sobre este tema e o companheiro deseja que eu organize e arrume um editor?

— Não, replicou imediato. Não é isto, não! É coisa mais sensacional ainda, professor. São lindíssimas mensagens que recebi em casa, mediunicamente, de um Espírito que vive num planeta da estrela Sírius!

Fiquei pasmado sem entender mais nada. Decerto estaria eu a ouvir o canto de alguma sereia e não a pegar material... mediúnico... de um Espírito... de um planeta... da estrela... Sírius? Ou seria algum Espírito zombeteiro que teria se materializado, ali no centro, após a minha palestra, só para testar a minha incredulidade de São Tomé?

— Mas meu amigo, eu não tenho tempo, ando assoberbado, com muitas aulas nas escolas, artigos para jornais, textos de livros nas editoras, a saúde meio baleada nos intestinos — tentei tirar o time de campo.

Mas o homenzinho não perdeu a vaza, insistindo:

— Não tenho pressa. Pode ficar com estes papeis o tempo necessário. Tenho cópias. É para o senhor ler e meditar sobre as verdades nelas contidas.

Este finalzinho de frase demonstrou que ele não queria minha opinião. Não me fazia nenhuma pergunta. Já tinha a resposta na ponta da língua.

Meio confuso, porque com pureza d'alma eu não esperava aquela conversa, dele me despedi. Em casa, corri os olhos sobre o amontoado de papeis manuscritos e, prezados amigos, com todo o respeito que aquele senhor me merece, nunca li tanta tolice junta! Tantas frases sem nexos algum!

Esperava encontrar pelo menos um mínimo de coerência nas afirmativas, porém, só apareciam absurdidades!

E agora eu me ponho seriamente a pensar: Como é que agem os Espíritos mistificadores! Como eles agem para fascinar pobres médiuns que não têm o devido cuidado de estudar criteriosamente o que ensinava Kardec nem querem ouvir a orientação despreziosa e sensata de algum companheiro com maior experiência na área mediúnica.

Não que haja em Espiritismo os professores, os mestres, os doutores. Não é isso, não! Mas devemos de convir que existem os prudentes, os cautelosos, os sensatos e os que se deixam empolgar, entusiasmados com as mensagens que recebem e não nas passam pelo crivo da razão, do bom-senso, da lógica, como sempre fez e preconizava o próprio Codificador.

Até ali eu já havia conhecido médiuns que receberam comunicações de Napoleão Bonaparte, de Inácio de Loyola, de Sto. Tomás de Aquino, de Getúlio Vargas, de Juscelino Kubitschek, de Paulo de Tarso e de Maria Santíssima! Já vi livros até atribuídos a Jesus de Nazaré!... Kardec inclusive coloca no Livro dos Médiuns duas mensagens apócrifas, quer dizer, falsas, onde o Espírito comunicante não se acanha em dizer-se Jesus. E Kardec desmascara o farsante!

Até ali eu já havia lido estas mensagens medíocres, ridículas, que prestam um

desserviço à nossa causa porque apenas fomentam o descrédito em pessoas sérias. Agora — meu Deus! — são Espíritos de outras galáxias... É demais... Como dizia um colega de magistério, não-espírita, há pessoas que misturam ficção com imaginação. Não pode sair coisa diferente mesmo, não é verdade?

Nada tenho contra quem quer que deseje ser ludibriado por Espíritos galhofeiros nem contra quem coma gato por lebre! Espíritos desta natureza zombeteira existem muitos, pululando por aqui e por aí em fora. Certa ocasião, numa série de sessões de desobsessão, através de uma mesma jovem médium dava comunicação uma entidade que ora se dizia famoso filósofo, ora se declarava grande cientista, ora renomado líder religioso até que, numa reunião, o presidente, médium vidente, embora fosse uma pessoa de pouca instrução material, desmascarou também aquele farsante, que não gostou de ser desmascarado e explodiu em expressões de rancor!

Mas fico a pensar seriamente o que é que querem fazer com este salseiro das Arábias! Mediunidade é coisa séria e com seriedade deve ser exercida. Aliás, em Espiritismo tudo deve ser feito com seriedade. Eu não escrevi sisudez porque sisudez nem sempre é sinal de seriedade. Eu escrevi seriedade, palavra que muito tem que ver com responsabilidade. Ou será que desejam venha a nossa Doutrina a cair no fosso do gaiato, do cômico, do folclórico?

Pelo amor de Deus, vamos parar com isto que há muita coisa nobre e pura e linda para ser tratada, consolando os tristes, orientando os desalentados, socorrendo os sofredores, educando os moços e as crianças, alimentando os famintos, dessedentando os sequiosos numa hora em que o mundo inteiro atravessa grave crise econômica e moral.

Que em outros mundos haja vida, eu não posso duvidar, porque é uma verdade proclamada pelo Espiritismo e já admitida pelos astrônomos de renome internacional. Mas eu me reservo o direito de rejeitar estas mensagens que não resistem a meio palmo de uma crítica imparcial. Mensagens que, repito, não passam pelo crivo do bom-senso, da lógica, da razão, como fazia e recomendava Kardec!

Todo cuidado sempre será pouco a fim de não cairmos nas armadilhas dos falsos profetas do Além!

Aborto criminoso

Aurellano Alves Netto

Wittes de nasce*, já *exa a vida*. — *Braz Florenzano Neto*

Está se generalizando de tal modo a prática do aborto provocado (ou, melhor dizendo, do aborto criminoso), que o problema já assume aspectos de verdadeira calamidade. E o pior é que aquilo que era feito sub-repticiamente, como infração, agora passa a fazer-se às escâncaras, a coberto de qualquer penalidade, senão mesmo sob o estímulo e a complacência da lei.

Nos países escandinavos — Suécia, Dinamarca e Noruega —, o aborto é permitido até por simples razões econômicas. O que, aliás, não é de estranhar, de vez que lá é o império do "amor livre" e da mais desenfreada pornografia.

É legal o aborto no Japão e na maioria dos países comunistas, não sofrendo praticamente nenhuma restrição. No legendário Império do Sol Nascente, houve cerca de **2.000.000** de abortos em **1966**.

Mas, atualmente, na maratona das délivrances forçadas, quem bate todo os recordes é a outrora tão puritana Inglaterra que legalizou o aborto em **1968**. E, por incrível que pareça, explora essa "liberalidade" para fins turísticos. Até há pouco tempo, a London Agency anunciava: "Visite Londres, suas clínicas, seus hospitais. Viagem de ida e volta por US\$ **1.250**, inclusive o aborto".

O negócio foi assaz rendoso, carreando muitos dólares para a terra dos beatles, e talvez por isso mesmo os Estados Unidos resolveram seguir o "bom exemplo" britânico. O Congresso Norte-americano votou uma lei, que vigora desde julho de **1970**, permitindo o aborto nos seis primeiros meses de gravidez. Por enquanto, a nova lei é aplicada em caráter experimental apenas no Estado de Nova Iorque, mas espera-se que, pelos "bons resultados" obtidos, dentro em breve se estenderá ao resto do país.

Nova Iorque é atualmente chamada "a Capital do aborto". O New Health and Hospital Co. instalou telefones especiais para melhor atender à numerosa clientela. Tomou-se comum a expressão: "Discar um aborto".

O médico Harvey Karman apregoa suas habilidades de "fazer aborto sem dor num minuto", utilizando um tubo plástico *flexível*.

Em Parkmed, moderníssimo centro de abortos, nos subúrbios de Manhattan, o método é o de "sucção por vácuo", custando **150** dólares o "serviço completo".

Há uma fundação em Michigan, instituída por um grupo de clérigos de Detroit, para providenciar abortos em Nova Iorque. A clínica atende a duzentas mulheres por semana e só aceita as que forem recomendadas pelos clérigos.

Um médico de certo hospital de Brooklyn, onde a cada quinze minutos se faz um aborto, confessou-se horrorizado com o que lá presenciou. Disse-lhe uma enfermeira que "o bebê é removido e *colocado* numa bandeja para morrer". Isto porque um feto de vinte e quatro semanas de gestação já apresenta todas as características de um ser humano. Movimenta-se, produz alguns sons e esforça-se por respirar.

Aos apologistas do aborto não faltam pretextos para justificá-lo. A explosão demográfica é, talvez, o argumento que se lhes afigura mais convincente. Porém há outros, de ordem muito pessoal: medo da reprovação pública ao filho bastardo, ocultação de relações ilícitas, prostituição, preconceitos sociais, dificuldades econômicas.

Ora, uma falta não pode justificar outra e as dificuldades são uma constante na vida do indivíduo encarnado, que, no enfrentá-las e vencê-las, adianta seus passos

no caminho da Evolução.

No O Livro dos Espíritos, questão **358**, está claramente elucidado:

"Há crime sempre que transgredis a lei de Deus. Uma mãe, ou quem quer que seja, cometerá crime sempre que tirar a vida a uma criança antes do seu nascimento, por isso que impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando".

Todavia, se o nascimento da criança trouxesse perigo à vida da mãe, seria lícito admitir-se que fosse a primeira sacrificada para salvar a segunda, pois "preferível é que se sacrifique o ser que ainda não existe a sacrificar-se o que já existe".

Conquanto o certo seja dar bom cumprimento à lei do "crescei e multiplicai-vos", dotados de livre-arbítrio, poderemos fugir temporariamente a esse dever. Mas, nesse caso, para evitar o aborto, evitemos procriar. Dos males, o menor. Afinal, há recursos científicos que merecem fé, como, por exemplo, o método Ogino-Knaus de limitação da natalidade.

O período fértil, segundo o referido método, durante o qual pode ocorrer a gravidez, se dá entre o **9º** e **17º** dia após o **1º** dia de menstruação. Deve ser evitado nestes dias o contato sexual.

Ainda aborto criminoso

Aureliano Alves Netto

A não ser o aborto terapêutico para salvar a vida da gestante, entendemos que é criminoso qualquer tipo de aborto provocado voluntariamente.

Em A Gênese, ensina Kardeç:

"Quando o Espírito tem de encarnar num corpo humano, um laço íluídico, que mais não é do que uma expansão do seu perispírito, o liga ao gérmen que o atrai por uma força irresistível, desde o momento da concepção".

Fecundado o óvulo, aí está um novo ser a encetar sua longa trajetória biológica. Mesmo antes do terceiro mês de vida intra-uterina, quando o embrião ainda não adquiriu as características de criatura humana, expulsá-lo compulsoriamente do seu meio nutritivo natural significa mais do que violentar uma lei da Natureza: constitui um crime de lesa-humanidade.

Que dizer, então, do extermínio do feto já em adiantada fase de desenvolvimento?

Num artigo intitulado "Contra a nefanda lei do aborto", Mons. L. B. Lyra transcreve o dramático depoimento de uma enfermeira de certo hospital inglês:

"Está diante de mim um ser pequeno e impotente ligado ainda à mãe pelo cordão umbilical. Era um menino, de cor rósea, muito bem formado. Estava ali e gemia, e quando o toquei agitou as mãozinhas. Era uma cena que desafiava os instintos maternos de qualquer mulher, e eu, enfermeira, notei que se me revoltavam os sentimentos. Porém aquele pequeno ser, em vez de passar aos braços de sua mãe,

para ser acariciado e amado, era atirado a uma balde de metal, dando-se fim a uma vida que não teve tempo de começar”.

Fatos dessa espécie não causam mais espécie no reinado de Elisabcth II. O aborto delituoso, que foi outrora punido com pena de morte na Grã-Bretanha, agora está legalizado e até estimulado naquelas briosas plagas de além-mar. Consta de um relatório da Associação de Planificação Familiar da Inglaterra que, lá, os abortos de adolescentes (teen-agers) aumentaram **28%** em um ano, sendo que quase metade dessa percentagem corresponde a jovens menores de **16** anos.

Muita gente não se dá conta de que não podem ficar impunes tais desregramentos criminosos que bradam aos céus. Mas a verdade é que cada um é responsável pelos seus atos e... quem semeia ventos, colhe tempestades.

No livro *Ação e Reação*, de André Luiz, há um trecho que diz respeito ao momentoso assunto.

Hilário pergunta ao Assistente Silas se o aborto provocado é falta grave. Responde-lhe, incisivamente, o Assistente:

— Falta grave?! Será melhor dizer doloroso crime. Arrancar uma criança ao materno seio é infanticídio confesso. A mulher que o promove ou que venha a coonestar semelhante delito é constrangida, por leis irrevogáveis, a sofrer alterações deprimentes no centro genésico de sua alma, predispondo-se geralmente a dolorosas enfermidades, quais sejam a metrite, o vaginismo, a metralgia, o enfarte uterino, a tumoração cancerosa, flagelos esses com os quais, muita vez, desencarna, demandando o Além para responder, perante a Justiça Divina, pelo crime praticado. É, então, que se reconhece rediviva, mas doente e infeliz, porque, pela incessante recapitulação mental do ato abominável, através do remorso, reterá por longo tempo a degenerescência das forças genitais.

Isso sem falar nas prováveis torturas da obsessão provocada por aqueles que se sentiram frustrados por lhes ter sido tolhida a oportunidade de uma nova experiência no corpo somático.

Mas nem só a mulher imprudente é responsável pelo ato delituoso. Se o companheiro é cúmplice (geralmente o é), cabe-lhe também a reparação da falta.

“No homem, o resultado dessas ações aparece, quase sempre, em existência imediata àquela na qual se envolveu em compromissos desse jaez, na forma de moléstias testiculares, disendocrinias diversas, distúrbios mentais, com evidente obsessão por parte de forças invisíveis emanadas de entidades retardatárias que ainda encontram dificuldade para exculpar-lhes a deserção”. (Evolução em Dois Mundos, pág **198**)

É óbvio que são co-responsáveis os médicos “fazedores de anjos” e os que os ajudam nesse execrável mister. Os executores da chacina não podem fugir aos imperativos da Lei de Deus, que é justa, sábia, perfeita.

Ninguém pense que se eximirá ao resgate das dívidas contraídas.

Jesus conosco

Américo Domingos Nunes Filho

O Cristianismo nascente foi alicerçado através da ajuda considerável da Espiritualidade Superior. Os Espíritos, sob a tutela do Cristo, assessoraram os primeiros cristãos, auxiliando-os na grande tarefa de difundir o Evangelho para todas as criaturas.

O escritor da Epístola aos Hebreus dizia que uma "nuvem de testemunhas" rodeava-lhe e aos seus discípulos (12:1). O mesmo autor denomina Deus como "Pai dos espíritos" (Hebreus 12:9) e exorta os primeiros seguidores do Cristo a "obedecerem aos guias, sendo obedientes para com eles, já que velam por suas almas" (Hebreus 13:17). É claro que fala de guias espirituais, já que alerta que todos deveriam "lembrar-se deles, imitando a fé que tiveram" (Hebreus 13:7) e enfatiza que "Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo, e o será para sempre" (Hebreus 13:8).

A mediunidade era praticada consideravelmente pelos que pregavam a nova doutrina. O apóstolo Paulo lembra a seu discípulo Timóteo que permaneça no exercício do intercâmbio mediúnico ("dom de Deus"), o qual foi desenvolvido por Paulo, através de passes ("imposição das mãos"). (Segunda Epístola a Timóteo 1:6).

Em verdade, na fase de implantação da mensagem cristã, foi primordial o exercício das faculdades medianímicas, as quais tiveram o seu apogeu no célebre dia de Pentecostes, quando todos os discípulos, em transe, pregaram o Evangelho, falando línguas estrangeiras, fenômeno conhecido no Espiritismo como Xenoglossia (Atos dos Apóstolos 2:1-13).

Muitos ensinamentos profundos não podiam ser ministrados na época do Cristo, devido ao atraso intelectual e evolutivo da humanidade. Jesus disse: "Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora" (João 16:12). Contudo, o Mestre ressalta que, no tempo certo, Suas palavras seriam reafirmadas e ampliadas, através de um mensageiro, o "Consolador" ou o "Espírito da Verdade" (João 15:26; João 16:25). O Cristo se refere às falanges de Espíritos que "não falaria por si mesmos, mas que diriam tudo o que tivessem ouvido e anunciariam as coisas que hão de vir" (João 16:13). Jesus relata que o "Consolador", O honraria, recebendo a incumbência de dar testemunho das Suas lições: "Ele me glorificará porque há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar" (João 16:14).

Coube à Doutrina Espírita a tarefa de reatualizar o Cristianismo e novamente, surge, exponencialmente, o fenômeno mediúnico, possibilitando a comunicação dos arautos do Mestre com os encarnados.

No início do século passado (1804), um enviado do Cristo reencarna com uma sublime missão: anunciar aos corações humanos a vinda do Espírito da Verdade, prometido por Jesus. Nasce, na França, Hippolyte Léon Denizard Rivail, Allan

Kardec, incumbido por Jesus para esse grande ministério.

Novamente passa a doutrina cristã por nova etapa, surgindo a religião espírita, com seus postulados éticos da transformação moral do homem, reforçando a máxima do amor para todas as pessoas, conscientizando-as que o hoje é vivido em decorrência do ontem e prepara-se agora o que será colhido amanhã.

Ensina o Espiritismo que os atos amorosos, sendo praticados sem nenhum interesse pessoal, criam vibrações harmoniosas que são armazenadas nos refolhos mais íntimos de nosso ser, fazendo-nos mais fortes e aptos a enfrentar os embates da evolução.

Allan Kardec pergunta, inteligentemente, aos Espíritos, mensageiros do Consolador: "Qual o tipo mais-perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo?" A resposta veio enfática: "Jesus". (Questão 625 de "O Livro dos Espíritos").

Na resposta da pergunta 627, da mesma obra, os Benfeitores do Além esclarecem: "Estamos incumbidos de preparar o reino do bem que Jesus anunciou..."

Não há dúvidas, o Mestre retoma novamente à Terra, enviando o "Espírito da Verdade", o qual representa essas falanges de emissários espirituais que vêm reafirmar o que o Cristo ensinou, utilizando-se novamente da mediunidade.

Nossos irmãos protestantes, da seita adventista, estudando com afinco as profecias de Daniel, chegaram à conclusão de que Jesus voltaria ao nosso planeta, em meados do século passado, e aguardaram com ansiedade o grande evento, que não realizado trouxe muita tristeza a esses exegetas. Em realidade, eles não erraram, porquanto, na época prevista, as manifestações espíritas, observadas, em grande intensidade, com as irmãs Fox, em Hydesville, Estado de Nova York, passaram a multiplicar-se com incrível rapidez na Europa, chamando a atenção dos pesquisadores e estudiosos. Então, surge Allan Kardec que, comunicando-se com as Entidades, através de inúmeros médiuns, reúne todas as revelações feitas, sob a direção do "Espírito da Verdade", codificando-as e publicando-as na importante obra denominada "O Livro dos Espíritos". O Cristo, assim como tinha anunciado há quase dois mil anos, realmente regressava ao nosso mundo.

Muitos estudiosos do Novo Testamento consideram as "Sete Igrejas da Ásia", citadas no Apocalipse, como fases distintas do período cristão. A penúltima igreja, a de Filadélfia, corresponde à etapa atual da atividade cristã, precursora da última que bem próxima desponta. Se considerarmos que Filadélfia quer dizer "Amor Fraternal" e que o primeiro ensinamento, ministrado pelo "Espírito da Verdade" a Allan Kardec, foi: "Espíritas! Amai-vos..." (Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo 6^o), constatamos mais uma prova segura de que ao Espiritismo está destinado o encaigo de reviver a Doutrina Cristã primitiva, em toda a sua pureza e essência, concluindo a obra do amado Cristo e preparando a humanidade para o grande porvir que se aproxima, dentro do Terceiro Milênio, quando nosso planeta transformar-se-á em mundo de regeneração, iniciando-se então o último período

do Cristianismo, sob a direção amorosa e magnânima do nosso querido e excelso Mestre Jesus.

O Evangelho segundo o Espiritismo

Aureliano Alves Netto

Um esboço histórico de *O Evangelho segundo o Espiritismo* não pode ser feito senão considerando-se a Doutrina Espírita como um todo, no seu tríplice aspecto — filosófico, científico e religioso. Não foi sem razão que *O Evangelho...* surgiu como o terceiro livro da série kardequiana.

O Livro dos Espíritos, concernente à parte filosófica, apareceu a **18** de abril de **1857**. O Livro dos Médiuns, relativo à parte experimental e científica, veio a lume em janeiro de **1861**. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de conteúdo moral e religioso, somente foi publicado em abril de **1864** (e não no mês de agosto, como assinala Yvone CasteUan, em "O Espiritismo", pág. **47**). Soergueu-se, a nosso ver, como o coroamento da obra de Kardec.

Escreveu Ismael Gomes Braga: "... o livro por excelência do espírita brasileiro é o terceiro de Kardec, que equivaleria (...) ao Levítico e ao Evangelho de Lucas, dois livros encantadores da Bíblia".

Lógica a precedência de *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, de vez que o adjutório da Filosofia e da Ciência conferiu ao Codificador maior autoridade para interpretar as palavras do Cristo, veladas por parábolas e que, tomadas pela letra, vinham sendo deturpadas pelos tempos em fora.

O Evangelho segundo o Espiritismo (e, de resto, toda a Codificação) resultou de exaustivas consultas aos Espíritos, através de médiuns de vários países, desconhecidos uns dos outros. A concordância e espontaneidade das mensagens, recolhidas em cerca de mil centros espíritas, isentos de qualquer suspeita, asseguram à Doutrina foros de legitimidade e de universalidade.

Adolfo, bispo de Argel, numa comunicação em Marmande, denominou-o "o livro branco do Cristianismo redivivo". Daí, talvez, a expressão que pronto se generalizou: "o livro branco do Espiritismo", sobre o qual miss Anna Blackwell assegura: — É um comentário dos preceitos morais de Cristo, com um exame de sua vida e uma comparação de seus incidentes com as atuais manifestações do poder do Espírito.

Kardec intitulara-o, a princípio, "Imitação do Evangelho" (*Imitation de l'Évangile selon le Spiritisme*), resolvendo, afinal, dar-lhe a denominação atual, a instâncias do editor, snr. Didier e de mais alguns amigos.

Apesar do critério íntegro e imenso cuidado, por parte do sábio lionês, no preparo de "O Evangelho", houve ele por bem, a conselho de seus mentores

espirituais, fazer meticulosa revisão da primeira edição, aumentando e refundindo as matérias — segundo informa a Revista Espírita, ano de **1865**, página **356**.

Natural que o livro, pelo próprio Kardec considerado como "o código moral universal", suscitasse grande celeuma numa época em que o clero ainda conseguia perpetrar ignomínias como o Auto-de-Fé de Barcelona. E veio de imediato a reação. Em 1^o de maio de **1864**, a Sagrada Congregação do Index condenava em bloco as obras, folhetos e jornais espíritas. O que não impediu, todavia, que o abade Rocca, no Congresso Espírita de **1899**, afirmasse suas crenças espíritas e cristãs. Digno de aplausos o gesto destemido do citado religioso católico!

Ao que informa Zêus Wantuil em seu livro "Grandes Espíritas do Brasil", é ao dr. Joaquim Carlos Travassos (Fortúnio) que o Brasil espírita deve a primeira tradução em português de O Evangelho segundo o Espiritismo, trabalho esse realizado em **1876**, à vista da **16*** edição francesa.

Da terceira edição francesa, de **1866**, originou-se a tradução para o nosso idioma, de autoria do dr. Guillon Ribeiro, poliglota e vemaculista, ex-Presidente da Federação Espírita Brasileira.

Até princípios de **1976**, a F.E.B. havia lançado **64** edições de O Evangelho segundo o Espiritismo, num total de **960.000** exemplares. Difícil calcular o quantum global de exemplares impressos no Brasil, mas, sem exagero, podemos dizer que ultrapassa a cifra de **3-000.000**, dado que o grandioso livro foi igualmente editado pela LAKE, pela EDICEL, pelo IDE e pela Editora Pensamento, até **1995**.

Até a **33*** edição da FEB, houve, no Capítulo XXIV, **3^a**, omissão do versículo **12**, na citação de Mateus, **13:10 a 15**. O lapso, aliás, oriundo do original francês, veio a ser corrigido, em **1948**, graças ao sonho de um médium que alertou os responsáveis pelas edições subsequentes a fazerem a devida verificação. Quer dizer, o Alto sempre alerta na orientação da nossa Humanidade...

Há também a edição portuguesa em Esperanto, La Evangelio lau Spiritismo, magistral tradução de Ismael Gomes Braga, entregue ao público em **3** de outubro de **1927**, que Haroldo de Esperanto, de **16-4-58**, adjetiva de "modelar".

O sr. N. Esumi, em nome duma importante editora japonesa, solicitou permissão (e obteve) para traduzir O Evangelho segundo o Espiritismo no Império do Sol-nascente. Tanto como em **1979** a FEB lançava uma edição dele em espanhol.

E assim "o livro branco do Espiritismo" vai-se difundindo de maneira extraordinária em escala mundial, levando ao homem sofrido e atarantado do nosso século a dulçurosa mensagem de fé e esperança — lenitivo e bênção do Pai Amável e de Misericórdia.

Finalizando, diríamos que, segundo o Catálogo Geral lançado pela FEB em começos de **1994**, até **1992**, dentre cerca de **400** títulos que a Federação já editou, O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO conheceu **106** edições, desde o já citado e distante ano de **1876**, totalizando **2.455-000** exemplares, sempre no afã de enxugar lágrimas, confortar corações, recordando a moral do

Cristo ao aturdido homem neste crepúsculo do século XX.

Perda de Entes Queridos

Celso Martins

À criatura que não tenha uma visão espiritualista da vida compreensivelmente entra em desespero quando a morte lhe visita a família, roubando como se diz na linguagem coloquial, a presença de um ente querido.

Admitindo ser a morte o fim de tudo, revolta-se contra a separação que considera permanente, definitiva, irrecuperável! Constitui-se, sem dúvida, tal quadro uma dor muito intensa, tanto maior quanto forem os laços de amor que uniam aqueles corações... Tanto mais pungente quando são pais que deixam órfãos ainda menores, necessitados da assistência de um pai ou de uma mãe... Tanto mais acerba quando se verifica a morte de maneira súbita, arrebatando-nos um familiar através de um acidente quando este ser querido estava exuberante, na flor da juventude!...

Todavia, a Doutrina Espírita traz-nos um abençoado consolo nestas horas de que ninguém está livre de enfrentar. À luz do Espiritismo, a morte de modo nenhum representa o término de tudo. Separa-se o Espírito do corpo e é até compreensível que, em nome da saudade, sejam vertidas lágrimas, sobretudo quando se rememoram os momentos felizes, os dias venturosos que foram vividos junto àqueles entes amados!

No entanto, a vida prossegue por toda a Eternidade. Não termina quando chega o instante da desencarnação. A criatura humana não é apenas um punhado de órgãos! - É mais que isto: é o Espírito que se reveste daquele equipamento material por um período temporário. Com a morte, é como se um pássaro fugisse da gaiola! Regressa o Espírito à sua pátria de origem, retoma à sua verdadeira esfera. • •

Não podemos Impedir, então, neste transe, que o nosso coração se encha de saudade e que mesmo as lágrimas se afluam aos olhos. Temos sentimentos. Entretanto, recordemos aos nossos entes desencarnados' rião' nas ¹ horas de padecimentos por que eventualmente eles e nós passamos antes de seu decesso físico'. Lembremo-nos deles nos instantes de uma alegria,* de uma vitória diante de alguma dificuldade, de euforia no dia de seu aniversário porque a reminiscência destes lances agradáveis, cheios de vitalidade; será para eles (e para nós também) como que um 'tônico' 'revitalizador.' A rememoração de circunstâncias doridas e de aflições apenas reativará neles e em nós de igual maneira, uma sensação frustrante de desânimo; e isto, é claro, não irá construir nada de bom para ninguém. Assim, se queremos beneficiá-los, vamos recordar aqueles dias feitos de sol de satisfação e de contentamento na vida em comum.

Os entes queridos prosseguem em sua trajetória de seres imortais!

Jamais supor que estejam onde os seus corpos foram depositados! Não... Ali

ficou apenas a veste que foi usada, necessária, sim, mas apenas durante alguns anos. O dono daquela vestimenta, revestido de outra indumentária muito melhor, encontra-se, agora, noutra dimensão, entre outras velhas amizades, no convívio de antigos companheiros, às vezes socorridos em escolas ou hospitais para a pronta readaptação na Espiritualidade.

Se emitimos pensamentos de inconformação ou mesmo de saudade mesclada de angústia, de revolta oculta, estes entes que nos são tão caros estarão sendo envolvidos em penosas vibrações embaraçantes, dificultando-lhes a marcha evolutiva no Grande Além.

Ao contrário, se os mentalizamos em seus melhores momentos da vida orgânica, que se findou, tal procedimento de fé em Deus leva a eles os elementos necessários para a rápida readaptação ao novo ambiente em que se encontram agora!

Os laços de amor não se destroem com a morte do corpo. Os afetos inspirados na ternura são, não raro, anteriores ao berço e podem perfeitamente perdurar por toda a Eternidade. Sendo assim, tanto quanto possam, estes nossos entes queridos, onde quer que estejam, sentindo por nós os mesmos sentimentos de estima — podem amparar-nos em nossas dificuldades... Podem vir em nosso socorro, sem que disto tenhamos ciência, nas horas de nossas dores, no cadinho da experiência que nos cabe encarar com galhardia à face da Terra. Inclusive inspiram-nos ideias para os problemas que, para nós, não teriam solução.

Muitas vezes, então, dentro deste contexto, queremos manter um contato direto com eles. Desejamos, através deste ou daquele médium, uma mensagem dando notícias de como lá se encontram. De fato, na medida do possível, às vezes se dá esta possibilidade admirável. Através da mediunidade colocada a serviço do Bem de encarnados e de desencarnados, muitas vezes surgem ocasiões favoráveis para que nos mandem uma palavra de amor, uma frase de esperança, uma página de reconforto. É quando eles mesmos, à guisa de identificação, citam detalhes que de modo algum seriam do conhecimento do médium. Abordam assuntos que não estavam em nossa mente naquele momento da comunicação mediúnica! São atestados vivos de que se valem para testar a sua identidade; não estaríamos sendo vítimas de nenhum embuste ou ilusão.

Sem dúvida, tudo isso é consolador. Enche-nos de alegria. Sentimos de perto a Bondade de Deus. Aceitamos mais facilmente a pregação da imortalidade da alma!

Entretanto, manda a prudência que tais comunicações sejam espontâneas, não devendo ser provocadas mesmo em nome de uma grande saudade! Estas mensagens, como tantas foram dadas pelo médium Francisco Cândido Xavier, e estão em diversos livros de circulação intensa no meio espírita brasileiro, devem partir de lá para cá! Às vezes, o nosso ente querido está ao nosso lado, em nosso próprio lar, em nosso dia-a-dia, cobrindo-nos de dedicação amorosa e, no entanto, o contato mediúnico mais patente não se dá, como diz Kardec, em suas obras, por

falta de sintonia fluídica entre o Espírito comunicante e o médium, a despeito da boa vontade de ambos e o vivo interesse do familiar saudoso do ente querido.

Confiemos em Deus. Matenhamos acesa a esperança na misericórdia celestial. Avancemos no caminho do Bem na certeza inabalável de que a morte não é o ponto final de nossas relações afetuosas com os familiares e com os amigos que nos antecederam na grande viagem de regresso ao mundo espiritual.

Não à pena de morte

Celso Martins

Não é de agora que a família espírita brasileira, com grande empenho até, tem lutado contrariamente à implantação da pena de morte em nossa legislação, como alguns dirigentes tentam fazer no texto da Constituição, quando se fala em crimes hediondos.

A posição do Espiritismo é visceralmente contrária a esta forma simplista de resolver (se é que resolve mesmo!) um problema tão grave, qual seja o da violência, quer dizer, matar o criminoso, até porque sabemos todos que muitos países, tendo anteriormente adotado semelhante penalidade em suas leis, perceberam que nem por isso ou com isso solucionaram a criminalidade, ainda que, repito, dispendo estas nações de forca, de cadeira-elétrica, de fuzilamento. Aliás, o escritor russo Dostoiewski com carradas de razão já dizia que matar para punir é delito é, sem comparação, uma punição maior do que o próprio delito.

O Espiritismo é contrário à pena de morte porque, segundo tudo quanto sabemos através da mediunidade bem orientada para esclarecimento e consolo tanto de encarnados como de desencarnados, o Espírito, quer dizer, cada qual de nós em sua essência mais profunda, continua na mesma condição em que se encontrava quando da vida orgânica. Desta maneira, se durante a existência física foi violento, rancoroso, vingativo, os mesmos sentimentos de desforço, de desforra, de agressão ele alimentará depois da morte e se transformará sem dúvida em mais um desencarnado aflito influenciando perniciosamente sobre as atitudes de homens mal orientados e de iguais tendências primitivas e grotescas contra o próximo. Trata-se, pois, de uma ação muito perniciosa porque atua de maneira invisível.

Sendo assim, quem supõe que se livra de um delinquente, ilude-se redondamente! Ei-lo, não raro, que volta atormentado a atormentar a paz e o sossego e a tranquilidade dos chamados vivos, nós, que ainda estamos ligados ao corpo material à face da Terra.

Afora este esclarecimento altamente valioso sobre os enigmas da vida post-mortem, a Doutrina Espírita nos coloca diante dos olhos a ineficácia da pena de morte declarando que, enquanto houver a miséria social numa comunidade, haverá também a miséria moral. É o outro aspecto da questão, que não pode ser

ignorado. Tanto que para isto numa simples frase lapidar o escritor maranhense Coelho Neto chamava nossa atenção ao dizer: "O carrasco pode suprimir o criminoso, porém a miséria mantém o crime". É o lado social que não pode ser esquecido, muito embora, a bem da verdade, haja indivíduos violentos, morando em apartamentos de alto luxo, porque estes nossos irmãos de romagem terrena, na presenta encarnação, até como prova nasceram e vivem em altas camadas sociais, são ricos em bens e haveres terrenos. E outras tantas pessoas ditas pobres nas favelas, nos mocambos, nos cortiços, nos bairros periféricos das grandes cidades, são riquíssimas de sentimentos de bondade, de honradez, de amor para com os seus semelhantes.

Vem a calhe esta frase do Espírito Joanna de Ângelis, através do médium baiano Divaldo Pereira Franco, quando diz:

"O acúmulo das riquezas materiais em poucas mãos responde pela miséria econômica e social de inumeráveis indivíduos e comunidades desprovidas de tudo quanto favorece a ordem, o bem-estar, o desenvolvimento."

O fato de sermos espíritas não nos impede perceber estes fatos sociais gritantes: no Brasil, a fome atinge níveis assustadores, em que pese a reconhecida ação filantrópica dos espíritas. Mas o caso é que, em nossa terra, esta fome aparece devido à falta de proteínas, geralmente encontradas na carne, um alimento muito caro para a maioria de nossa população. Mais espantosos se tomam os dados de pesquisas sérias quando mostram a fome também presente por carência de alimentos mais baratos como o feijão, o macarrão, o pão, o leite, etc. Em **1974**, por exemplo, **65%** de nossos patrícios não consumiam o mínimo de calorias necessárias ao organismo humano, em tomo de **2.300** calorias por dia. Destes **65%**, cerca de **14** milhões ingeriam menos de **1.600**. Mais recentemente, a Campanha do sociólogo Betinho demonstrou a existência de **32** milhões de pessoas em situação de miséria absoluta. Claro que isto serve de fermento para a violência social.

Quem defende então a pena de morte, em vendo o que se passa, por exemplo, nas grandes cidades inchadas porque levadas enormes de pessoas são literalmente expulsas do campo, onde também se mata por questões agrárias; e estas pessoas uma vez na cidade, onde impera o consumo exacerbado, acabam marginalizadas; quem defende a pena de morte já parou alguma vez na vida para pensar em ser criada uma legislação que promova por meios pacíficos uma mais correta distribuição de renda? A chamada violência urbana é apenas a ponta de um enorme **iceberg**. Dinheiro sempre tem sido desviado para obras faraônicas, alisando a vaidade de determinadas autoridades governamentais com vistas a proveitos eleitoreiros. Dinheiro sempre existe para festas suntuosas em que grupos sociais oligárquicos gastam rios de dólares com vinhos capitosos e iguarias exóticas em cima da fome de muitos anônimos perdidos na multidão. Dinheiro sempre aparece para as mordomias e para as corrupções administrativas, senão para ser investido

na Bolsa de Valores com fins especulativos da ciranda financeira. Sem falarmos no dinheiro que é vertido na corrida armamentista fomentando a indústria da guerra a nível internacional.

Tudo isto tem um nome: egoísmo, do qual decorrem a prepotência, o orgulho, a indiferença, a tirania, os preconceitos, qualidades nefastas de uma sociedade divorciada das Leis de Deus.

Volto a citar o Espírito Joanna de Ângelis quando, pelo lápis psicográfico de Divaldo Franco, já deixou estas palavras dolorosamente ainda atuais:

"Trata-se a sociedade de erradicar os caldos de culturas sociais, econômicas e morais, onde proliferam os germens criminosos, e diminuiria a incidência dos males que se deseja coibir mediante a pena de morte"

(...) "Quando os homens compreenderem melhor o espírito e as soberanas leis que regem a vida, preocupar-se-ão mais com o próximo, cuidando de realizar programas sociais e educacionais para as comunidades menos favorecidas, ou melhor, lutarão para que não haja, no organismo da sociedade, os conglomerados, onde o fermento da miséria de toda natureza responde pela onda criminosa que se espalha hoje dominadora".

Para terminar este capítulo, diria que a Humanidade atravessa uma fase de profundas mudanças como se fora uma casa em obras de reforma, daí o tumulto aqui, ali, acolá. Todavia, como afirmava o médico patricio Oswaldo Cruz, "não esmorecer para não desmerecer". A Terra está aos poucos passando da categoria de mundo de provas e expiações para a de mundo regenerador. Claro que esta promoção não se dá num simples passe de mágica, num rápido piscar de olhos! Torna-se necessária também a nossa efetiva contribuição na seara do Bem, consolando os que choram, orientando os desorientados e, também, com ternura mas desassombro, desmascarando tantos quantos insistem em iludir seus irmãos de romagem terrena! No mundo de regeneração haverá o predomínio do Bem porque o homem devidamente orientado na observância às Leis do Criador não precisará ser punido com a pena de morte!...

CARO LEITOR

*

Maneira simples de você ficar bem informado sobre as conquistas do Espiritismo no Brasil e fora dele. Assine o jornal O Clarim e a Revista Internacional de Espiritismo. O que mais você tira destas duas publicações é o conteúdo doutrinário.

Se não encontrar nas livrarias o livro espírita de sua preferência, peça-o diretamente através do Serviço de Reembolso Postal ou pelo Fax **(016) 282-1647**.

Também fornecemos gratuitamente, desde que solicitado, o catálogo dos livros por nós editados.

CASA EDITORA O CLARIM Rua Rui Barbosa, 1070 — CEP 15990-000 — MATÃO
- SP